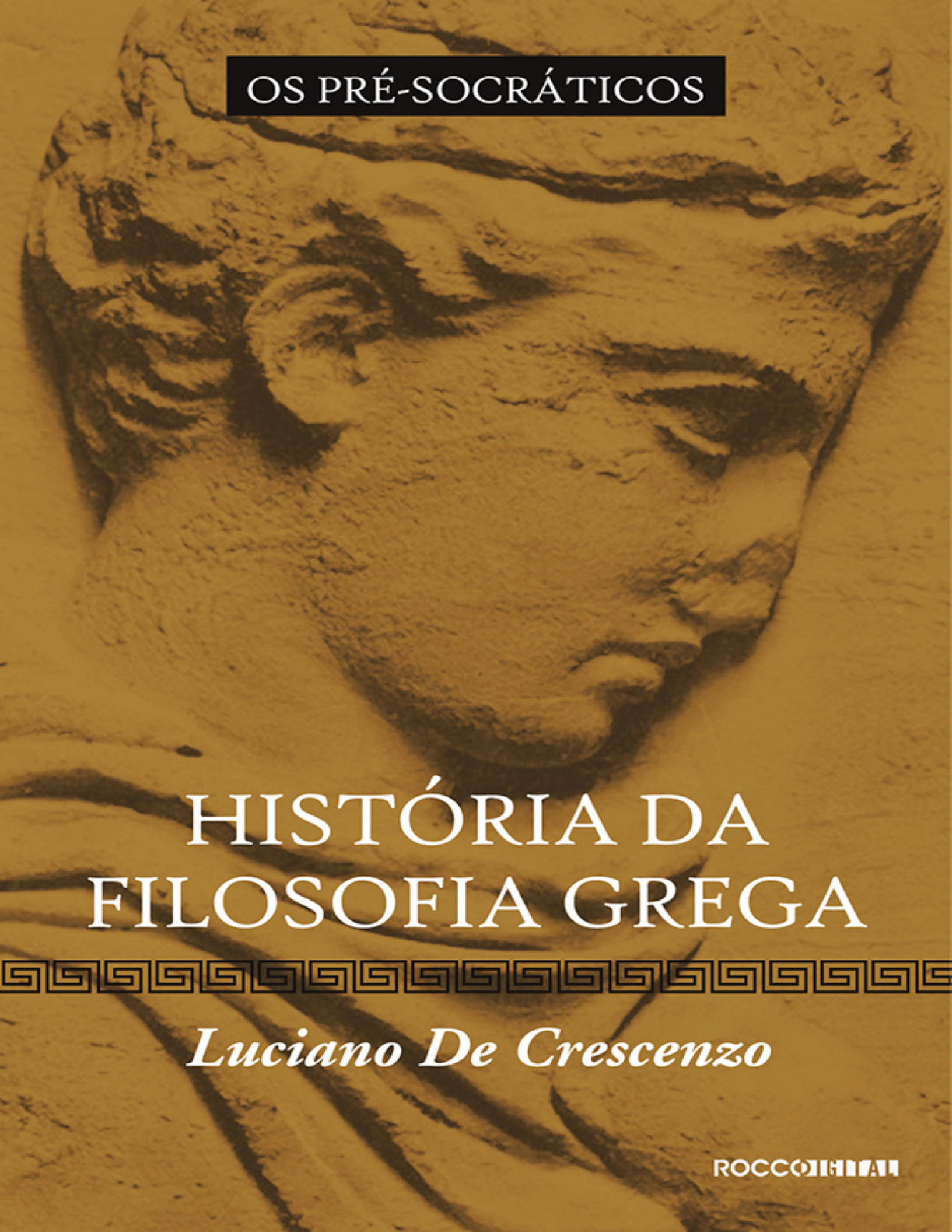


OS PRÉ-SOCRÁTICOS

HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA

Luciano De Crescenzo

ROCCO DIGITAL

Luciano de Crescenzo

HISTÓRIA DA FILOSOFIA GREGA

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

Tradução de
MARIO FONDELLI

ROCCO DIGITAL

Título original
STORIA DELLA FILOSOFIA GRECA
I PRESOCRATICI

Copyright © Luciano De Crescenzo
Primeira publicação em 1983
por Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milão.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARIA ÂNGELA VILLELA

Conversão para E-book
Freitas Bastos

Capa: Mabuya Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D35h
De Crescenzo, Luciano, 1928-
História da filosofia grega [recurso eletrônico]: os pré-socráticos / Luciano De Crescenzo; tradução de Mario Fondelli. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.
recurso digital

Tradução de: Storia della filosofia greca: I presocratici
Formato: e-Pub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8122-080-2 (recurso eletrônico)

1. Filosofia antiga. 2. Filosofia – História. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

12-4416 CDD–182 CDU–1(38)

Estas coisas escrevo, como a mim parecem
verdadeiras, pois os contos dos gregos são,
no meu entender, muitos e risíveis.

ECATEU fr. 1 JACOBY



Fig. 1 – A Grécia italiana.

PREFÁCIO

Meu caro Salvatore[1]

Você é um filósofo e nem sabe disto. É um filósofo porque tem um jeito todo seu de enfrentar os problemas da vida. Dito isto, creio que lhe possa ser útil conhecer alguma coisa daquilo que os gregos pensavam a respeito, e é por isso que decidi escrever uma História da Filosofia Grega pensando em você. A minha tentativa será no sentido de contar numa linguagem simples o pensamento e a vida dos primeiros filósofos.

Por que os gregos? Fique sabendo, meu bom Salvatore, que você não é italiano, você é grego. Isto mesmo, grego, e quase me atrevo a dizer "ateniense". A Grécia, entendida como maneira de viver a vida, é um imenso e extremamente importante país mediterrâneo, feito de sol e de conversa, que naquilo que diz respeito à nossa península, chega mais ou menos à altura do rio Volturno (veja figura 1). Além desta fronteira geográfica e de comportamento encontramos os romanos, os etruscos e os centro-europeus, todas pessoas bastante diferentes de nós e com as quais nem sempre é possível manter um diálogo. Para entendermos melhor a essência desta diversidade, quero que você repare num verbo que existe na língua grega que, não tendo correspondentes em nenhum outro idioma, é de fato intraduzível, a não ser que você recorra a frases longas e complicadas. Este verbo é "agorazein".

"Agorazein" *quer dizer "descer até a praça para ver o que estão dizendo" e portanto conversar, comprar, vender e encontrar os amigos; mas também quer dizer sair de casa sem um motivo particular nem uma meta precisa, passear por aí aproveitando o sol até o almoço ficar pronto, em outras palavras* "intalliarsi" [ficar por dentro], *como costumamos dizer por estas bandas, quer dizer demorar-se, deixar-se levar até tornar-se parte de um magma humano feito de gestos, olhares e ruídos.* "Agorázonta", *em particular, é o particípio deste verbo e descreve a maneira de andar daquele que pratica o* "agorazein", *isto é, o caminhar lentamente, de mãos juntas atrás das costas, e seguindo um caminho quase nunca em linha reta. O estrangeiro que em viagem de turismo ou de trabalho se encontrasse*

porventura numa aldeia grega, tanto faz se Corinto ou a nossa Pozzuoli, ficaria bastante surpreso ao ver um número tão grande de habitantes avançando molemente pelas ruas, indo para cima e para baixo, parando a cada três passos para conversar em voz alta, e seguir em frente para logo depois deter-se de novo. Poderia ser levado a pensar que chegou ali num feriado particular, quando na verdade está assistindo a uma normalíssima cena de "agorazein". *Pois bem, a filosofia grega deve muito a este hábito peripatético dos meridionais.*

"Meu caro Fedro", diz Sócrates, "de onde estás vindo e para onde vais?"

"Estava com Lísias, o filho de Céfalos, meu bom Sócrates", responde Fedro, "e agora vou dar um passeio fora da cidade. Desta forma, seguindo o conselho do nosso amigo comum Acumeno, darei uma volta ao ar livre porque, diz ele, isto revigora muito mais do que passear sob os arcos."

É assim que começa um dos mais lindos diálogos de Platão: o Fedro. *A verdade é que esses atenienses nada faziam de produtivo: passeavam, conversavam, ficavam se perguntando o que era o Bem e o Mal, mas quanto a trabalhar, a construir alguma coisa prática que pudessem vender ou usar, nem pensar. Não podemos esquecer, por outro lado, que naquele tempo Atenas tinha mais ou menos 20 mil cidadãos e nada menos de 200 mil sujeitos de segunda classe, entre escravos e metecos.*[2] *Havia portanto quem cuidasse do trabalho e de tudo mais que servisse para tocar o barco. Em compensação eles, os atenienses, ainda não haviam sido contagiados pelo vírus do consumismo, contentavam-se com muito pouco e podiam dedicar-se aos prazeres do espírito e da conversa.*

Mas vamos voltar à filosofia e ao motivo desta minha tentativa.

A filosofia é uma prática indispensável do ser humano, proveitosa para enfrentar os problemas miúdos do dia a dia, cujo estudo, infelizmente, não se tornou obrigatório como o serviço militar. Se fosse por mim, incluí-la-ia imediatamente no currículo do curso secundário; receio no entanto que, achando-a matéria superada e obsoleta, se tente substituí-la pelas mais moderninhas "ciências humanas e sociais". Mais ou menos como se alguém quisesse abolir o estudo da aritmética uma vez que os quitandeiros já sabem usar o computador.

Mas o que vem a ser a filosofia? Bom, assim de supetão não é realmente tão fácil dar uma definição. O homem alcançou os mais altos cumes da

civilização através de duas disciplinas fundamentais: a ciência e a religião. Agora, enquanto a ciência estuda os fenômenos da natureza com o recurso da razão, a religião, satisfazendo uma necessidade íntima da alma humana, busca alguma coisa absoluta, algo que supere a capacidade de conhecer através do intelecto e dos sentidos. É aí que entra a filosofia, pois ela é alguma coisa entre a ciência e a religião, mais perto de uma ou de outra dependendo de termos a ver com filósofos ditos racionalistas ou aqueles com um certo pendor para uma visão mística do mundo. Para Bertrand Russell, filósofo inglês da escola racionalista, a filosofia é uma espécie de Terra de Ninguém, entre a Ciência e a Teologia, e sujeita aos ataques de ambas.

Você, meu bom Salvatore, não sabe absolutamente nada de filosofia uma vez que os seus estudos não chegaram tão longe. Mas não fique triste: há muitos nas mesmas condições. Na verdade ninguém sabe coisa alguma sobre filosofia. Na Itália, só para dar um exemplo, de 56 milhões de pessoas só umas 150 mil no máximo devem conseguir gaguejar umas quatro palavras na tentativa de definir as diferenças fundamentais entre o pensamento de Platão e o de Aristóteles (na prática, os professores de filosofia e os estudantes que nesse momento estão enfrentando as bancas examinadoras). A maioria dos outros, mesmo com um passado de estudos clássicos, limitar-se-ia a falar em amor platônico e diria tratar-se daquele relacionamento sentimental entre um homem e uma mulher em que infelizmente ninguém vai para a cama com ninguém, quando na verdade Platão tinha a respeito do assunto ideias muito mais abertas e desenvoltas.

Se a filosofia realmente representa uma espécie de "buraco negro" no preparo cultural médio dos italianos, é claro que alguém ou alguma coisa deve ser responsável por isto; agora, no meu entender o maior culpado não é a matéria, na verdade às vezes um tanto indigesta e até incompreensível, mas sim os especialistas do setor que, de propósito e em conluio, decidiram fazer o possível para mantê-la fora do alcance dos demais. É claro que não li todas as histórias da filosofia editadas na Itália mas, de qualquer maneira, a não ser pela História da filosofia ocidental *de Bertrand Russell, em todos os outros casos sempre tive sérias dificuldades para decifrar a prosa especializada dos professores.*

Este negócio de linguagem técnica é uma antiga praga que invade todos os campos do saber (estava quase a ponto de dizer "do humano discernir",

mas então lembrei que você não faz a menor ideia do que venha a ser "discernir" e preferi usar uma palavra mais corriqueira). Com efeito, desde que nos conhecemos como gente, sempre houve algum engraçadinho disposto a soltar os seus abracadabras para impressionar os ouvintes incautos. O negócio vem de longe: os sacerdotes egípcios de 5.000 anos atrás já faziam isto e a coisa continua com todo tipo de curandeiros e rábulas que infernizam o mundo, chegando aos atuais diretores hospitalares que, quando aparecem na tevê nunca dizem "febre", pois acham mais elegante usar o mais sofisticado "temperatura corporal".

A linguagem especializada rende, aumenta o prestígio e o poder de quem a usa. Hoje em dia não há grupo, associação ou irmandade que não tenha uma linguagem técnica própria. O mau hábito não tem limites. Nos aeroportos, por exemplo, se tiverem de anunciar o atraso de algum voo, a frase de praxe é esta: "Devido à chegada atrasada da aeronave o voo AZ 642 etc. etc." Agora, eu gostaria de saber se o funcionário que pela primeira vez bolou o aviso, se ele, quando está em casa, costuma usar a mesma linguagem com a mulher. "Chica, amanhã vou ter que ir a Milão, vou pegar a aeronave das nove e meia." Nada disto: com a mulher ele vai dizer "avião", guardando a palavra "aeronave" para nós, pobres coitados, e isto porque sabe que diante de um vocábulo esdrúxulo como "aeronave" o viajante comum cai num estado de profundo acanhamento e nem tem mais a coragem de protestar pelo atraso; como se alguém lhe dissesse: "Pare de dizer besteiras, seu bobo ignorante! Você nem sabe como uma aeronave funciona, e então fique quietinho e agradeça a Deus só pelo fato de falarmos com você!"

Outros exemplos: quando em Nápoles houve um surto de cólera colocou-se logo a culpa nos mexilhões; na televisão, no entanto, os mexilhões foram chamados de mitilídeos e então aconteceu que todos os napolitanos, não sabendo o que eram os tais mitilídeos, continuaram bravamente a comer mexilhões. Numa outra ocasião eu estava na casa do meu alfaiate, Saverio Guardascione, assistindo ao noticiário da tevê com o próprio Saverio e com Papiluccio, um pequeno vira-lata encontrado na Arenaccia logo depois do terremoto. O locutor diz: "... o foragido foi capturado com a ajuda das unidades cinófilas..." Aí Saverio pergunta: "Doutô, que negócio é esse de unidades cinófilas?" *"São cães", respondi, tentando simplificar o conceito.* "Minha Nossa", *exclamou Saverio,* "Veja só, eu tenho uma

unidade cinófila há mais de um ano e nem sabia!” *Papiluccio entendeu que estávamos falando dele e abanou o rabo em sinal de gratidão.*

Quanto aos políticos, então, é melhor nem falar! São a quintessência do falar difícil a serviço da manutenção do poder. Certa vez ouvi um deles dizer na televisão que “indubitavelmente temos na Itália um problema de moeda divisional parcialmente resolvido com uma emissão cartácea substitutiva”. Queria dizer que estava faltando dinheiro miúdo e que as pessoas davam um jeito com minicheques. Eu juro, se fosse por mim ia deixá-lo nu diante de todo o mundo, ao vivo, e lhe daria umas boas chibatadas até pronunciar a frase de forma inteligível! O problema é que os especialistas do saber receiam que uma eventual simplicidade de expressão possa ser confundida com a ignorância. Nem lhe conto, então, como reagem quando percebem que você quer tratar a matéria deles com algum desembaraço: vão logo tachando você de “divulgador” e torcem a boca e empinam o nariz como se o verbo “divulgar” emanasse sabe lá qual fedor insuportável. Na verdade todos estes figurões detestam os seus similares e defendem muito mais a sua própria imagem do que a difusão do saber.

Na Itália somos verdadeiros mestres do tédio aplicado à cultura; para dar-se conta disto basta entrar num dos nossos museus: corredores imensos, sempre iguais e sempre desertos, esculturas e quadros desprovidos de qualquer nota explicativa, melancólicos vigias que só estão lá à espera da aposentadoria, silêncio tumular, lembrando mais uma cripta do que um cemitério. Que diferença dos americanos! Vamos pegar por exemplo o Museu de História Natural de Nova York: todos se divertem, crianças e adultos, os estudiosos e os analfabetos. Lá dentro há bares, restaurantes, vídeos que explicam como, quando e por quê, os dioramas com as reconstruções das paisagens pré-históricas e os tiranossauros que mostram os dentes, as canoas dos índios e Touro Sentado que rema. Concordo, um museu assim faz pensar mais em Walt Disney do que em Darwin, mas, meu Deus do céu, o visitante passa lá o dia inteiro e quando sai pode até ter aprendido alguma coisa.

Dito isto, e apesar da cara feia dos sabichões sisudos, gostaria de poder demonstrar que às vezes a filosofia grega até chega a ser divertida e fácil de se compreender. Alguns filósofos em particular, depois de se quebrar o gelo com eles, acabarão parecendo tão familiares que você vai até achá-los parecidos com as pessoas do seu círculo de amizades. Aristotélicos,

platônicos, sofistas, céticos, epicuristas, cínicos, cirenaicos poderiam tornar-se referências muito mais eficazes, quando usadas com acerto, do que os signos do Zodíaco para identificar o estilo mental de uma pessoa. É inútil negar: nós somos os descendentes diretos desses cavalheiros! Quando em 1184 a.C.[3] *a guerra de Troia chegou ao fim, fosse devido às tempestades encontradas no caminho de volta, fosse devido ao medo que se apossara dos vencidos, os heróis gregos e os refugiados troianos espalharam-se por toda parte, fundando aldeias e vilarejos pelo Mediterrâneo afora e criando as premissas desta nossa ascendência. Nos séculos seguintes, com as sucessivas "visitas" à Ática e ao Peloponeso das hordas bárbaras vindas do Norte, os gregos começaram a sentir-se um tanto apertados em casa e foram ao mar a fim de reproduzir como imagens especulares das* póleis *da pátria, outras cidades: todas elas com o Templo, a Ágora (a praça central), o Pritaneu (a prefeitura), o Teatro, o Ginásio e assim por diante. Por aquilo que acabamos de ver, podemos dizer que a velha Grécia representou para a história do pensamento ocidental o que para o universo foi o* Big Bang*, isto é, o grande estouro do qual surgiriam as galáxias e as constelações. Se nunca houvesse existido a civilização grega, nós teríamos quase certamente acabado sob a influência das doutrinas orientais e aí, meu bom Salvatore, aí a coisa seria diferente. Pois é, porque você deve saber que um pouco mais ao Sul da Grécia, do lado direito de quem olha o mapa do Mediterrâneo, há o terrível Oriente que os ingleses chamam de Médio mas que para nós é até Próximo demais: uma terra estranha onde todos os homens, desde criancinhas, crescem com o hobby da religião. Agora, sem umas duas batalhas vencidas por nós (a de Plateias contra os persas e a de Poitiers contra os muçulmanos)*[4] *e sem a firme oposição do racionalismo grego, herdado dos velhos filósofos pré-socráticos, nenhum de nós ter-se-ia salvo da ofensiva asiática, e pode ser que ao meio-dia de hoje estivéssemos todos dobrados no chão e virados para a Meca. Ainda bem, portanto, que as antigas* póleis *não eram regidas pelos sacerdotes, como já havia acontecido com os egípcios e os assírio-babilônios, mas sim por grupos de aristocratas não muito dados às rezas e ao misticismo. E uma vez que estamos falando em religião, vamos ver qual era o relacionamento dos gregos com os seus Deuses.*

Antes de mais nada: os Deuses não eram todo-poderosos. Até mesmo Zeus, o Grande Velho, não podia fazer tudo aquilo que quisesse. Sobre ele e

sobre todas as demais divindades dominava o Fado ou, como nos conta Homero, a Anánke*, a Necessidade. Este negócio do poder limitado dos Deuses, e dos tiranos em geral, representa a grande lição de democracia que nos foi legada pelos nossos antepassados. Para o filósofo grego, o Bem identifica-se com a Medida, com o Comedimento.*

Segunda consideração: a religião, na Grécia, não era muito religiosa. Os Deuses tinham quase todos os vícios dos mortais: brigavam, ficavam bêbedos, mentiam, traíam uns aos outros e assim por diante. Não podemos portanto ficar surpresos se o respeito do povo por essas divindades acabasse ficando um tanto chamuscado: honravam-nas, quanto a isto não há dúvidas, mas sem exageros. Nada a ver, por exemplo, com o terror inspirado por Jeová, o terrível Deus dos Judeus. Só para dar uma ideia: o trono dos Deuses, o Olimpo, havia sido colocado numa montanha e não no céu como em qualquer outra religião digna deste nome, sinal de que não tinham medo de alguém poder ir controlar.

Faço questão de frisar o aspecto religioso na Antiga Grécia, porque é justamente a passagem do mundo supersticioso dos ritos órficos para aquele científico dos primeiros observadores da natureza a assinalar o nascimento da filosofia. Não é por acaso que o primeiro filósofo da história é Tales de Mileto, isto é, um astrônomo especializado em eclipses solares, pelo menos se não quisermos considerar filósofo qualquer um capaz de formular um pensamento que se eleve acima das necessidades materiais imediatas, o que nos forçaria a datar o nascimento da filosofia cerca de 40 mil anos antes, mais ou menos na época do Paleolítico superior.

Imagino a cena: naquela noite Huno estava feliz, tudo havia corrido conforme os seus desejos: havia conseguido capturar um pequeno veado, gordo e macio, esquartejara-o com a sua lâmina de pedra lascada e assara-o lentamente no fogo. Hana também, a sua mulher, comera até não poder mais. Em seguida, haviam feito amor. Finalmente Hana voltara para dentro da caverna e ele ficara ali, pensando. Fazia calor e ele não estava com sono. Deitara-se de costas na grama e começara a olhar para o céu estrelado. Era uma noite de agosto sem luar. Milhares e mais milhares de pontinhos luminosos brilhavam acima da sua cabeça. O que podiam ser aqueles fogos, Huno ficou imaginando. Quem os acendera lá no céu? Um imenso gigante? Um Deus? Aí está, a religião e a ciência que nascem

juntas, o medo do desconhecido e a curiosidade do saber, e portanto a filosofia.

L. De Crescenzo

---

1 Salvatore é o “vice-porteiro-substituto” em via Petrarca 58, Nápoles, onde mora o professor Gennaro Bellavista (veja *Così parlò Bellavista*, Mondadori, Milão, 1977).
2 Metecos: estrangeiros que residiam em Atenas.
3 Na verdade, a data bastante incerta da destruição de Troia resulta de um cálculo um tanto obscuro de Eratóstenes.
4 Para quem não resiste à tentação do enciclopedismo de bolso, vale dizer que a batalha de Plateias, em 479 a.C., foi vencida por uma liga grega chefiada por Pausânias, enquanto a de Poitiers, em 732 d.C., marcou o triunfo de Carlos Martel.

ADVERTÊNCIA

Desde a época da escola primária sempre gostei da hora do recreio. No secundário esperava com ansiedade a aula de educação física ou de religião. Com o passar dos anos, durante os congressos ou as reuniões de trabalho, aproveitava o *coffee-break* das dez com um suspiro de alívio. Levando-se em conta os meus antecedentes, achei por bem entremear nas fileiras dos filósofos gregos um grupinho de "filósofos meus" de nomes incomuns, pessoas como Peppino Russo ou Tonino Capone: eles querem ser a hora do recreio que ofereço ao leitor. O editor, por sua vez, receando que algum estudante desprevenido possa confundi-los com filósofos de verdade e levá-los até a banca examinadora, exigiu usar para eles uma composição gráfica diferente e até uma moldura.

I
OS SETE SÁBIOS

Os Sete Sábios eram vinte e dois, e precisamente: Tales, Pítacos, Biante, Sólon, Cleóbulo, Quílon, Periandro, Míson, Aristodemo, Epimênides, Leofanto, Pitágoras, Anacárses, Hepicarmo, Acusilau, Orfeu, Pisístrato, Ferécides, Hermioneu, Lasos, Pânfilo e Anaxágoras.

Não fiquem surpresos: os sábios citados nos textos sagrados são tão numerosos devido aos historiadores da filosofia que nunca conseguiram chegar a um consenso quanto aos nomes ou, melhor dizendo, aos nomes restantes depois dos quatro primeiros. Assim sendo, podemos dizer que Tales, Pítacos, Biante e Sólon são os titulares absolutos da posição, enquanto os três outros "jogadores" vinham de um "banco de reservas" bastante concorrido. Não podemos esquecer, além disto, que, ao escrever essas listas sempre havia um espertinho que não perdia a ocasião para incluir algum amigo ou até o personagem político mais na moda no momento, como se eu, agora, ao preparar a lista dos sete sábios, incluísse por adulação o nome do primeiro-ministro ou de qualquer outro figurão.

Deixando as brincadeiras de lado, acredito ter realmente conhecido um sábio de verdade. Chamava-se Alfonso, ou melhor, dom Alfonso, e era o gerente de um salão de bilhar em Fuorigrotta. Antes de mais nada era um homem com a postura certa para o papel: já de uma certa idade, com barba e cabelos brancos, e uma grande capacidade de ficar calado. Nunca falava, e quando o fazia era extremamente lacônico: frio, conciso, inapelável. Cada vez que os jogadores o chamavam para decidir quem marcara o ponto, ele se aproximava da mesa, olhava para as bolas de marfim como se já estivesse acostumado a vê-las naquela idêntica posição, e dizia "branco" ou "vermelho", assim, sem mais nada, sem precisar dar qualquer outra explicação. Vocês poderiam perguntar: e como é que você sabe que era um sábio, se diz ao mesmo tempo que quase não falava? Eu sei, ou melhor dizendo, eu o sinto. Dom Alfonso tinha nos olhos todas as experiências de

uma vida, uma vida na qual, acredito, deve ter acontecido de tudo. Tenho certeza de que, em caso de necessidade, poderia ir falar com ele e encontrar conforto. Pode ser até que ficasse algum tempo calado, como no caso das bolas, mas aí diria certamente alguma coisa que me iluminaria.

Os sábios também não costumavam desperdiçar as palavras: lacônicos, como se costuma dizer, mesmo quando não eram originários da Lacônia. “Sabendo, cale-se” (Sólon), “Odeie falar rápido” (Biante), “Seja ávido de ouvir, não de falar” (Cleóbulo), “Não deixe a sua língua correr à frente do seu pensamento” (Quílon) fornecem-nos um bom exemplo de como naquela época a sabedoria andava de mãos dadas com a parcimônia de palavras. Devido justamente a essa capacidade de síntese, os sábios podem ser considerados os inventores dos provérbios. Alguns dos seus ditados continuam circulando por aí: o “Escolha a sua mulher entre os seus iguais” corresponde à exortação com que muitos povos aconselham a casar-se com pessoas do mesmo ambiente sociocultural, e o “Mantenha relações com pessoas convenientes” corresponde à máxima napolitana “*Fattelle cu chi è cchiú meglio ’e te e fanne ’e spese*”.[5]

Graças aos ditados, isto é, os provérbios, a fama dos Sete Sábios corria de boca em boca por toda a Grécia, tanto assim que, apesar de não haver o que hoje chamaríamos de mídia, não havia no mundo grego quem não conhecesse tintim por tintim a vida e as anedotas referentes a Tales e à sua turma. Os pais costumavam recorrer a estas palavras na educação dos filhos, assim como os oradores que amiúde usavam-nas tanto na política quanto nos tribunais; as suas canções eram normalmente cantadas nos banquetes e, ao contrário do que acontece nos festivais de hoje, eram recheadas de princípios morais. Lembro-me em particular de uma de Quílon cujo refrão dizia: “É com a pedra que se testa o ouro, mas é com o ouro que se testa o homem.”[6]

Dentre os vinte e dois, o mais simpático, a meu ver, é Pítaco de Mitilene. Diógenes Laércio conta que, além de sábio, também era um competente estrategista e os seus concidadãos, quando ele se aposentou, para agradecer-lhe tudo o que tinha feito pela pátria, doaram-lhe um vasto território ao qual deram o nome de Pitácia. Apesar disto Pítaco não quis tornar-se um latifundiário e só aceitou o que considerava suficiente para as suas necessidades. Justificou-se dizendo que “o pouco era maior do que o todo”.[7]

Entre os adágios mais sugestivos de Pítaco de Mitilene gosto de lembrar os seguintes:[8] “Não conte o que está a ponto de fazer”, “É difícil ser bom”, “Digna de confiança é a terra, traiçoeiro é o mar” e principalmente “Aceite ser prejudicado um pouco pelo seu vizinho”. Esta última frase pode ser considerada o décimo primeiro mandamento do povo napolitano, pelo menos porque realça a sua principal qualidade: a tolerância. Só graças à tolerância, com efeito, é possível aceitar o princípio contrário, isto é, “Incomode um pouco o seu vizinho” que, no caso específico, mais do que uma máxima, é um verdadeiro inconveniente para quem se vê forçado a viver por estas bandas.

Sobre os Sete Sábios conta-se uma anedota instrutiva e divertida demais para que alguém tenha vontade de controlar a sua real autenticidade: parece que certo dia os sete líderes da sabedoria, querendo dar um passeio pelos campos, decidiram encontrar-se em Delfos, perto do oráculo de Apolo, e que, ao chegarem lá, foram recebidos com todas as honras pelo mais antigo dos sacerdotes. Este último, ao ver-se cercado pelo que de melhor a sabedoria grega tinha a oferecer, aproveitou para pedir que cada um deles deixasse gravada uma máxima nos muros do templo. O primeiro a aceitar o convite foi Quílon de Esparta[9] que, depois de pedir uma escada, escreveu bem em cima do portal da fachada o famoso ditado “Conhece a ti mesmo”.[10] Um depois do outro todos os demais seguiram o seu exemplo.[11] Cleóbulo e Periandro, o primeiro à esquerda e o segundo à direita do portal, gravaram seus famosos adágios: “Ótimo é o comedimento” e “A coisa mais linda do mundo é a tranquilidade”. Sólon, em sinal de modéstia, escolheu um cantinho meio escondido do prostilo para escrever “Aprende a obedecer e aprenderás a comandar”. Tales deixou o seu testemunho nos muros externos do templo, para que os romeiros que chegassem pela via Sagrada pudessem logo ver, depois da esquina do altar dos Quiotos, a escrita “Lembra-te dos amigos!”. Pítaco, com a sua costumeira excentricidade, ajoelhou-se aos pés do trípode da pitonisa e esculpiu no chão um incompreensível “Devolve o depósito”. Quem ficou por último foi Biante que, com grande surpresa de todos os presentes, começou a dizer que, bem, na verdade, naquele dia não estava muito inspirado, que... em resumo... não tinha nada a dizer. Todos os demais ficaram à volta dele, tentando sugerir alguma coisa que tivesse o devido impacto; acontece porém que, malgrado a incitação dos colegas, Biante parecia irredutível. Quanto mais os outros

diziam: “Vamos, Biante, filho de Teutamo, que entre todos nós és o mais sábio, deixa aos futuros visitantes deste templo a marca da tua luz!”, mais ele se esquivava dizendo: “Meus amigos: acho melhor para todos nós que eu não escreva coisa alguma.” Mas foi tal a insistência, que a certa altura o coitado do homem não pôde mais esquivar-se e teve de escrever alguma coisa: foi então que com mão trêmula segurou um cinzel e gravou: “A maioria dos homens é má.”[12]

Numa leitura apressada poderia parecer uma frase à toa, sem maior importância, mas na verdade, meus caros leitores, esta máxima de Biante representa o mais dramático veredicto expressado pela filosofia grega. “A maioria dos homens é má” é uma bomba capaz de destruir qualquer ideologia. É como entrar num supermercado e tirar de uma pilha de latas uma das latas na base: desmorona tudo. Caem por terra o princípio da democracia, o sufrágio universal, o marxismo, o cristianismo e qualquer outra doutrina baseada no amor pelos semelhantes. E perde a partida o nosso bom Jean-Jacques Rousseau, defensor da teoria do homem “bom por natureza”, deixando o caminho livre para Thomas Hobbes com o seu slogan *homo homini lupus*.[13]

Sei muito bem que o nosso nobre coração se recusa a aceitar o pessimismo de Biante, mesmo que bem no fundo alguma coisa nos diga que aquele velho louco estava certo. Qualquer um que tenha alguma vez acompanhado um jogo de futebol num estádio sabe muito bem qual é o verdadeiro rosto da multidão. Tanto assim que, na antiga Roma, o gladiador vencido confiava eventualmente no indulto do imperador, nunca no do povo, para o qual o polegar para baixo era a única escolha concebível: o *cives romanus* ia ao Coliseu, com a família, com a finalidade específica de ver matar quanto mais pessoas possível e isso, guardando as devidas proporções, continua acontecendo até hoje. Não creio que possa haver dúvidas quanto ao fato de o homem ser o animal mais cruel jamais criado. A única esperança nos é dada por Bergson quando diz que a humanidade, lenta mas inexoravelmente, tende a tornar-se cada vez melhor, cada vez mais bondosa. Vamos portanto aceitar com prazer esse auspício e esperar confiantes pelo ano 3000.

Uma outra interpretação da máxima de Biante poderia ser esta: a maioria dos homens é má na condição de maioria. Em outras palavras, as pessoas, tomadas individualmente, seriam todas elas boas, sujeitas infelizmente a se

tornarem feras raivosas quando transformadas em multidão. Não sei quanto a vocês, meus caros leitores, mas eu, por mim, sempre tive a tendência a ficar com as minorias, e portanto pergunto a mim mesmo: evitei as multidões para não me deixar corromper pela maldade coletiva ou, ao contrário, para exercer melhor a minha parte de malvadeza em relação ao povo? Será que a minha atitude não passou de mero esnobismo? Medo de ficar perdido no rebanho? Racismo antidemocrático de quem acha que pertence ao grupinho dos "poucos mas bons"? Tenho receio das eventuais respostas.

No quinto século antes de Cristo um anônimo ateniense, provavelmente um foragido, escreveu um libelo,[14] atualmente publicado pelo editor Sellerio, com o título *A democracia como violência*. Trata-se de uma longa conversa entre dois cidadãos que comentam, sem papas na língua, o novo regime democrático instaurado em Atenas. Um dos dois afirma: "... nos melhores há o mínimo de descomedimento e injustiça, e o máximo de inclinação para o bem; enquanto no povo há o máximo de ignorância, desordem e maldade, uma vez que a pobreza incita-os à ignomínia, assim como a falta de educação e a grosseria que em muitos nascem da miséria..."[15]

Este trecho representa provavelmente a mais antiga crítica do modelo democrático e é interessante notar que o autor, apesar de ser claramente um reacionário, nada tem contra o povo que, como ele mesmo diz, "só procura levar vantagem", enquanto se levanta violentamente contra aqueles que "embora não tenham origens populares, escolhem atuar numa cidade governada pelo povo e não pelos melhores por saberem que num ambiente democrático poderão disfarçar as suas próprias patifarias muito melhor do que numa oligarquia".[16]

Voltando aos Sete Sábios, o que entendi é que precisamos ser um tanto desconfiados quanto à sabedoria: com efeito ela fica amiúde numa posição antitética à do idealismo. A sabedoria nada mais é do que o bom senso, isto é, o conhecimento correto das coisas da vida, enquanto o idealismo representa o irresistível desejo de se confiar num futuro melhor. A sabedoria fala dos homens mostrando-os como realmente são, enquanto o idealismo prefere imaginá-los como gostaria que eles fossem. Deixo com vocês a escolha entre estas duas maneiras de se entender a vida.



Fig. 2 – **As costas da Jônia.**

---

5 Ande com quem é melhor do que você e tire proveito disto. (N. do T.)
6 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, I 71.
7 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, I 75.
8 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, I 76-78.
9 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, I 40-42.
10 Segundo outros, a máxima “Conhece a ti mesmo” seria de Tales.
11 Para todas as máximas e os testemunhos relativos aos Sete Sábios, consulte *I Presocratici*, aos cuidados de G. Giannantoni, Bari, 1975[6], vol. I, pp. 71-6.
12 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, I 87.
13 *Homem lobo do homem*, no sentido de ser predador da sua própria espécie. (N. do T.)
14 O panfleto foi encontrado entre as obras de Xenofonte, amigo dos Trinta Tiranos e portanto adversário da democracia ateniense.
15 Anônimo ateniense, *La democrazia come violenza*, aos cuidados de L. Canfora, Palermo, 1982, p. 16.

16 Anônimo ateniense, *La democrazia come violenza*, p. 30.

II
MILETO

Mileto é uma pequena cidade turca localizada uns poucos quilômetros ao sul da ilha de Samos, na costa da Anatólia. Na época que estamos examinando, o VII e o VI século antes de Cristo, era a mais importante cidade da Jônia e, talvez, do mundo. Agora, não sei se vocês já repararam, mas o epicentro da história, e portanto da arte, da literatura e do poder militar, muda lentamente de lugar no globo terrestre seguindo de forma mais ou menos regular o caminho do sol: surge nas costas ocidentais da Ásia, demora-se um bom tempo na Grécia e depois dá um salto: instala-se em Roma onde, entre Império Romano e papado, faz o que bem quiser até o advento da Reforma, quando emigra então para a França, Inglaterra e, outro salto, para a América, onde parece estar atualmente firmemente instalado. Talvez não demore muito para chegar ao Japão e talvez, depois de uns mil anos, volte a circular novamente por estas bandas.

Mileto foi fundada antes do ano mil por colonizadores que alguns acham originários de Creta, outros da Grécia continental e ainda outros da recém-destruída Troia. Pelo que conta Heródoto,[17] o mais romanesco dos historiadores gregos, os invasores “não trouxeram esposas mas sim pegaram as mulheres da Cária depois de matar os seus parentes”, isto é, perpetraram o costumeiro rapto das sabinas ao qual não se sabe quantos povos devem hoje a própria existência. Parece que o chefe dos estupradores era nada menos que Neleu, o filho do deus Poseidon. Isto não deve ser motivo de surpresa pois os antigos sempre tiveram o hábito de jogar nos ombros dos deuses os malfeitos dos seus antepassados. Pena que América e Rússia não possam fazer o mesmo no que diz respeito ao que houve no Chile e no Afeganistão.

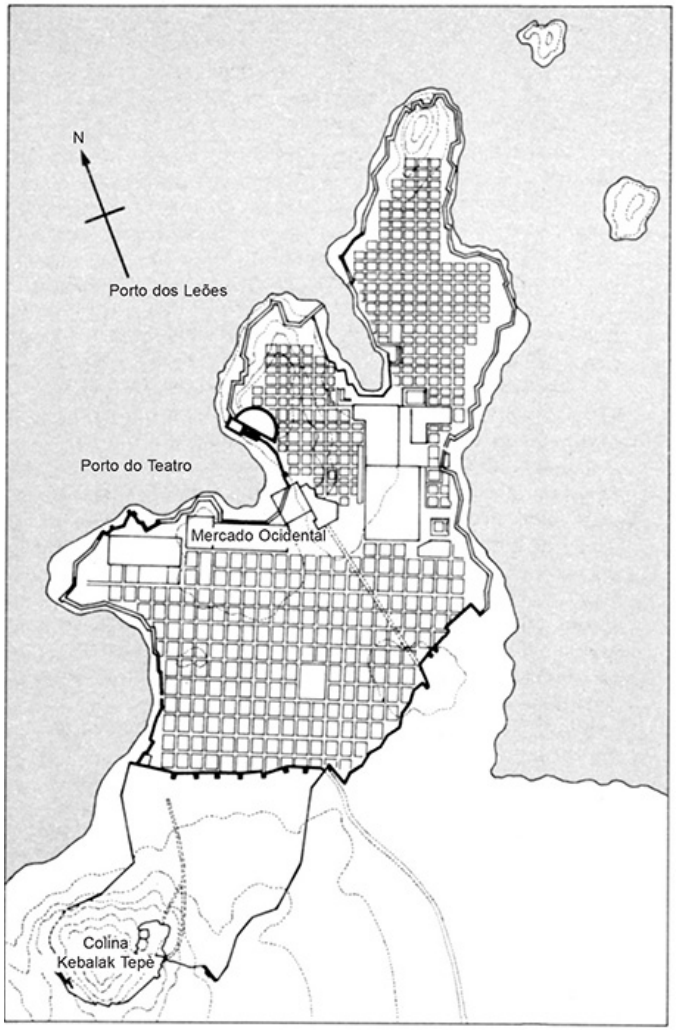


Fig. 3 – **Mileto: mapa da cidade depois da reconstrução de 479 a.C.**

Aquilo que realmente precisamos entender, no contexto da história que estou prestes a contar, é que Mileto era uma cidade moderna, comercialmente muito desenvolvida, onde o único Deus que realmente tinha alguma coisa a dizer era o Deus Dinheiro. Nem mais nem menos aquilo que agora continua acontecendo em Nova York.

A costa da Jônia (veja figura 2), uma verdadeira ripa fronteiriça espremida, como uma fatia de presunto num sanduíche entre o mundo grego e o vizinho império persa, era rica em cidades e aldeias que usavam com proveito a sua posição geográfica para comerciar com ambos. E primeira dentre elas: Mileto. Dos seus portos partiam e chegavam navios carregados com tudo aquilo que havia de melhor no mundo: trigo, azeite, metais, papiros, vinhos e perfumes. E como sempre acontece quando os

negócios vão bem, as almas dos habitantes haviam-se afastado bastante dos apelos místicos da religião para dedicar-se com maior empenho a atividades mais práticas e racionais. Foi assim que nasceram os primeiros estudos sobre a natureza, a astronomia e sobre a arte da navegação. Podemos imaginar a cidade como um grande entreposto ensolarado, um verdadeiro formigueiro apinhado de marinheiros, mercadores e homens de negócios.

Vamos dar uma volta pela velha Mileto. Podemos subir juntos para a colina de Kebalak Tepè e galgá-la o suficiente para ter uma visão panorâmica da cidade.

Mileto (veja figura 3) esparrama-se aos nossos pés ao longo de uma pequena península. As ruas são estreitas e cruzam-se todas em ângulo reto: guardando as devidas proporções até parece que estamos em Manhattan. Lá no fundo, à esquerda, vislumbra-se o porto do Teatro e, mais adiante, o dos Leões. Uma longa coluna de escravos frígios carrega fardos de papiro pela rua do mercado ocidental. É onde as pessoas conversam, tratam e contratam em voz alta, rindo. É claro que estamos assistindo a uma cena típica na vida de mercadores ricos e despreocupados.

Mas as coisas não iriam continuar tão boas por muito mais tempo: justamente aquela posição de entreposto que tanto a favorecera nas trocas comerciais acabaria resultando fatal. Certo dia, apesar de ter-se aliado aos lídios, a cidade foi cercada, invadida e arrasada pelas tropas de Dario. “A maioria dos seus habitantes foi morta pelos soldados persas de longas cabeleiras, e as mulheres e seus filhos foram poupados só para se tornarem escravos...” – continua a nos contar Heródoto – “... e os atenienses ficaram tão abalados com a notícia da tomada de Mileto que, quando foi apresentada uma tragédia escrita por Frínico sobre o assunto, o teatro inteiro caiu em prantos e Frínico teve de pagar uma multa de mil dracmas por ter lembrado aquela desgraça.”[18]

---

17 Heródoto, *Histórias*, I 146.
18 Heródoto, *Histórias*, VI 18-21.

IV
ANAXIMANDRO

Anaximandro era aluno e talvez também parente de Tales.[37] Nasceu em Mileto em 610 a.C. e era portanto uns vinte anos mais moço do que o mestre. Marcou a sua presença na história da civilização por ter sido o primeiro a desenhar uma carta geográfica.[38] Naqueles tempos, quem se aventurasse pelo mar tinha de ser bastante corajoso e um tanto conformado com a possibilidade de desastres: não havia bússolas, não havia sextantes e muito menos livros descrevendo as características dos portos. Digamos então que já era bom demais não chover nem ventar, pelo menos no dia da partida, e a viagem ter recebido o presságio favorável do oráculo. Diante de uma situação dessas, os mapas náuticos de Anaximandro devem ter parecido a expressão máxima do progresso aos mercadores da época, ainda mais porque o filósofo completara-os com várias informações sobre os povos que iriam ser encontrados no caminho.

Contam que Anaximandro inventou o gnômom,[39] isto é, o relógio solar, e que também previu um tremor de terra na região de Esparta, salvando assim a vida de um grande número de lacedemônios.[40] As notícias a respeito da sua vida são muito poucas: pela sua habilidade como cartógrafo podemos deduzir que deve ter viajado muito, como aliás era hábito de todos os filósofos pré-socráticos. Xenófanes afirmava ter corrido pelo mundo durante sessenta e sete anos e Demócrito gabava-se de ter visto mais povos e regiões inexploradas do que qualquer outro homem da sua época.[41] No que diz respeito a Anaximandro, parece que quando jovem fundou uma colônia nas costas do Mar Negro à qual deu o nome de Apolônia[42] em honra do Deus, e quero desde já esclarecer que quando falo em “colônia” não estou me referindo ao colonialismo, pelo menos no sentido que hoje em dia atribuímos à palavra: aqui não se trata de conquistas militares por parte de uma potência imperial, mas sim de meros deslocamentos de homens e alfaias para alguma enseada desabitada. Só no Mediterrâneo os gregos

fundaram mais de mil e quinhentas delas, levando os seus hábitos e a sua mentalidade até as costas da França e da Espanha. Parece até que uma vez um certo Coleu passou pelas Colunas de Hércules indo parar em algum lugar na costa do Atlântico.[43]

Sobre Anaximandro, infelizmente, não há anedotas divertidas como no caso de Tales, a não ser por um episódio em que ele aparece no papel de cantor. Contam que certo dia algumas crianças, depois de ouvi-lo cantar num coral, escarneceram-no gritando que era desafinado; ao ouvir aquilo, parece que o filósofo virou-se para os companheiros dizendo: “Por favor, senhores: vamos tentar ficar no tom, pois do contrário os pequenos nunca mais vão nos levar a sério!”[44]

Anaximandro escreveu *A respeito da Natureza*, *A volta da Terra*, *Sobre as estrelas fixas*, *As esferas* e muitas outras coisas.[45] Destas obras todas praticamente nada chegou até nós, a não ser por quatro fragmentos formados por apenas uma ou duas palavras, e por uma frase cuja interpretação deve ter sido uma dura prova para mais de um historiador da filosofia. Eis a frase: “O princípio dos seres é o infinito... de onde vem a vida dos seres e onde também se cumpre a sua destruição, segundo a necessidade, pois todos pagam uns aos outros a pena e a expiação da injustiça, conforme a ordem do tempo.”[46]

Com este enunciado, Anaximandro afirma que o princípio vital do Universo não é a água, como dizia Tales, mas sim uma substância indefinida que ele chama de *ápeiron*, na qual tudo teria a própria origem e para a qual tudo voltaria. Para demonstrar esta tese, e refutando a do seu mestre, o filósofo afirmou não ser possível que um dos quatro elementos, Água, Ar, Terra e Fogo, fosse a essência primordial do Universo, uma vez que a supremacia deste elemento determinaria imediata e contemporaneamente o desaparecimento dos outros. Resumindo, Anaximandro achava que Água, Ar, Terra e Fogo eram apenas entidades limitadas, e que acima delas, no comando, devia haver algum Superelemento, uma entidade invisível em seu estado natural.

Eis então que a segunda parte da frase também começa a ficar mais clara: cada vez que um destes Seres comete uma injustiça em relação aos demais, isto é, invade o território do outro, o Superelemento, o *ápeiron*, cuida de rechaçá-lo para seus limites naturais. Os elementos são portanto imaginados por Anaximandro como Deuses sempre preparados a atacar seus contrários:

o Quente gostaria de aniquilar o Frio, o Seco gostaria de acabar com o Úmido, mas a necessidade reina acima de todos, impondo que certas proporções permaneçam inalteradas. É óbvio que neste caso, por justiça, precisamos entender apenas o respeito dos devidos limites, dos limites que cabem a cada um, mesmo assim, porém, alguma coisa poética induz-nos a vislumbrar algo mais do que um mero equilíbrio entre elementos diferentes; estou falando de algumas palavras em particular, como “necessidade” e “expiação”, que revelam no pensamento do filósofo o desejo místico de uma ordem suprema.

Ainda mais sugestiva é a hipótese de Anaximandro sobre o nascimento do Universo. Vejamos como ela nos é contada pelas palavras de Plutarco:[47]

> Ele diz que do Eterno separaram-se o Quente e o Frio, e que uma esfera de fogo envolveu o ar em volta da Terra, como a casca que envolve a árvore; depois de esta esfera quebrar-se, separando-se em vários círculos, formaram-se o Sol, a Lua e as Estrelas.

Vamos então resumir: no começo só havia o *ápeiron*, a substância infinita, aí o Quente e o Frio separaram-se, ficando um por fora e o outro no centro do Universo e gerando respectivamente o Seco e o Úmido. Estes dois últimos, respeitando as melhores tradições familiares, continuaram a lutar entre si: no verão o Seco conseguia levar a melhor, roubando grandes extensões de mar e transformando-as em vapor d’água, e no inverno o Úmido reconquistava as posições perdidas recuperando as nuvens e fazendo-as precipitar na forma de chuva ou neve. O *ápeiron* observava tudo lá de cima, cuidando para que nenhum dos dois sobrepujasse definitivamente o outro,[48] e esperamos, acrescento eu, que continue assim para sempre, sem que algum dia o Quente, isto é, a bomba atômica, chegue a derreter por completo o Frio que, neste caso, somos nós e as nossas casas.

O alternar-se do Quente e do Frio não é um fenômeno que tem a ver somente com as estações: quase todas as manifestações da alma humana balançam entre fugidios instantes de exaltação e longas pausas de reflexão. A arte, a música, a moda e muitas outras expressões da criatividade sofrem a influência do dominador do momento e passam com regularidade de fases “tranquilas” para fases “aceleradas”. Sobe e desce a saia das mulheres e, com ela, sobe e desce a temperatura das gerações que se sucedem. Vamos dar como exemplo o nosso século XX: a uma geração quente, como a fascista, seguiu-se outra fria, calada e trabalhadora: a da reconstrução do

pós-guerra à qual, com muita honra, eu também pertenço. Não deu nem tempo para descansar um momento, que lá vem gritando a rapaziada de 1968: uma geração que foi uma verdadeira ebulição! Agora estamos em fase de ressaca, mas já dá para recear a próxima safra. Que Deus nos mande uma boa!

Vamos voltar a Anaximandro e vejamos como o filósofo do *ápeiron* imaginava que fosse o mundo. Muito bem, a Terra é uma grande coluna cilíndrica baixa e larga (uma espécie de torta), suspensa no ar no centro do Universo.[49] Podemos portanto admitir que ela não cai uma vez que, encontrando-se exatamente no centro, não tem motivo algum para escolher uma direção antes que uma outra. Esta torta tem altura igual a um terço do seu diâmetro e é feita de pedra.[50] Em volta da Terra giram imensas rodas de fogo revestidas de ar comprimido. Na borda interna destas rodas, onde no caso de uma bicicleta haveria os raios, há em vez disto uns buracos (ou melhor dizendo, uns canos parecidos com flautas) através dos quais conseguimos entrever o rebrilhar do revestimento incandescente que fica além do ar comprimido. Ao contrário do que parece, portanto, os astros não são corpos em brasa mas sim os clarões daquele Fogo que se encontra do lado de fora da abóbada celeste e que filtra através dos "buracos" das rodas. A roda do Sol é vinte e sete vezes maior do que o diâmetro da Terra, enquanto a da Lua só é dezenove vezes maior.

Anaximandro conta que o homem nasceu coberto de escamas numa substância aquosa, uma espécie de lama, e uma vez que no começo as condições ambientais não eram propícias para a vida, o pobre sujeito foi mantido durante toda a sua infância em estado de incubação na boca de uns animais muito parecidos com peixes. Só depois disto pôde sair ao ar livre e, depois de livrar-se das escamas, conseguiu sobreviver sozinho.[51] É mais ou menos isto o que os historiadores relatam a respeito das suas teorias. O mérito de Anaximandro consiste na sua intuição da presença de alguma coisa suprema, às vezes chamada de *ápeiron*, às vezes de Necessidade, que "todas as coisas abarca e todas rege",[52] o que faz dele um filósofo ao mesmo tempo místico e cosmológico.

Quanto a mim, de qualquer maneira, aquilo de que mais gostei foi aquele negócio das estrelas que se vislumbram através dos buracos nas rodas: achei a imagem extremamente sugestiva. Lembra-me, além do mais, de um velho amigo do meu pai, um tal de Alberto Cammarano, especialista em estátuas

de santos, cabeças de anjos e presépios de Natal. Dom Alberto montava-os no decorrer do ano para depois vendê-los na época natalina numa lojinha na rua San Gregorio Armeno. Ensinou-me todos os segredos do ofício.

> Garoto, se quiser fazer o céu, mas o próprio céu de quando nasceu Jesus, precisa comprar cartolina dupla, daquela bem espessa que não deixa passar a luz. Aí você pinta ela toda de azul, mas cuidado, tem que ser um azul-escuro como o do papel que embrulha o macarrão! Aí você pendura uma ou duas lâmpadas na parede, atrás do cartão: pode chegar a três ou quatro, conforme o tamanho do presépio. Precisa usar aquelas leitosas, que dão uma luz mais difusa. Então, e é aí que aparece o toque do artista, começa a furar a cartolina com a ponta de um alfinete, variando levemente o tamanho, até chegar ao número de estrelas que acha mais conveniente. Mas preste atenção, pois isto é muito importante: os buracos devem ser bem pequenos, mesmo os das estrelas maiores, de microscópicos a quase invisíveis. O resultado é que a luz das lâmpadas se refrata nas bordas dos furos e sai do outro lado toda quebrada em dúzias de raios. De forma que você chega a pensar que está em Belém justamente na noite de Natal, e ficará com frio, ouvindo as gaitas de foles que tocam ao longe.

---

37 Para os testemunhos e os fragmentos a respeito de Anaximandro, veja *I Presocratici* op. cit., vol. I, pp.96-107.
38 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 2.
39 Favorino de Arles conta que Anaximandro desenhou na ágora de Esparta um mostrador no meio do qual fincou uma haste cuja sombra movia-se no chão conforme o avanço do Sol, mostrando desta forma a hora.
40 Cícero, *A adivinhação*, I 50, 112.
41 J. Burckhardt, *Storia della civiltà greca*, trad. it., Florença, 1974², p. 134.
42 Eliano, *História vária*, III 17.
43 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 2.
44 Heródoto, *Histórias*, IV 152.
45 Veja *I Presocratici*, op. cit., vol. I, pp. 96-7.
46 Simplício, *Comentário acerca da Física de Aristóteles*, 24, 13.
47 Pseudo-Plutarco, *Estrômata*, 2.
48 Aristóteles, *Meteorologia*, II 359b 6-11.
49 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 6, 1-7.
50 Aécio, III 10, 2.
51 Aécio, V 19, 4.
52 Aristóteles, *Física*, IV 203b 4-15.

V
ANAXÍMENES

Também nascido em Mileto, Anaxímenes[53] é um filósofo menos importante do que os dois anteriores, como aliás já parece sugerir o seu nome que é quase um diminutivo do de Anaximandro. Como desculpa para esta sua relativa carência podemos dizer que coube a ele viver numa época bastante difícil, quando as coisas em Mileto iam de mal a pior. Numa carta para Pitágoras diz textualmente: "Sorte tua que partiste para a Itália: os crotonates te querem bem e viajam em grande número até a Sicília para ouvir-te falar. Aqui, ao contrário, o rei dos medos paira como uma constante ameaça. Como o pobre Anaxímenes poderia então dedicar-se tranquilamente ao estudo dos astros, quando vive um contínuo pesadelo de morte e escravidão?"[54]

Escreveu um tratado intitulado *Sobre a natureza* do qual só chegou até nós um único fragmento. Aqui está ele: "... Exatamente como a nossa alma, o ar mantém-nos juntos, de forma que o sopro e o ar abraçam o mundo inteiro..."[55]

Na prática, Anaxímenes quis manter um bom relacionamento tanto com Tales quanto com Anaximandro, sacando uma teoria aparentemente original mas na verdade bastante parecida com a dos seus antecessores, pela qual a substância primordial seria o ar, um elemento que, assim como a água de Tales, se encontra na natureza mas que, como o *ápeiron* de Anaximandro, também tem a característica de ser invisível.

Eis aqui, em seguida, um apanhado das ideias mais importantes de Anaxímenes:

– O Universo é feito de ar e está sujeito a dois fenômenos mecânicos: a rarefação e a condensação.

– O fogo é ar em estado particularmente rarefeito; as nuvens, a água, a lama, a terra e até as pedras são ar que foi se tornando cada vez mais condensado.[56]

– Os diferentes elementos naturais diferem entre si por razões quantitativas e não qualitativas, sendo todos eles formados pela mesma substância.

– A rarefação produz o Calor (o fogo) e a condensação o Frio (a água), de forma que Calor e Frio não são causas mas sim efeitos da transformação do ar.[57]

O que realmente importa, para nós, não é o fato de o filósofo gostar mais do ar do que da água, mas sim o fato de serem atribuídas a este ar as prerrogativas do Divino e da Vida. Anaxímenes costumava afirmar “O Ar é Deus”[58] e no fragmento que já mencionamos usou a palavra “sopro” (*pnéuma*, em grego), justamente para salientar que toda a natureza estava imbuída deste suspiro.

Como já acontecera com os predecessores, a principal preocupação de Anaxímenes foi a observação dos fenômenos naturais e o estudo da astronomia. Vamos ver se conseguimos imaginar assistir a uma das suas aulas.

Estamos em 7 de julho de 526 a.C., à meia-noite. Os habitantes de Mileto já foram dormir há umas três horas. Anaxímenes convocou-nos aqui na colina de Kebalak juntamente com todos aqueles que, para usarmos uma expressão dele, “têm fome de coisas celestes”. Foi propositalmente escolhida uma noite sem lua para permitir uma melhor observação.

O mar é uma presença negra e silenciosa. Aspirando profundamente pelo nariz é possível perceber o perfume dos jardins de Samos trazido até aqui pela brisa marinha. Dois jovens, um de cada lado do mestre, iluminam a cena com tochas embebidas em resina. A luz das chamas salienta os traços hieráticos do filósofo. Ninguém se atreve a falar. A certa altura o velho sábio fica no meio do grupo e ordena que as tochas sejam apagadas. De repente a escuridão envolve todas as coisas: não conseguimos ver coisa alguma mas, pouco a pouco, o breu parece abrandar e as túnicas brancas dos discípulos destacam-se novamente na tênue claridade das estrelas. Parece uma reunião de fantasmas.

Anaxímenes levanta os olhos para o céu, em seguida vira-se para nós e começa a falar. A sua voz é grave e pacata, como se estivesse no Templo.

– Meus jovens amigos, eu sou um velho e nessa altura já vejo os astros mais com os olhos da mente do que com os do rosto. Vocês, no entanto, que têm Apolo Délfico a acompanhar os seus passos, aproveitem a acuidade da

vista para encher a sua alma com as belezas do céu. Eu mesmo, muitos anos atrás, também subi até aqui, ainda menino, para escutar o grande Tales, e foi naquela ocasião que o ouvi dizer: “Até entre as estrelas é possível encontrar o caminho para conhecer a si mesmo.”

– Mas não foi Quílon, filho de Damagete, o primeiro a dizer: “Conhece a ti mesmo?”

Quem falou foi um rapaz de cabelos crespos, um dos mais jovens. A coisa deixa os presentes um tanto pasmos: no mundo grego dá-se muita importância ao *aidós*, o respeito pelos mais velhos, e é portanto raro que um aluno interrompa o mestre bem no meio de uma aula.

Anaxímenes vira-se lentamente para o rapaz e num tom imperceptivelmente mais decidido responde:

– Tales, filho de Essâmias, foi o primeiro a dizer “conhece a ti mesmo” e é por isto que lhe entregaram por unânime consenso o trípode de ouro. Quílon de Esparta, movido pelo desejo da fama, foi apenas aquele que lhe roubou a máxima; o que nos leva a pensar que às vezes até a sabedoria pode beber na fonte de Dionisos. Mas agora vamos voltar ao assunto da nossa reunião.

O filósofo faz mais uma pausa, quase um tácito pedido de atenção, para então voltar a falar com o mesmo tom de antes:

– Aqui, acima de nós, espalha-se a abóboda celeste: ela cobre a Terra como um *pileos*, o gorro de lã que protege do frio os marinheiros quando saem para o mar à noite, e assim como um *pileos* pode rodar em volta da cabeça do dono, da mesma forma o firmamento gira em volta das nossas cabeças.[59] A terra é um prato, é uma mesa redonda, é um fino escudo sustentado pelo ar, e encontra-se pendurada no meio do Universo: ela não corta o ar, sela-o como uma espécie de tampa...[60]

– Perdoa-me Anaxímenes – interrompe mais uma vez o jovem de cabelos crespos –, tu disseste que a Terra é uma tampa que sela o ar, mas acontece que o ar também existe acima dela, embora também pudesse não estar lá uma vez que não é possível vê-lo e apalpá-lo do mesmo modo que podemos ver e apalpar a tua túnica.

– Qual é o teu nome, meu rapaz? – pergunta Anaxímenes.

– Ecateu, filho de Melanto.

– Muito bem, Ecateu, vou responder à tua pergunta: o ar existe acima de nós, abaixo de nós, dentro de nós. Passa despercebido à sua vista porque

para mostrar-se precisa do Quente e do Frio, do Úmido e do Seco. Às vezes resplandece com clarões, assim como o mar quando é cortado pelos remos,[61] e isso acontece quando o vento rasga as nuvens; às vezes assume todas as cores do arco-íris, e isso acontece depois das tempestades, quando os raios do sol vestem as suas camadas mais densas.[62] Tudo é ar, tudo aquilo que tu vês e aquilo que tu não vês. O próprio Ecateu é ar.

– Entendi – responde o rapaz. – Ecateu é ar assim como também é ar Anaxímenes; mas agora, mestre, fala do Sol e da Lua.

– O Sol é uma mesa redonda que flameja no céu porque o seu movimento rápido tornou incandescente as suas camadas mais externas.[63] Presta atenção, no entanto: o Sol roda em volta da Terra, mas nunca por baixo dela...

– Por que então desaparece durante a noite? – pergunta novamente Ecateu que já perdeu qualquer acanhamento ao dirigir-se ao mestre.

– Porque em seu caminho noturno passa além das terras dos trácios e dos odrísios, onde gigantescas montanhas de gelo impedem que seja visto,[64] até ele aparecer de novo, mais brilhante do que nunca, nas verdes planícies de Nínive e de Babilônia para iluminar os dois rios.[65] Baixo demais para que a gente possa ver, mas não o bastante para a Lua, que justamente do Sol tira a sua luz e vagueia pelo céu como uma tábua pintada.[66] Se, ao contrário, como defendia o meu mestre e amigo Anaximandro, o astro reluzente rodasse por baixo da Terra, nós deveríamos ver desaparecer a Lua todas as noites, um pedaço depois do outro, como uma flor da qual uma mocinha inquieta arranque uma por uma as pétalas coloridas.

– E as estrelas?

– Algumas delas são errantes como folhas de fogo: tiveram sua origem na Terra graças à umidade, para em seguida tornar-se incandescentes devido às sucessivas rarefações;[67] costumamos chamá-las “planetas”. Outras, quase todas, estão fincadas como pregos[68] na abóboda do céu que, como definiram-na pela primeira vez os caldeus, é um hemisfério cristalino todo coberto de gelo.[69] Mas agora, meus jovens amigos, a aula já chegou ao fim. Voltem a Mileto e que o sono premie o seu desejo de saber.

As tochas voltam a iluminar o caminho. Começamos a descer e, enquanto nos encaminhamos de volta para a cidade, todos conversam animadamente sobre aquilo que foi dito pelo mestre. Se entendi direito, para Anaxímenes o Universo é mais ou menos como uma daquelas bolas de vidro que podem

ser encontradas nas lojas de lembranças: aquelas que ao serem viradas de cabeça para baixo deixam cair a neve. Pois bem, nessa bola de vidro a Terra é um disco achatado colocado bem no meio, entre os dois hemisférios, dos quais o inferior está cheio de ar e o superior contém o Sol, a Lua e as outras estrelas. Eu também fico conversando com os discípulos e, enquanto isto, percebo que a trilha está ficando cada vez mais íngreme e perigosa. Está escuro e a luz das tochas não basta para todos. Sabe-se lá onde foi meter-se a Lua! Será que se escondeu atrás de uma daquelas montanhas? Gostaria de perguntar a Anaxímenes mas não tenho coragem. O filósofo permanece calado: ele também está empenhado em ver direito onde botar os pés, e vez por outra apoia-se no braço de Ecateu que caminha ao seu lado.

---

53 Para os testemunhos e os fragmentos a respeito de Anaxímenes veja *I Presocratici*, op. cit., vol. I, pp. 108-14.
54 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 5.
55 Aécio, I 3, 4.
56 Simplício, *Comentário sobre a Física de Aristóteles*, 24, 26.
57 A física moderna demonstrou justamente o contrário daquilo que Anaxímenes afirmava: a rarefação produz o esfriamento dos aeriformes, enquanto a compressão produz o aumento da temperatura.
58 Cícero, *A natureza dos deuses*, I 10, 26.
59 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 7, 1-8.
60 Aristóteles, *O céu*, II 294b 13-21.
61 Aécio, III 5, 10.
62 Scoli ad Arato, *Fenômenos*, 455, 1.
63 Pseudo-Plutarco, *Estrômata*, 3.
64 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 7, 1-8.
65 O Tigre e o Eufrates.
66 Teon de Esmirna, *Elementos de astronomia*, p. 199, 1-2 Hiller.
67 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 7, 1-8.
68 Aécio, II 14, 3.
69 P. Tannery, *Pour l'histoire de la science hellène. De Thalès à Empédocle*, Paris, 1930², p. 154.

VI
PEPPINO RUSSO

Depois de Tales, Anaximandro e Anaxímenes, temos Peppino Russo de Nápoles, nascido em 1921 e falecido em 1975. Considero Russo o último representante de direito e de fato dos filósofos de Mileto e posso demonstrar isto sem maiores dificuldades, embora perceba que a inclusão de um pensador chamado Peppino na história da filosofia grega possa parecer aos olhos de algum purista um tanto provocativa e arbitrária. Mas vejamos a razão da minha escolha.

Tales dizia que tudo está cheio de Deuses, Anaximandro estava convencido de que os elementos naturais eram divindades em contínua luta entre si e Anaxímenes achava que até as pedras tinham alma; pois bem, no rastro destas afirmações, Peppino Russo defendeu que todas as coisas do mundo possuíam alma, tendo-a arrancado dos seres humanos no decorrer da sua existência. Nesta altura eu poderia falar em hilozoísmo e imanentismo panteísta, mas receio que o leitor acabe ficando com medo e pare de uma vez por todas de estudar filosofia, e prefiro então limitar-me a contar que, vez por outra, entre os filósofos antigos[70] costumava aparecer alguém que gostava de imaginar todas as coisas do mundo como sendo animadas. Esta maneira de pensar foi chamada de "hilozoísmo", palavra grega composta de *hýle* que significa "matéria" e *zoé* que significa "vida".

O meu encontro com Peppino Russo foi totalmente casual: em 1970 dom Peppino morava em Roma, numa pequena casa suburbana lá pelos lados de Vigna Stelluti. Certo dia, para evitar um engarrafamento na via Cássia antiga, entrei numa trilha transversal que depois de umas duas ou três curvas, quando eu menos esperava, levou-me a ficar diante de um espetáculo incrível:

por pelo menos cem metros, todas as árvores que margeavam o caminho estavam carregadas de bonecas e velhos brinquedos. Apesar da pressa, parei e pedi explicações ao único transeunte que consegui encontrar nas redondezas. Não tive sorte: o homem mostrou-se imediatamente aborrecido com as minhas perguntas; disse que já não aguentava mais, que aquela palhaçada era obra do *bonequeiro* e que de nada adiantava eu ficar ali esperando, pois durante o dia o sujeito *não faz outra coisa a não ser catar bonecas no lixo*!

Nos dias que se seguiram voltei a passar várias vezes pelo "caminho das bonecas", sem no entanto conseguir encontrar o tal *bonequeiro*; em compensação a cena tornava-se cada vez mais familiar para mim: de dia era quase uma comemoração natalina, de noite parecia mais um filme de Dario Argento. Por falar nisto, devo salientar que o *bonequeiro* tinha o hábito de pendurar grandes cartazes com frases lapidares, mais ou menos no estilo dos Sábios no oráculo de Delfos. Vou tentar lembrar algumas: "Homem, tu és a natureza, se a destruíres, destruirás a ti mesmo", ou então "Ontem à noite o mundo apavorou-me" e mais "És grande e mesmo assim não és capaz de viver sem fazer guerras".

Finalmente, um belo dia, lá vem despontando de trás de uma moita um homem com um velho ursinho de pelúcia nos braços. Parei.

– Bom-dia – falei sem descer do carro.

– Bom-dia – respondeu ele.

– Desculpe, mas gostaria de saber por que... quer dizer, desde que obviamente não seja petulante demais de minha parte perguntar, fico me imaginando por que o senhor...

– ... penduro as bonecas nas árvores? – completou dom Peppino acabando de uma vez por todas com o constrangimento da minha pergunta direta.

– Pois é, o senhor sabe como é, às vezes... a curiosidade.

– Já lhe contaram que sou louco?

– Não exatamente – respondi com diplomacia, assumindo o mesmo tom de respeito que marcava as suas palavras –, digamos

que encontrei um sujeito que não deve ter muita simpatia pelo senhor.

– O senhor acredita na existência da alma?

– Claro! – exclamei. – Quer dizer... sim... no sentido que, sim, na prática, acredito.

– Não parece estar muito convencido.

– Não, não, acredito mesmo.

– E então, sem ofensa, atrevo-me a dizer que eu acredito um pouco mais do que o senhor – comentou ele sorrindo. Aí, ficando de repente sério, fitou-me fixamente nos olhos, como se estivesse tentando entender com que tipo de homem estava falando. – Olhe aqui, vamos fazer uma coisa: o senhor estaciona o carro e vem comigo tomar um café.

Na verdade deu-me de comer pão, queijo e favas, o que me fez lembrar de Epicuro e da sua frugalidade. Entre um gole de vinho branco e uma fatia de queijo de cabra, contou-me tudo o que eu queria saber acerca da sua vida e da teoria da alma.

Dom Peppino havia sido suboficial da aeronáutica, sargento, se não me falha a memória, sabia tocar violino e, nas horas vagas, também era pintor. Como todos os filósofos da escola milésia, viajara bastante: conhecia os Estados Unidos, a Austrália, a França e, o que é bastante importante no nosso caso, havia estado em Rodes onde, depois de chegar lá como prisioneiro de guerra em 1942, continuara a trabalhar por mais de nove anos. Agora, não custa nada lembrar que a ilha de Rodes só fica a alguns quilômetros para o sul de Mileto. Pois é, vocês podem ver quantas surpresas a vida pode reservar!

– Então, dom Peppino, quer dizer que no seu entender todas as bonecas têm alma.

– Não tão rápido, meu caro professor, não é bem assim – salientou o meu filósofo enquanto cortava fatias de queijo com um longo canivete, daqueles em que a lâmina se solta de estalo, empurrada por uma mola ao apertar um botão. – Não é que todos os brinquedos já têm alma quando saem das fábricas, novinhos em folha. Nada disso, naquela hora não passam de meros objetos sem individualidade. Logo que uma criança começa a amá-los, no

entanto, uns pedacinhos da alma daquele que ama vão abrindo caminho no plástico até transformá-lo em matéria viva. Nessa altura já não é possível jogá-los fora, embora estejam amassados e quebrados. E é por isto que eu vou juntando todos aqueles que encontro, para que possam continuar a viver nas árvores, no meio das flores, no sol e na chuva.

– Estamos falando de bonecas, mas será que o mesmo vale para qualquer outro tipo de objetos?

– Claro. O importante é entender direito o que para nós significam as palavras "vida" e "morte". Mas agora gostaria de fazer-lhe uma pergunta um tanto pessoal: o senhor já viu o cadáver de uma pessoa à qual queria realmente bem? – Dom Peppino esperou alguns segundos pela minha resposta e aí, como eu continuava calado, aproximou a sua cadeira e recomeçou a falar baixinho. – Aconteceu comigo, era meu pai. Sempre pensei que no dia em que morresse iria fazer, como costumamos dizer em Nápoles, alguma coisa de doido, que sairia por aí puxando os cabelos, que ficaria destruído pela dor. Pois bem, o senhor não vai acreditar: quando tudo realmente aconteceu não experimentei emoção alguma, digamos que nem consegui cavar uma lagrimazinha dos olhos. Fiquei ali, parado, sem dizer nada, procurando ao mesmo tempo alguma justificativa dentro de mim. Ficava repetindo: não estou chorando porque estou abalado, não estou chorando porque não consigo pensar. Mas não senhor, não era nada disso; a explicação era muito mais elementar: eu simplesmente me recusava a reconhecer o cadáver! Aquela figura ali, estirada no leito fúnebre, não passava de uma coisa claramente desprovida de alma, algo que nada tinha a ver com o meu pai.

Interrompeu-se e saiu de repente do aposento para voltar logo a seguir com alguns objetos entre as mãos. Eram óculos de grau, um relógio de ferroviário com o vidro trincado, um caderninho de apontamentos, um cachimbo e um peso de papéis representando a cabeça de um leão.

– No dia seguinte, no entanto, ao entrar no quarto dele à cata de alguns documentos, vi uns daqueles objetos que costumamos chamar de uso pessoal. Só de vê-los, a minha cabeça começou a

rodar e fui tomado por um turbilhão de emoções: finalmente conseguia chorar! Era ali que meu pai se havia escondido: no cobertor escocês, na caneta-tinteiro de tampa dourada, na poltrona de couro de braços desgastados, em inúmeras outras coisas com as quais partilhara a sua solidão.

Eu tinha vontade de fazer algum comentário mas nada vinha à minha mente. Além do mais porque a vista daquelas coisas despertara em mim uma sensação desconfortável, como se de fato estivesse diante do pai de dom Peppino. Fiz mais uma pergunta, uma qualquer, só para quebrar o silêncio.

– Essa faca também tem alma?

– Sem a menor dúvida – respondeu sem hesitar, e segurou o canivete pela longa lâmina balouçando-o na frente dos meus olhos –, há nela um pedaço da minha alma e, faço questão de frisar, do meu caráter também. Esta faca, graças à influência de uma pessoa amante da paz, tornou-se agora um instrumento doméstico, desprovido de qualquer agressividade, que serve apenas para cortar o queijo. Mas também existe a alma deste aposento, a do bairro e a da cidade inteira. Estas últimas são almas complexas, obtidas por superposições sucessivas de almas influentes.

– Algo assim como a média aritmética das almas dos moradores do lugar?

– Não exatamente. A alma de uma cidade tem uma entidade própria, uma presença que foi se formando com o passar do tempo e que foi construída pelos indivíduos que nela se alegraram e sofreram ao longo dos séculos. Quanto mais antiga é a cidade, menos modificável é a sua alma por parte dos seus mais recentes habitantes. Vamos tomar Roma, por exemplo: foi durante séculos a meta de qualquer um que tivesse alguma coisa a dizer. Michelangelo, Caravaggio, Bernini, Horácio, Giordano Bruno e milhares de outros artistas e pensadores vieram viver e morrer aqui. Como é que as pedras de Roma poderiam então ser iguais às de Los Angeles?! E vamos supor que alguém me sequestre e só me solte, de olhos vendados, numa rua de Bolonha ou Milão; pois bem, tenho certeza de que, logo que me soltassem, eu saberia reconhecer a cidade. Diria: esta é Milão, ou então, esta é Bolonha!

Alguém poderia perguntar: como é que você conseguiu? Vislumbrou por acaso o Duomo da catedral, ou a torre dos Asinelli? Nada disto, iria responder, senti na pele a alma do ar, dos telhados e dos muros da cidade.

Uma vez que o café não era mais oferecido, achei por bem ir para a cozinha e prepará-lo eu mesmo. Dom Peppino estava perdido demais em suas próprias considerações para ligar para uma bobagem como esta: limitou-se a entregar-me o necessário.

– De forma que esta cozinha também tem alma, e não é só a minha, fique bem claro. Então eu pergunto: quem morou nesta casa antes de mim? Um camponês? Um alfaiate? Um assassino? A resposta só pode ser dada pelas nossas emoções.

Olhei à minha volta e tive a impressão de estar sendo observado por mil olhos, enquanto preparava o café.

---

70 Entre os vários filósofos que podem ser considerados hilozoístas quero assinalar os estoicos, que assumem o fogo como princípio animador, como Estratão de Lâmpsaco, Telésio, Giordano Bruno, Campanella e, principalmente, Spinoza que chega a atribuir diferentes graus de vida à matéria.

VII
PITÁGORAS *SUPERSTAR*[71]

O deus Hermes,[72] querendo dar um presente ao filho Etálide, prometeu-lhe satisfazer qualquer desejo a não ser o da imortalidade, e Etálide achou por bem pedir a memória eterna, quer dizer, a possibilidade de lembrar, mesmo depois de morto, todas as existências anteriores. Graças a esta faculdade Pitágoras afirmou já ter vivido quatro vezes[73] e, particularmente, primeiro como Etálide, depois como Euforbo (ocasião em que foi ferido por Menelau durante a guerra de Troia), em seguida como Hermótimo que, para demonstrar o que acabamos de dizer, reconheceu em um templo o escudo de Menelau, e finalmente como Pirro, um pobre pescador da ilha de Delos. Entre uma reencarnação e outra a sua alma passou por numerosas espécies animais e até transferiu-se para uma planta. Em alguns outros casos aconteceu-lhe descer para o reino de Hades,[74] onde chegou a ver Homero pendurado numa árvore e Hesíodo acorrentado a uma coluna, ambos culpados de ter tratado os Deuses com demasiada familiaridade. A série de reaparecimentos de Pitágoras, de qualquer maneira, não acaba com o próprio: alguns biógrafos posteriores[75] contam que o filósofo voltou a reencarnar num certo Periandro, em seguida no corpo de mais um homem chamado Etálide e, finalmente, nas perfumadas vestes de Alco, uma linda mulher que desempenhava o ofício de prostituta. Na ponta do lápis, parece que o ciclo das reencarnações era de 216 anos,[76] o que nos leva a pensar que a sua última aparição na Terra deveria ter sido por volta de 1810 d.C. Levando em conta os seus pendores políticos, poderia muito bem ter sido Camillo Benso, conde de Cavour,[77] que nasceu justamente naquele ano.

Heródoto conta que Pitágoras teve como escravo um Deus, um tal de Zamólxis.[78] Este escravo, depois de se tornar livre e ficar muito rico, mandou construir uma luxuosa mansão e convidou para jantar todos os cidadãos proeminentes da aldeia onde nascera. Durante o banquete, Zamólxis comunicou aos convidados que nunca iriam morrer e que ele

mesmo era um imortal que entrava e saía do Ínfero toda vez que lhe desse vontade. Dito isto, desapareceu de repente e trancafiou-se num apartamento subterrâneo que havia sido preparado de antemão. Ficou ali por mais de três anos até que certo dia, quando todos já o consideravam falecido, apareceu de novo, mais alegre e fagueiro do que nunca, e foi venerado como um Deus pelo povo dos getas.

A partir destas premissas, entende-se que sobre Pitágoras a lenda correu solta, que dizia tudo aquilo que se pode imaginar. Por isso mesmo, os historiadores mais sérios sempre procuraram evitar mencionar as anedotas escritas sobre ele: o De Ruggero, por exemplo, afirma que "para uma reconstrução histórica do pitagorismo, todo este material não tem o menor valor" e o Adorno confirma que "pouco ou nada sabemos que possa ser historicamente documentado". Eu, por minha vez, já que sempre tive um relacionamento um tanto difícil com a seriedade, não vejo absolutamente nada de mais em contar tudo o que li e, mais ainda, aquilo que achei divertido.

Só espero que algum dia alguém escreva o elogio da Mentira uma vez que, ao contrário do que andam dizendo por aí, a Mentira sempre tem algum valor histórico. Quero dizer que se Jâmblico e Porfírio, os principais biógrafos de Pitágoras, consideraram oportuno relatar uns tantos episódios da vida do filósofo, então quer dizer que tais episódios deviam ser condizentes com o seu caráter e, nesta perspectiva, úteis para a compreensão do personagem. E além disso, afinal de contas, se algum dia a Verdade conseguir demonstrar a falácia de algumas destas anedotas, pior para a Verdade que, ao fazer isto, admitiria os seus próprios limites em relação à fantasia!

Pitágoras, filho do ourives Mnesarco, nasceu em 570 a.C. na ilha de Samos, não muito longe da cidade de Mileto. Graças a uma recomendação dada pelo tio Zoilo,[79] cursou a escola obrigatória tendo como mestre o grande Ferécides que, pelo que conta Apolônio,[80] logo como primeira coisa ensinou-o a fazer milagres. Depois da morte de Ferécides, querendo especializar-se em ciências matemáticas, achou por bem procurar os mais ilustres professores da época: os sacerdotes egípcios. Botou portanto numa mala três cálices de prata, tirados da loja do pai, uma carta de apresentação do tirano Polícrates para o faraó Amasi, e zarpou com o primeiro navio disponível. Abrindo um parêntese, repararam que já naquele tempo tudo se

processava do mesmo jeito que hoje, com pistolões e recomendações? Seja como for, ao chegar ao Egito ele se viu logo diante de uma situação bastante difícil: os sacerdotes Heliopolitas, apesar do presentinho do cálice e do fato de Pitágoras ser “pessoa” do faraó, tiveram a hipocrisia de declarar-se indignos de tão ilustre aluno e enviaram-no para os mais velhos e veneráveis sacerdotes de Mênfis; estes, por sua vez, usaram o mesmo pretexto para livrar-se dele e enviá-lo aos sacerdotes de Tebas, os terríveis Diopolitas, que já não tendo para quem despachar o rapaz, sujeitaram-no às mais duras provas. Só que não tinham levado em conta o caráter do aluno: o nosso filósofo superou brilhantemente qualquer obstáculo e acabou merecendo a admiração dos seus próprios algozes que, naquela altura, só puderam aceitá-lo como irmão e pô-lo a par de todos os mistérios.[81]

Terminada a experiência egípcia, Pitágoras completou o seu preparo viajando pelo mundo:[82] há quem assinale a sua presença entre os caldeus como estudante de astronomia, entre os fenícios para a logística e a geometria, e entre os Magos[83] para os estudos místicos. Os seus encontros com as personalidades mais marcantes da época são tão numerosos quanto improváveis: certa vez li até de uma sua visita a Numa Pompílio que, até prova em contrário, já devia ter morrido pelo menos cem anos antes do seu nascimento. Entre os encontros mais importantes não podemos deixar de lembrar o com o persa Zaratustra[84] durante o qual Pitágoras ficou a par da teoria dos opostos. Tudo, dizia Zaratustra, é gerado pelo choque entre as forças do Bem e do Mal; nas primeiras encontramos a Luz e o Homem, nas segundas as Trevas e a Mulher. É realmente estranho, mas não há um único profeta espiritual da humanidade (Zaratustra, Isaías, Confúcio, Maomé, Paulo de Tarso e companhia limitada) que tenha alguma vez colocado a Mulher do lado do Bem. Dá para explicar?

Mas voltemos a Pitágoras: depois de completar os estudos, ele volta à pátria como mestre do filho de Polícrates, o tirano de Samos. E aqui vale a pena dizermos algumas palavras para falarmos deste grande patife que foi Polícrates.[85] Mais do que um rei o sujeito era um verdadeiro pirata: os seus navios depredavam qualquer um que ousasse aproximar-se das costas jônicas. Na política exterior ficava sempre do lado dos piores, a não ser quando virava casaca ao perceber qualquer mudança do vento. Resumindo, era o tipo de homem que a gente costuma chamar de imprestável. No palácio, então, é melhor nem falar: vivia farreando com uns intelectuais

como Íbicos e Anacreonte, cercado por uma centena de mocinhas e garbosos rapazes.[86] Um moralista como Pitágoras, carola como todos os gurus da época, não podia gostar nem um pouco de uma vida desregrada como aquela: decidiu, portanto, já com mais de quarenta anos, zarpar de novo para terras longínquas e foi dar em Crotona, nas costas italianas.[87] A assembleia dos anciãos local convidou-o então a falar aos jovens sobre a sabedoria grega e ele, devo dizê-lo, aproveitou logo para formar uma casta de 300 alunos com a qual se apoderou de todos os postos de comando.

Pitágoras fundou uma escola, ou melhor dizendo, uma seita, em que deviam ser seguidas à risca regras bastante estranhas. Aqui estão algumas delas:

- Não comer favas;
- Não partir o pão;
- Não atiçar o fogo com uma barra de ferro;
- Não tocar no galo branco;
- Não comer o coração;
- Não se mirar no espelho perto do lume;
- Não deixar a marca do corpo na cama ao se levantar;
- Remexer nas cinzas ao tirar o caldeirão da fogueira.

Talvez seja inútil tentar entender alguma coisa: muitas vezes, nas religiões, os preceitos só representam uma disciplina para inspirar e reforçar o espírito de grupo. Neste caso, na melhor das hipóteses, poderíamos tirar destas normas algum sentido metafórico: “não partir o pão”, por exemplo, poderia significar “não se separar dos amigos”, e “não atiçar o fogo com o ferro” seria o mesmo que “estar sempre disposto a perdoar”. Seja como for, o mandamento mais esquisito da catequese pitagórica continua sendo o das favas.[88] Só Deus sabe a razão de Pitágoras detestar tanto esta inofensiva leguminosa! Na opinião de Aristóteles, devia-se a alguma semelhança com o órgão masculino; segundo outros, no entanto, era devido a alguma forma alérgica que infernizava a sua vida desde a infância. Sabemos, de qualquer maneira, que na presença dele era proibido até mencioná-las.

Os iniciados viviam todos juntos segundo o regime de comunhão de bens. Toda noite, ao pôr do sol, deviam fazer a si mesmos três perguntas: a) o que fiz de mal, b) o que fiz de bem, c) o que deixei de fazer. Depois disso

tinham de pronunciar a seguinte frase: “Juro por Aquele que revelou à nossa alma a divina *tetraktýs*.”[89]

O mestre falava todas as noites, e vinham ouvi-lo de todos os cantos do mundo. Ele, no entanto, não se mostrava a ninguém: falava mantendo-se oculto atrás de uma cortina. Aquele que, por mera fatalidade, conseguisse pelo menos vislumbrá-lo de relance, iria gabar-se pelo resto da vida.[90] “Ele tinha uma aparência majestosa, o rosto radiante e cabelos encaracolados; envolvia-se num manto branco e de todo o seu ser emanava uma afável doçura.”[91] Os seus discursos sempre começavam com a frase: “Pelo ar que respiro, pela água que bebo, não admitirei qualquer objeção acerca daquilo que estou prestes a dizer”[92], e isto deixa logo bem claro o quanto ele prezava a democracia.

Só a uns poucos privilegiados era permitido ficar na sua presença: os próprios alunos só tinham a permissão de vê-lo após cinco anos de estudos. Certo dia um novato, depois de entrar às escondidas em seus aposentos, conseguiu vê-lo enquanto tomava banho numa grande bacia e contou ter vislumbrado uma coxa de ouro;[93] para Eliano, no entanto, parece que ele mesmo decidira mostrar no teatro, em Olímpia, o seu fêmur de ouro.[94]

Pitágoras costumava dividir os homens em duas categorias: os matemáticos, isto é, aqueles que têm o direito de percorrer o caminho do “conhecimento” (*mathémata*) e os acusmáticos, aos quais só é permitido ouvir.[95] Para melhor diferenciar os dois grupos inventou uma liguagem sob medida para que só pudesse ser entendida pelos adeptos do trabalho: códigos numéricos, mensagens simbólicas e outras charadas, todos no intuito de manter o poder através da informação. De certa forma poderíamos considerar Pitágoras o inventor da maçonaria ou, pelo menos, o precursor das associações secretas. A sua seita, que poderíamos chamar de P1,[96] tinha todas as características de uma loja maçônica: o segredo, o ritual de iniciação, a figura do Grão-Mestre, a ajuda recíproca entre os irmãos, os símbolos, os compassos, os esquadros e assim por diante. E por falar em segredo, a lei da escola era extremamente impiedosa com os transgressores: contam que certo dia um aluno, um tal de Hipaso, revelou ao mundo inteiro a existência dos números irracionais e a consequente rachadura na harmonia numérica na qual se baseava o castelo das teorias pitagóricas;[97] pois bem, o traidor não conseguiu ir muito longe: amaldiçoado pelo Mestre, naufragou a

umas poucas milhas de Crotona, enquanto procurava desesperadamente fugir para o alto-mar.

Foram atribuídos a Pitágoras numerosos eventos extraordinários. Eis uma lista dos mais verossímeis: matou uma cobra venenosa com uma mordida.[98] Conversou durante vários anos com uma ursa.[99] Convenceu uma potranca a nunca mais comer favas.[100] Afagou uma águia branca que descera expressamente do céu para cumprimentá-lo.[101] Foi visto ao mesmo tempo em Crotona e em Metaponto.[102] Foi rumorosamente saudado pelo rio Nesso que, escorrendo perto dele, parece que resolveu exclamar: "Salve ó Pitágoras".[103,104]

Para salientar o caráter sobrenatural do personagem, basta dizer que os seus próprios discípulos o consideravam uma raça à parte. Costumavam dizer dele: "três são as naturezas do Universo: Os Deuses, os mortais, e aqueles como Pitágoras".[105] O seu nome nunca era mencionado explicitamente durante as conversas: preferia-se usar a expressão "aquele homem" ou então o mais dogmático *autós éfe* (ele mesmo disse) que mais tarde, na versão latina *ipse dixit*, iria marcar durante muitos séculos o fim de qualquer conversa. [106,107]

As regras, os mistérios, o caráter dogmático do seu ensino acabaram finalmente irritando os ambientes mais democráticos de Crotona. Como dizemos em Nápoles: "*Dalle e dalle se scassano pure 'e metalle!*"[108] E vamos ser francos, na verdade os pitagóricos nada faziam para se mostrar simpáticos: olhavam para todo o mundo com ar de superioridade, só se mostravam solidários dentro do seu grupo fechado e tentavam impor a todos a sua catequese. Agora, tudo pode ser perdoado aos poderosos exceto a pretensão de querer reformar os outros a qualquer custo. E foi justamente por causa do fundamentalismo rígido dos pitagóricos que a certa altura Crotona decidiu declarar guerra aos sibaritas, culpados, no entender de Pitágoras, de gozar a vida sem dar atenção às preocupações. O resultado do embate, como sempre acontece quando na chefia da facção vitoriosa há um reformador religioso, não teve a menor misericórdia pelos vencidos: a requintada Síbaris foi totalmente arrasada e os seus habitantes mortos no fio da espada sem piedade.[109]

Enquanto isto, em Crotona, ia se organizando um partido anti-Pitágoras. O chefe desta oposição era um tal de Cílon, jovem de boa família e de caráter violento. Depois de a sua entrada no clube dos pitagóricos ter sido

recusada, não se deu por vencido e não teve sossego até encontrar um jeito de vingar-se.[110] Certa noite, no comando de uns cem baderneiros, cercou o quartel-general dos pitagóricos, quer dizer, a mansão do atleta Mílon, e depois de convidar inutilmente os filósofos a saírem dali, ateou fogo à vila. Foram muito poucos os que conseguiram fugir, entre eles Arquipo, Líside e o próprio Pitágoras. Acontece, porém, que logo atrás da casa de Mílon havia um campo de favas e o Mestre, antes de atravessá-lo, preferiu ser morto pelos conspiradores. Segundo Porfírio, no entanto,[111] os partidários de Cílon eram boas pessoas: capturaram-no para soltá-lo logo a seguir dizendo-lhe "meu caro Pitágoras, você é muito inteligente, mas nós estamos muito satisfeitos com as leis que já temos e não queremos que as mude. Saia daqui e deixe-nos em paz!". Segundo Dicearco, finalmente,[112] o filósofo encontrou abrigo em Metaponto, no templo das Musas, onde deixou-se morrer de tédio com a desculpa de não ter mais vontade de viver. Há quem diga que viveu 70 anos, quem diga 90 ou 107, e há até quem afirme que viveu mais de 150.[113]

Certo dia Leonte, filho de Fliunte, perguntou a Pitágoras: "Quem és?" e ele respondeu: "Sou um filósofo"[114], e foi assim que, pela primeira vez foi pronunciado este termo, que afinal, traduzido literalmente, quer dizer "amante da sabedoria". Apesar disso Pitágoras, mesmo sendo o primeiro filósofo da história a usar este título, fundou uma escola que, por ambição de poder, tornou-se muito em breve mais uma seita política do que uma Universidade de estudos filosóficos. Alguns até defendem a hipótese de o pitagorismo ter sido uma espécie de sucursal do orfismo, isto é, de um movimento religioso surgido na Grécia no século VII no qual os filiados, com a desculpa de identificar-se com o deus Dioniso, passavam o tempo entre orgias e bacanais. Pois bem, apesar da desconfiança que não consigo reprimir em relação à figura de Pitágoras, não posso de forma alguma concordar com esta tese: associar os pitagóricos aos órficos seria o mesmo que confundir as laranjinhas do Hare Krishna com os torcedores italianos depois de uma partida de Copa do Mundo vencida pelo Brasil: tão contemplativos os primeiros quanto dionisíacos e desenfreados os segundos. E além disso, à parte o interesse pela matemática, em Pitágoras encontramos uma dose de inteligência a mais e a contínua busca de uma condição místico-racional.

Uma vez que Pitágoras não escreveu livro algum, para sabermos alguma coisa do seu pensamento temos de recorrer ao que nos é contado pelos vários discípulos escritores, e precisamente por Alcméon, o seu médico de confiança, por Arquitas, o tirano de Samos, e por Filolau, um jovem de Crotona. Também temos, finalmente, umas anotações escritas por Aristóteles o qual, fique entre nós, parece não ter lá muita simpatia pelo nosso Pitágoras: menciona-o somente cinco vezes e, no mais, só fica usando expressões vagas tais como: “Os assim chamados pitagóricos afirmam...”

Se quisermos fixar os pontos básicos da doutrina de Pitágoras sem ficarmos atolados no dilúvio de informações que nos chegaram a respeito dele, é oportuno concentrar a nossa atenção em três assuntos fundamentais: a metempsicose, o Número e a visão do cosmo.

Já falei da metempsicose no começo deste capítulo: Pitágoras afirmava ter vivido nada menos que quatro vezes em épocas anteriores e de ter “visitado”, durante os intervalos, vários corpos de plantas e de animais. O nosso filósofo importou quase certamente esta teoria do Extremo Oriente, ainda mais porque na Índia há quem a considere até hoje uma coisa possível. Segundo a metempsicose a alma passa de um corpo para outro e é promovida para um nível superior (tornando-se mercador, atleta ou espectador)[115] ou recua para uma divisão inferior (árvore, cão, ovelha, porco etc.) conforme a maneira de ela ter-se comportado na Terra. A morte, segundo Alcméon,[116] permite a junção de um “fim” com outro “começo”, razão pela qual, enquanto o corpo morre, a alma imortal percorre uma trajetória circular nem mais nem menos como as estrelas no céu. O corpo, acrescenta Filolau,[117] não passa de um túmulo, de uma prisão onde a alma é forçada a expiar os seus pecados. É disso que nasce a regra básica da ética pitagórica: porte-se bem, do contrário pode esquecer a promoção!

Devido a esta teoria da metempsicose Pitágoras acabou sendo fartamente escarnecido seja pelos contemporâneos, seja pelos mais ilustres dramaturgos: Xenófanes, numa obra sua, mostra-o no ato de segurar pelo braço um homem que bate num cão.[118]

– Eu te peço – diz Pitágoras – não batas no teu cão, pois acho que nele se encontra a alma de um amigo meu.

– E como é que tu sabes? – pergunta o homem.

– Reconheci a sua voz.

O próprio Shakespeare não se faz de rogado: na *Décima segunda noite* brinda-nos com estas falas acerca da metempsicose:

BUFÃO – Malvólio, por que és tão contrário à caça?

MALVÓLIO – Porque Pitágoras disse que no corpo de uma narceja poderia estar a alma da minha avó.

BUFÃO – E então podes ficar com a tua ignorância, pois só considerar-te-ei curado quando tiveres a coragem de matar pelo menos uma narceja sem ter medo de despejar a alma da tua avó.

Mais do que na metempsicose, no entanto, a essência do pensamento pitagórico está no fato de identificar no Número o *archè*, isto é, o elemento primordial do Universo. Em outras palavras, aquilo que para Tales era a água e para Anaxímenes o ar, com Pitágoras transforma-se em Número e, para dizer a verdade, a hipótese deixa-me um tanto perplexo: se com efeito ainda é possível imaginar uma mesa como algo formado por um certo número de moléculas de água ou de ar mais ou menos comprimidas, não é igualmente fácil concebê-la como um conjunto de números achatados uns em cima dos outros. Acontece porém que para Pitágoras os números tinham espessura: num fragmento de Espeusipo *Sobre os números pitagóricos*[119] está claramente especificado que o número Um é um ponto (uma espécie de átomo), o Dois é uma reta, o Três um plano e o Quatro um sólido. Logo, como demonstração deste enunciado, salienta-se que duas Unidades Ponto identificam uma reta, três Unidades Ponto um plano e quatro Unidades Ponto um sólido. Dito isto, uma vez que todas as coisas do mundo, inclusive nós mesmos, têm forma, fica claro que é sempre possível reduzir esta forma a um conjunto de pontos ou de linhas e portanto, em resumo, a números. Aristóteles conta[120] que Eurito, um pitagórico de segunda geração discípulo de Filolau, botara na cabeça que iria encontrar o número característico de cada ser vivo e que com este fim havia começado a contar o número de pedrinhas necessárias a formar a imagem do homem e do cavalo.

Deixando de lado as qualidades físicas dos números, o que realmente impressionara Pitágoras era o fato de todos os fenômenos naturais parecerem estar regulados por uma lógica superior. Para sermos mais específicos, o descobrimento da existência de uma relação constante entre o comprimento das cordas de uma lira e os acordes fundamentais da música (1/2 para a oitava, 3/2 para a quinta e 4/3 para a quarta) deixou-o tão

abismado que chegou a imaginar Deus como sendo um engenheiro excepcional, com uma Lei Matemática, chamada Harmonia, encarregada de reger a natureza.

Os pitagóricos diziam: “Qual é a coisa mais sábia? O Número. E a mais bela? A Harmonia.” No começo dos tempos, evidentemente, havia o Caos (a Desordem), então a Mônada (o número Um) havia criado os números, e a partir deles os pontos e as linhas. Finalmente chegara a Harmonia para estabelecer e manter a devida distância entre as coisas. Para Pitágoras tudo isso era o Cosmo, isto é, a Ordem.[121]

A saúde, a virtude, a amizade, a arte, a música nada mais eram do que manifestações da Harmonia. Para Alcméon[122] a saúde era o correto equilíbrio, nos corpos vivos, entre o calor e o frio, a virtude era o controle das paixões e assim por diante. Até a justiça social, no entender de Arquita, era apenas um problema de Harmonia. Por falar nisso, no entanto, e no intuito de evitar qualquer confusão, é bom deixar bem claro que para os progressistas do século V a justiça social era algo bastante diferente do que é reivindicado hoje em dia pelos sindicatos: para Arquita só se conseguia uma boa justiça social quando cada trabalhador recebia uma recompensa proporcional aos seus méritos. Na prática ele acreditava na empreitada com retribuição diferenciada: muito dinheiro aos melhores e nada para quem não tinha vontade de trabalhar.

Uma vez que mencionei Arquita, acho oportuno abrir um parêntese e contar mais alguma coisa acerca deste estranho personagem. Arquita nasceu em Taranto e foi ao mesmo tempo um filósofo, um matemático e um grande estadista.[123] Uma vez que viveu na passagem do V para o IV século não creio que tenha tido a oportunidade de conhecer Pitágoras, mesmo assim, no entanto, conforme as melhores tradições pitagóricas, empreendeu a carreira política e não demorou a tornar-se o líder da sua cidade. Sabemos que salvou a vida de Platão quando o filósofo foi condenado à morte por Dionísio, tirano de Siracusa,[124] que inventou as castanholas com a finalidade específica de divertir as crianças e impedir que quebrassem alguma coisa mais valiosa,[125] e que, sendo fanático por aeromodelismo, conseguiu construir um pombo de madeira que podia voar.[126]

Mas voltemos a Pitágoras e à sua paixão pela matemática. Pois bem, parece que mesmo entre os números existia uma aristocracia: havia os nobres e os plebeus. À parte o 10, a *tetraktýs*, que para os pitagóricos

representava uma entidade divina, o 1, o 2, o 3 e o 4 eram os mais ilustres entre todos os números: a soma deles era igual a 10 e, todos juntos, formavam o divino triângulo:

```
*
* *
* * *
* * * *
```

"Todas as coisas ao alcance do nosso conhecimento possuem um número"[127] e cada número tem o seu significado particular. Esmiuçando atentamente os textos de Espeusipo, Arquita e Filolau, é possível reconhecer uma espécie de *Smorfia*[128] pitagórica onde o 1 representa a inteligência, o 2, a opinião (sempre dupla), o 4, a justiça, o 5, o casamento, o 7, o tempo crítico (talvez por serem 7 os dias da semana) e assim por diante. Finalmente, sempre segundo os pitagóricos, os números possuem qualidades terapêuticas: os quadrados mágicos, por exemplo, também usados por outro lado na Idade Média e no Renascimento, eram gravados sobre plaquetas de prata e protegiam contra a peste, o cólera e as doenças venéreas. Embora sabendo muito bem que num aeroporto dificilmente iriam aceitar a apresentação de um quadrado mágico no lugar de um regular atestado de vacina, quero aqui propor um dos mais simples:

13	3	2	16
8	10	11	5
12	6	7	9
1	15	14	4

Neste esquema, somando os algarismos de cada linha, ou de cada coluna, ou de cada diagonal, conseguimos sempre o mesmo total de 34.[129] Também se obtém o mesmo resultado somando os quatro vértices, os quatro números centrais e até os algarismos de cada um dos quadrados menores.

13	3	2	16
8	10	11	5
12	6	7	9
1	15	14	4

Todas estas correlações ocultas, entre os números assim como entre os fenômenos naturais, deviam provocar em Pitágoras verdadeiros êxtases de regozijo. Podemos portanto imaginar até que ponto o nosso filósofo ficou decepcionado no dia em que, ao tentar relacionar a diagonal e o lado do quadrado, descobriu que o resultado era diferente de qualquer número inteiro ou decimal! Como podia ser possível? Se até então tudo havia parecido obedecer às normas da Harmonia, como podia ser que de uma hora para a outra surgissem do nada números incompreensíveis? Além do mais, justamente a respeito da diagonal, ele mesmo havia descoberto que o quadrado construído sobre a hipotenusa era equivalente à soma dos quadrados construídos sobre os catetos,[130] e agora, a mesma maldita hipotenusa mostrava-se recalcitrante na hora de ser dividida por um dos seus lados! A existência dos números irracionais foi um golpe baixo para os nossos pobres pitagóricos: todas as suas teorias iam por água abaixo. Para tornar as coisas ainda piores também entrou em cena um dos discípulos, o traidor Hipaso que, com o claro propósito de prejudicar a escola, foi logo contando a novidade até para quem não estava minimamente interessado.

Para encerrarmos a conversa sobre Pitágoras, vamos dar uma olhada na sua visão cosmológica. Pela primeira vez na história da filosofia afastamo-nos do trono no meio do Universo deixando o lugar para um Fogo Central não melhor identificado. Os pitagóricos chamavam-no de Mãe dos Deuses, o que não chega a explicar muita coisa. Em volta do mencionado fogo rodavam dez astros: a Terra, a Lua, o Sol, os cinco planetas então conhecidos, o céu das estrelas fixas e, só para alcançar o fatídico número dez que para os pitagóricos era uma verdadeira fixação, mais um corpo celeste chamado Antiterra.[131] Tratava-se de um planeta igualzinho ao nosso,

com a mesma órbita, mas localizado em posição diametralmente oposta em relação ao Fogo Central e, portanto, invisível.

Os dez astros, dizia Pitágoras, percorrem órbitas circulares e ao longo do percurso emitem uma música extremamente suave, a chamada Harmonia das Esferas.[132] Infelizmente, para nosso azar, ninguém entre nós tem a capacidade de ouvir este som maravilhoso, sendo ele contínuo e não conseguindo o nosso ouvido captar qualquer ruído a não ser por contraste com o silêncio.[133]

Além das dez órbitas celestes há então o espaço infinito. Certo dia Arquita, querendo dar uma demonstração da existência do infinito, proferiu esta frase: "Se eu sentar no extremo limite do Universo, poderei ou não esticar o braço? Se eu puder, então quer dizer que ainda há mais algum espaço."[134]

---

71 Para os testemunhos e os fragmentos relativos a Pitágoras, veja *I Presocratici*, op. cit., vol. I, pp. 115-31.
72 Segundo outra versão, o pai de Etálide era Apolo.
73 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 4.
74 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 21.
75 Aulo Gélio, *Noites áticas*, IV 11, 14.
76 O 216 era um dos números mágicos da escola pitagórica, sendo o cubo do número 6.
77 Um dos maiores artífices dos movimentos políticos e militares que levaram à independência e à unificação da Itália. (N. do T.)
78 Heródoto, *Histórias*, IV 95.
79 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 2.
80 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, ibidem.
81 Porfírio, *Vida de Pitágoras*, 7.
82 Porfírio, *Vida de Pitágoras*, 6.
83 Os Magos eram uma das seis tribos que formavam o povo dos medos na Ásia Menor. Tinham fama de grandes conhecedores da magia, que deles tirou o nome.
84 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 2, 12.
85 B. Russell, *Storia della filosofia occidentale*, Verona, 1979³, pp. 49-50.
86 Heródoto, *Histórias*, III 39-46, 121.
87 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 3.
88 Aulo Gélio, *Noites áticas*, IV 11, 1-2.
89 A *tetraktýs* era o número dez, considerado divino pelos pitagóricos.
90 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 15.
91 J. Burckhardt, op. cit., vol. II, p. 20.
92 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 6.
93 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 11.
94 Eliano, *História vária*, II 26.

95 A. Plebe, *Storia del pensiero*, Roma, 1979, vol. I, p. 22.
96 Referência a uma associação paramilitar secreta descoberta e desmembrada na Itália nos anos 1970. (N. do T.)
97 L. Robin, *Storia del pensiero greco*, Verona, 1978, p. 55.
98 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 142.
99 Eliano, *História vária*, IV 17.
100 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 60-1, 142.
101 Eliano, *História vária*, IV 17.
102 Eliano, *História vária*, II 26.
103 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 134.
104 Quero deixar bem claro que não mencionei Pitágoras como inventor dos raios X e da laranjada pitagórica, como por sua vez relata Francesco Grillo na sua *Vida de Pitágoras*.
105 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 31.
106 L. Robin, op. cit., p. 55.
107 É bom lembrar, no entanto, que o *ipse dixit* latino referia-se a Aristóteles, e não a Pitágoras. (N. do T.)
108 Tradução aproximada: “De tanto puxar até o metal quebra.” (N. do T.)
109 Diodoro da Sicília, XII 9, 2-10, 1.
110 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 248-9.
111 Porfírio, *Vida de Pitágoras*, 56.
112 Dicearco, fr. 34 Wehrli.
113 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 265.
114 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 8.
115 “Nesta vida, no entender de Pitágoras, há três tipos de homens, assim como há justamente três categorias de pessoas que vão para os jogos olímpicos. A classe mais baixa é formada por aqueles que vão para comprar e vender. Depois há os que competem pela glória. Os melhores de todos, no entanto, são aqueles que vão somente com a finalidade de assistir. A purificação mais perfeita é portanto a ciência desinteressada e é a ela que se dedica o autêntico filósofo que se livrou por completo dos vínculos da natureza.” Esta apologia do espectador aparece em B. Russell, op. cit., p. 52.
116 Alcméon, fr. 2 Diels-Kranz.
117 Filolau, fr. 14 Diels-Kranz.
118 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 36.
119 Espeusipo, fr. 4 Lang.
120 Aristóteles, *Metafísica*, XIV 5, 1092b 8.
121 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 25.
122 Alcméon, fr. 4 Diels-Kranz.
123 *I Presocratici*, op. cit., vol. I, pp. 479-91.
124 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 79.
125 Aristóteles, *Política*, VIII 6, 1340b 27-30.
126 Aulo Gélio, *Noites áticas*, X 12, 9.
127 Filolau, fr. 4 Diels-Kranz.
128 Opúsculo muito popular em Nápoles para interpretar os sonhos e indicar os números a serem jogados no “Lotto”. (N. do T.)
129 Este quadrado mágico aparece numa famosa pintura de Albrecht Dürer, *A melancolia*: os números centrais da última linha, 15 e 14, indicam a data da obra: 1514.
130 Apolodoro conta que, quando Pitágoras descobriu o seu famoso teorema, sacrificou aos Deuses uma centena de bois, coisa bastante estranha para alguém que se recusava a comer carne para não ter

de matar os animais: compare com Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 12.
131 Aristóteles, *O céu*, II 13, 293a 18.
132 Simplício, *Comentário sobre a Física de Aristóteles*, 732, 26.
133 Aristóteles, *O céu*, II 9, 290b 12.
134 Simplício, *Comentário sobre a Física de Aristóteles*, 467, 26.

VIII
HERÁCLITO, O OBSCURO

Heráclito[135] nasceu em Éfeso, na costa jônica, a alguns poucos quilômetros para o norte da praia de Kusadase, atualmente ocupada pelas instalações do clube Mediterranée. A vida frenética do hotel, o contínuo vaivém dos banhistas, as pranchas de surfe descendo pelas ondas, as fogueiras acesas na praia harmonizam-se perfeitamente com a filosofia do devenir. Muito menos condizente com o filósofo, no entanto, é a sociabilidade que se espera dos veranistas: Heráclito era o clássico representante da aristocracia e, como tal, não demonstrava o menor interesse pelas demais pessoas.

A data de nascimento dele é bastante incerta: há quem calcule que foi em 540 a.C. mas também há quem afirme ter sido no século seguinte. Esta falta de precisão deve-se ao fato de os antigos não atribuírem lá muita importância à data de nascimento dos homens ilustres, preferindo referir-se aos anos da maior maturidade, a assim chamada *acmé*. Usavam, neste caso, um verbo realmente sugestivo: florescer. De Heráclito, com efeito, diz-se que "floresceu" durante a 69ª Olimpíada, e portanto por volta de 500 a.C.[136]

O pai, Blosão ou Blíson, era um descendente direto do fundador da colônia, Ândrocles, que por sua vez era filho de Codro, tirano de Atenas.[137] Graças a esta nobre origem, a sua família nunca deixava de usar o título de *basileus*, isto é, o mais alto cargo sacerdotal da pólis. Na sua condição de primogênito, portanto, Heráclito também estava fadado a tornar-se um notável da cidade; só que, quando chegou a sua vez, achou melhor renunciar ao privilégio em prol do irmão.[138] Estou tentando descrever minuciosamente tudo isso porque acho que a compreensão do caráter fechado e carrancudo de Heráclito também é a chave para entendermos o seu pensamento. Resumindo, Heráclito era um aristocrata e um intelectual, o que equivale a dizer que era um esnobe ao quadrado: desprezava os semelhantes e, particularmente, os ignorantes e os supersticiosos. Aqui está toda uma série de considerações que lhe são atribuídas:

– Muitos são sofríveis, poucos os que valem.[139]

– A maioria só pensa em encher a barriga, tal qual animais no pasto.[140]

– Os homens mostram-se desprovidos de discernimento seja antes de receber bons conselhos, seja depois de ouvi-los, e não se dão conta daquilo que fazem enquanto estavam acordados, da mesma forma que esquecem o que fizeram enquanto estão dormindo.[141]

Gabava-se de nunca ter tido mestres. Quando sentia a necessidade de consultar alguém, costumava dizer: “Esperem um momento, voltarei logo após consultar-me comigo mesmo.”[142] O único sábio pelo qual tinha alguma consideração, entre os predecessores, era o velho Biante (aquele da maioria maldosa do qual falamos no primeiro capítulo). No que dizia respeito aos demais, só tinha palavras de desprezo. “A erudição não ensina a ser inteligente, pois se assim fosse também seriam inteligentes Hesíodo, Pitágoras, Xenófanes e Ecateu.”[143]

Quando eximiu-se do cargo em favor do irmão, afastou-se para jogar dados com uns garotos no templo de Ártemis. Diante dos protestos dos concidadãos explicou: “Do que estão se queixando, seus canalhas? Acho muito melhor ficar brincando com uns garotos do que participar com vocês do governo desta cidade!”[144] Embora fosse completamente ciente do próprio valor não tinha qualquer ambição de poder. Certo dia Dario, rei dos persas, querendo ficar cercado de intelectuais, escreveu-lhe uma longa carta e convidou-o a morar na corte onde, ao que parece, iria cobri-lo de ouro da cabeça aos pés. Pois bem, mais uma vez o filósofo recusou o “emprego seguro” e respondeu que a sua mente “repudiava a insolente e insaciável ambição, geradora de inveja”.[145] O homem era assim, totalmente diferente dos seus concidadãos: em Éfeso, com efeito, a regra geral era gozar a vida ao máximo sem perder tempo pensando no futuro. Os historiadores contam que certa vez a cidade sofreu um longo cerco por parte dos persas: pois bem, mesmo nesta ocasião os habitantes continuaram a levar a vida como se suas reservas de mantimentos fossem inesgotáveis. Quando, devido ao longo cerco, os víveres começaram a escassear “um homem chamado Heráclito apareceu na assembleia do povo e aí, sem dizer uma única palavra, pegou um punhado de cevada moída, misturou-a com água e comeu a papa permanecendo sentado no meio deles”.[146] Os concidadãos entenderam a muda repreensão e a partir daquele momento começaram um período de austeridade que desestimulou por completo os persas. Gostaria de ver por aqui também se pode-se resolver os problemas da crise

econômica com um simples gesto? Um homem de comprovada sabedoria (nunca um radical, é claro) poderia comer... sei lá... uns bolinhos de carne diante das câmeras de tevê e, quem sabe que os italianos, chocados diante de tamanha frugalidade, parassem de comer somente vitela e os quartos posteriores!

Uma vez que Heráclito era um "desprezador do povo",[147] na política ficou sempre do lado do tirano. Costumava dizer: "Obedecer à vontade de um só homem também significa lei."[148] A bem da verdade devemos salientar que nesta época Éfeso estava sendo governada por um certo Ermodoro, um homem excepcionalmente virtuoso e velho amigo da família do nosso filósofo. Imaginem só, então, como ele deve ter ficado furioso quando os patrícios decidiram livrar-se de Ermodoro pelo seguinte motivo: "Não desejando que ninguém, entre nós, seja sumamente digno, e constatando no entanto que há um de tal espécie, convidamos este homem a ir viver alhures."[149] Heráclito esbravejou contra os efesinos e solicitou-os ardorosamente a se enforcarem, um depois do outro, deixando o governo nas mãos das crianças. Depois disso deixou a cidade e escolheu viver como ermitão.

O último período da sua vida foi o mais duro: reduzido ao estado selvagem, alimentou-se somente com ervas e plantas silvestres. Escreveu um livro intitulado *A natureza* e foi entregá-lo, para que não caísse em mãos profanas, no templo de Ártemis.[150] Concluiu-se, por unanimidade, que não dava para entender nada do que lá estava escrito, tanto assim que o autor passou para a história como "Heráclito, o obscuro" (*ho skoteinós*).[151]

Sócrates, que foi um dos primeiros a dar uma olhada nele, saiu-se bem afirmando: "Aquilo que se entende é realmente excepcional, e presumo portanto que todo o resto também seja, mas para se chegar ao âmago desta parte seria preciso ser um mergulhador de Delos."[152] Em outras palavras, só um catador de esponjas acostumado com as trevas dos abismos poderia mover-se à vontade naquele emaranhado. Aristóteles, por sua vez, queixava-se da péssima pontuação e das frases desconexas.[153]

Na verdade, podemos dizer que o velho, e nesta altura também um tanto esclerosado filósofo, era o primeiro a fazer o possível para não ser entendido: o estilo dele era o de um oráculo e, como ele mesmo gostava de frisar, "o oráculo não diz, não esconde, somente acena".[154] Por outro lado é preciso lembrar que a comunicação com as massas deixava-o totalmente

indiferente pois, como ele mesmo dizia, “os homens são desprovidos de discernimento e, embora prestando atenção, parecem surdos. Como testemunho disto, o ditado: os presentes estão ausentes”.[155]

Ao chegar aos sessenta anos ficou doente de hidropisia: inchou-se cada vez mais de água e foi forçado a voltar à cidade para curar-se. É bom dizer logo que o velho Heráclito nunca morrera de amores pelos médicos. Entre os seus fragmentos há um em que demonstra o seu espanto pois “eles não só cortam e queimam, como também pretendem ser pagos”.[156] Os longos anos de reclusão, além disso, tinham-no deixado desacostumado com o convívio com os similares, o que o levou a falar por enigmas mesmo diante dos médicos: perguntou se por acaso havia alguém capaz de transformar uma inundação em seca. Eles não entenderam coisíssima nenhuma e ele mandou-os passear.

Este negócio da hidropisia bem que poderia ser considerado mais uma vingança do destino no que diz respeito a um filósofo grego. Como já acontecera com Pitágoras, morto num campo de favas, a sina de Heráclito foi a de ser perseguido pela água. Pois é preciso deixar bem claro que na obra *A natureza* o filósofo havia condenado a água como sendo o que de pior havia no ser humano. A alma, afirmava, é composta por porcentagens de fogo e água que variam de um indivíduo para o outro: o fogo eleva o homem para metas cada vez mais nobres enquanto a água arrasta-o para as mais torpes paixões. “O bêbedo anda trôpego e pode ser conduzido até por uma criança imberbe justamente porque está com a alma úmida demais.”[157]

Doente e solitário, Heráclito tentou encontrar uma cura à sua maneira: “Enterrou-se num estábulo sob o calor do esterco animal, esperando que desta forma o humor evaporasse.”[158] Segundo a versão de Neante de Cízico, por sua vez, mandou alguns escravos espalmar estrume no seu corpo para então ficar deitado ao sol: só que, irreconhecível daquele jeito, acabou sendo devorado por uma matilha de cães.[159]

Era profundamente pessimista. Num dos fragmentos mais dramáticos escreve: “Os homens querem viver, mas ainda mais intensamente desejam morrer, e geram filhos para que nasçam mais destinos de morte.”[160] Com estas palavras, a freudiana pulsão da morte aparece pela primeira vez na história do pensamento ocidental.

O melancólico Heráclito, como gostava de chamá-lo Teofrasto,[161] pertence sem dúvida alguma à categoria dos filósofos racionalistas: o seu desprezo pelas massas só era igualado por aquele que sentia por Zeus e toda a comitiva do Olimpo. “O mundo” costumava dizer “não foi feito por nenhum dos Deuses.”[162] Criticava abertamente aqueles que rezavam (dirigir orações às estátuas dos Deuses era como tentar conversar com as casas em lugar de com os moradores das mesmas)[163] e os que tentavam purificar-se sacrificando animais nos templos (“purificam-se do sangue derramado derramando ainda mais sangue, como se quisessem livrar-se da lama lavando-se com mais lama”).[164] Ainda bem, para ele, que dizia estas coisas todas em Éfeso e não em Atenas, onde ninguém iria livrá-lo de um processo por impiedade. Eis aqui, a seguir, alguns pensamentos heraclitianos que nos deixam entender claramente o que ele pensava acerca da criação: “O mais lindo dos mundos não passa de um monte de dejetos jogados pelo acaso”,[165] “A vida é uma criança que brinca e movimenta as peças no tabuleiro”.[166] Uns sessenta anos mais tarde Sócrates seria condenado a tomar cicuta por dizer muito menos do que isto.

Nem todos concordam ao tentar definir o verdadeiro pensamento de Heráclito: para alguns ele é o filósofo do “fogo”, entendendo por isto o elemento principal de onde tudo originou-se e para onde tudo voltará; para outros ele é o filósofo do “devenir”, isto é, da luta entre os opostos. A diferença fundamental entre as duas interpretações está no fato que, enquanto a primeira pressagia um vencedor final, a segunda acaba com um empate, achando que para nenhuma das partes interessadas seja conveniente prevalecer sobre a outra. Só para definir a minha posição, vou logo dizendo que eu fico do lado do “devenir”.

A realidade, para Heráclito, é um incessante fluir e transformar-se das coisas. Não há objeto, animado ou inanimado, que não sofra continuamente modificações. Até mesmo aquelas coisas materiais que à primeira vista nos parecem imóveis e imutáveis, quando observadas mais atentamente acabam denunciando algum tipo de alteração: um sino de ferro fica enferrujado, um recife desgasta-se nas ondas, assim como uma árvore cresce e um corpo envelhece. *Panta rei*, tudo escorre, “não é possível banhar-se duas vezes no mesmo rio”.[167] O símbolo desta contínua transformação é o fogo, que Heráclito enaltece como elemento primordial. “Todas as coisas são uma

permuta em troca do fogo, assim como as mercadorias são trocadas por ouro e o ouro é trocado por mercadorias.”[168]

Agora, apesar de Éfeso ficar a menos de 40 quilômetros de Mileto, e de a preferência pelo fogo lembrar até demais as teorias cosmológicas de Tales, Anaximandro e Anaxímenes, seria um erro catalogar Heráclito entre os filósofos da escola milésia. Deixando de lado o seu caráter antissocial, o nosso irascível pensador dá de fato um salto enorme, do ponto de vista teórico, quando comparado com os predecessores.

A originalidade da intuição heraclitiana consiste em ter imaginado o mundo como um imenso campo de batalha onde se defrontam forças mais ou menos equivalentes. A luta não representa a exceção mas sim a regra de vida, aliás, é a própria vida, e os homens precisam aceitá-la como uma forma de justiça natural. “A mais linda das tramas é formada pelos opostos, e todas as coisas nascem da contenda.”[169] “A guerra é o pai [*sic*] de todas as coisas.”[170] [Em grego o substantivo “guerra” é masculino.]

O filósofo não gostava nem um pouco de Homero porque o poeta, num verso da *Ilíada*, havia exclamado “que possa morrer a Discórdia entre os homens e os Deuses!”[171] O que seria o mundo, pergunta Heráclito, se não houvesse luta? Um horrendo e solitário lugar de morte. “Não é afinal a doença que torna boa a saúde? Não é então a fome que gratifica a satisfação do apetite, e a labuta que torna mais suave o descanso?”[172] O mais estranho, mas talvez também o mais significativo dos fragmentos de Heráclito, diz: “Do arco na verdade o nome é vida e a sua obra é morte.”[173] Explicação: tanto a palavra “vida” quanto a palavra “arco”, em grego, pronunciam-se *bíos*, e a coincidência não é totalmente casual uma vez que o arco, quando esticado e apesar da aparente estaticidade, simboliza a vida, isto é, a luta entre a madeira tensa e a corda que provoca a tensão, enquanto por sua vez a função para a qual o arco se destina provoca a morte. Seria portanto terrível se um dos contendores levasse a melhor sobre o inimigo: a vitória coincidiria com o suicídio do vencedor. Se ainda estivesse vivo, Heráclito aconselharia hoje em dia os democratas cristãos a nunca enfraquecerem o peso político dos seus adversários naturais, os comunistas, uma vez que o fim do Partido Comunista marcaria ao mesmo tempo o fatal desaparecimento da Democracia Cristã.

Para Heráclito o conflito cósmico, aparentemente tão caótico, esconde uma racionalidade que ele gosta de definir com uma única palavra: *Logos*, e

aí está o *busílis*,[174] uma vez que este termo pode ter as mais variadas interpretações. Para alguns *Logos* só quer dizer Linguagem, para outros, no entanto, significa Verdade, Razão, Verbo, Realidade e até Deus. No meu entender, Heráclito imaginava o *Logos* como uma mera lei natural que presidia a luta entre os elementos, sem contudo atribuir à palavra qualquer sentido metafísico. Para os estoicos, porém, e em particular para todos aqueles que quiseram dar à filosofia de Heráclito um toque místico-religioso, o *Logos* representava a vontade do Criador. Infelizmente a filosofia estoica, assim como mais tarde a cristã, não pôde deixar de imaginar um "final feliz" como compensação para os inúmeros sofrimentos aos quais nos sujeita a vida terrena, o que condicionou bastante o pensamento dela. O que me leva a optar pela tese naturalista é a constatação de que nenhum dos filósofos pré-socráticos foi capaz de imaginar alguma coisa que não fosse material. Afinal Anaximandro, quando falava no seu *ápeiron*, não se referia a uma entidade imaterial (como a nossa alma, só para dar um exemplo), mas sim a uma matéria infinita mais sutil do que o ar, e até Pitágoras concebia os números como sendo pequenos objetos providos de espessura.

A obscuridade de Heráclito teve sem dúvida a sua boa dose de responsabilidade nesta variedade de interpretações: levando-se em conta a indecifrabilidade dos fragmentos, qualquer um que assim o quisesse sempre conseguiu encontrar em Heráclito um aval para as próprias teorias. Quer dizer, cada um conseguiu puxar a sardinha para o seu lado. O meu conselho para os estudantes de filosofia, portanto, é citar Heráclito à vontade, qualquer que seja o filósofo do qual estão descrevendo o pensamento. Hobbes, Spencer, Hegel, Bergson, Heidegger, Nietzsche: o Obscuro cai bem para todos eles, uma vez que sempre disse tudo e o contrário de tudo: dá para fazer bonito arriscando muito pouco.

Heráclito também teve os seus fãs e, como costuma acontecer, eles acabaram sendo até mais intransigentes do que o próprio mestre; se Heráclito, por exemplo, dissera que era impossível banhar-se duas vezes no mesmo rio, o seu discípulo predileto, Cratilo, afirmou que a coisa era impossível até uma única vez, e, no que diz respeito à inutilidade de comunicar com os outros, ele costumava ficar no mais absoluto silêncio. Quando lhe faziam alguma pergunta, limitava-se a mover o dedo mindinho.[175]

EXERCÍCIO: Meditem sobre o seguinte fragmento.
“Quanto ao tamanho, o Sol é tão grande quanto o pé de um homem.”[176]

---

135 Para os testemunhos e os fragmentos a respeito de Heráclito, veja *I Presocratici*, cit., vol. I, pp. 179-221; G. Colli, *La sapienza greca*: vol. III: *Eraclito*, Milão, 1980.
136 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 1.
137 Estrabão, *Geografia*, XIV 632-33.
138 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 6.
139 Fr. 14 A 72 Colli.
140 Fr. 14 A 77 Colli.
141 Fr. 14 A 9 Colli.
142 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 5.
143 Fr. 14 A 67 Colli.
144 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 3.
145 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 14.
146 Plutarco, *A loquacidade*, 17; 511 B.
147 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 6.
148 Fr. 14 A 85 Colli.
149 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 2.
150 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 6.
151 Mais que “obscuro” *skoteinós* significa “tenebroso”.
152 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 22.
153 Fr. 14 A 130 Colli.
154 Fr. 14 A 1 Colli.
155 Fr. 14 A 86 Colli.
156 Fr. 14 A 61 Colli.
157 Fr. 14 A 51 Colli.
158 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 3.
159 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 4.
160 Fr. 14 A 62 Colli.
161 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 6.
162 Fr. 14 A 30 Colli.
163 Fr. 14 A 21 Colli.
164 Fr. 14 A 21 Colli.
165 Fr. 14 A 107 Colli.
166 Fr. 14 A 18 Colli.
167 Fr. 14 A 125 Colli.
168 Fr. 14 A 29 Colli.
169 Fr. 14 A 5 Colli.
170 Fr. 14 A 19 Colli.
171 Fr. 14 A 127 Colli.
172 Fr. 14 A 111 Colli.
173 Fr. 14 A 8 Colli.

174 *Busílis*: o xis da questão, a dificuldade principal, a arapuca. De um antigo *in dièbus illis* (naqueles dias) que um amanuense transcreveu erradamente como *in die busillis* tornando a frase incompreensível uma vez que a palavra *busillis* simplesmente não existe em latim. (N. do T.)
175 Fr. 14 A 134 Colli.
176 Fr. 14 A 54 Colli.

IX
TONINO CAPONE

Entre os tantos lugares-comuns que banalizam a nossa conversa, há um realmente detestável segundo o qual o melhor a fazer seria "levar a vida com filosofia". Sei perfeitamente que ficar bloqueado num elevador por mais de uma hora é uma experiência que exige uma certa aptidão filosófica, mesmo que fosse apenas para ocupar-se durante a espera, mas francamente não me parece certo reduzir a filosofia a uma mera prática de resignação. Ter uma filosofia significa, entre outras coisas, possuir uma escala de valores na qual fundamentar as nossas escolhas de vida.

Vamos examinar o caso de Tonino Capone: estamos em Nápoles, numa quente manhã de julho, é meio-dia, a temperatura está bem acima da média esperada para esta época do ano, a minha Fiat está estacionada no sol. Entro no carro que está um forno, tento ligar o motor e descubro que a bateria está descarregada: praguejo em voz alta e dirijo-me para a oficina do meu velho amigo. A loja está fechada e na porta há um cartaz com os dizeres: "TENDO GANHO O SUFICIENTE TONINO FOI À PRAIA."

A escolha de Tonino é uma daquelas decisões que pressupõem uma filosofia. Vamos examiná-la detalhadamente.

Conheci Antônio Capone em 1948, num colégio de padres salesianos: ele era interno e eu só ia lá para jogar futebol. Naquele tempo Tonino era certamente um rapaz muito mais interessado em ação do que em ideias: nada deixava prever que algum dia tornar-se-ia um filósofo.

Depois de abandonar a carreira eclesiástica antes mesmo de começá-la, os seus únicos interesses ficaram sendo o futebol e os motores. Carros, motocicletas, lanchas, motoquinhas, qualquer coisa que tivesse alguma coisa a ver com motores de dois ou quatro

tempos tinha para ele um fascínio irresistível. Deixou a faculdade e começou a envenenar carros de corrida: vivia todo lambuzado de graxa e fedendo a óleo de rícino. Casou ainda muito jovem e arrumou um emprego na Fiat de Nápoles, mas tanto o casamento quanto o trabalho duraram muito pouco: aos vinte e quatro anos estava novamente solteiro e desempregado. Em 1955 participou do Grande Prêmio de Posillipo com um protótipo de sua invenção. A corrida foi vencida por Ascari e ele derrapou para fora da pista na primeira curva, a de Trentaremi: se não fosse por uns dez fardos de palha e por uma árvore de magnólias, teria mergulhado no mar depois de um pulo de duzentos metros. A não ser por ele que quebrou as pernas, não houve feridos entre os espectadores. Durante o período em que ficou engessado, a imobilidade forçada e os estudos de latim e grego feitos com os salesianos facilitaram a sua retomada da leitura dos clássicos e reavivaram nele o interesse pela filosofia. Hoje em dia Tonino deve ser o único intelectual italiano capaz de consertar um platinado.

– A vida cotidiana – diz Tonino – é como o Monopólio: no começo cada jogador ganha 24 fichas de liberdade, uma para cada hora do dia. O segredo consiste em saber gastar estas fichas da melhor forma possível.

Estamos numa pizzaria do Vômero: é uma da madrugada, os clientes já se foram, está na hora de fechar. O *sargentão*, o proprietário, está fazendo as contas atrás da caixa. Dois garçons perambulam entre as mesas amontoando as toalhas sujas a serem entregues à tinturaria. Num canto, numa mesa afastada, diante de três cafezinhos, só ficamos eu, Tonino e Carmine, o garçom mais antigo da pizzaria.

– Para viver – diz Tonino – nós precisamos de duas coisas: de algum dinheiro que nos possibilite uma certa independência econômica, e de um pouco de carinho para superar sem maiores prejuízos os momentos de solidão. Estas duas coisas, no entanto, ninguém está disposto a dá-las de graça: você precisa comprar, e tem de pagar com horas e mais horas de liberdade. Os meridionais, por exemplo, são naturalmente levados a desejar um

emprego seguro, com salário sacramentado no fim do mês. Não estou dizendo que se trata de alguma coisa particularmente estressante, nada disto, mas do ponto de vista da liberdade o emprego é uma das obrigações mais caras que existem: oito horas por dia significam oito fichas a serem pagas por dia, sem contar as horas extras e um eventual segundo trabalho. E o que dizer do amor? Neste caso também o homem é levado a procurar uma situação confortável, encontra uma mulher, casa com ela, e espera conseguir assim aquele salário afetivo de que sente falta. Mas esta solução também tem o seu preço: na melhor das hipóteses são mais seis horas de liberdade que vão por água abaixo. A mulher espera pelo marido, que acaba de cumprir o seu dever no escritório, e sequestra-o. Vamos então fazer as contas: oito horas para o trabalho, seis para a mulher, só ficam mais dez e ainda precisamos dormir, tomar banho, comer e perder tempo no vaivém de carro para o local de trabalho.

– Dom Antônio – diz Carmine que, não sendo íntimo continua a chamar Tonino de senhor e ainda acrescenta o dom –, a única coisa que não entendi é esse negócio das fichas. O senhor está dizendo que para arranjar dinheiro a gente tem de tirar do bolso mais dinheiro...

– Isto mesmo – interrompe Tonino – mas trata-se de dinheiro imaginário, de notas que correspondem às horas de lazer. Se você sacrificar todas as horas do seu dia com o trabalho e com a sua mulher, não vai ter nem mais um minuto para ficar consigo mesmo.

– Entendi, dom Antônio – concorda Carmine, não muito convencido –, mas veja bem: quando eu trabalho nunca fico chateado, quando estou com a minha mulher digamos que ainda dá para aguentar sem maiores problemas, mas é quando fico sozinho comigo mesmo que realmente me chateio e então, digo eu, não é melhor trabalhar neste caso?

– Isso acontece porque ninguém jamais o ensinou a viver sozinho. Sabe o que dizia um filósofo alemão chamado Nietzsche? Dizia: “ó solidão, ó pátria minha!”

– Pode ser que seja assim na Alemanha – protesta Carmine – mas para nós, napolitanos, a solidão sempre foi coisa ruim.

– A solidão em si não é nem boa nem ruim – precisa Tonino. – Ela é uma espécie de pedra de toque, uma lupa, um catalisador: se você está mal consigo mesmo e está só, vai se sentir péssimo, se está bem, vai achar ótimo estar só.

– O problema é que a gente passa mais tempo se sentindo mais mal do que bem – suspira Carmine.

– De qualquer maneira não é da solidão que eu queria falar, mas sim das horas de lazer. E vamos deixar logo uma coisa bem clara: aqui cada um pode dispor das suas horas de folga como bem quiser. Há quem goste de ficar em casa sozinho, lendo ou pensando, ou então de sair com os amigos para bater um papo tomando um trago, e há até quem goste de passear de carro no meio do trânsito. Seja como for, o que realmente importa é que cada um de nós possa ter um cantinho para dedicar-se a alguma coisa que não seja a simples tarefa de ganhar e gastar. Infelizmente hoje em dia o consumismo, com suas exigências cada vez mais imperativas, com as suas leis de comportamento, força-nos a tocar o barco muito mais afoitamente do que na verdade precisaríamos. Bastaria de fato eliminar as despesas supérfluas para livrar-se de uma vez por todas da condenação do trabalho forçado.

– Dom Antônio – exclama Carmine –, o senhor não pode vir com esta conversa logo para cima de mim! De quais despesas supérfluas o senhor está falando? O senhor vive sozinho, eu tenho mulher e três filhos; para trocar um farolete o senhor cobra vinte mil liras, mas para juntar seiscentas mil eu preciso trabalhar um mês inteiro e ainda contar com as gorjetas dos fregueses!

– Você tem carro? – pergunta de repente Tonino.

– O que quer dizer com carro? Tenho uma velha 127 caindo aos pedaços – responde Carmine baixando a voz, como que envergonhado.

– E ainda acha que o carro não é uma despesa supérflua? O seu pai não tinha, e nem por isto levou uma vida mais miserável do que a sua. Fale a verdade, você comprou porque viu que os outros também tinham, não porque realmente precisava dele, não é?

– Não dá para viver sem carro em Nápoles! Os transportes públicos nem parecem que estão aí!

– Sabe o que vem a ser um homem rico?

– Um sujeito que ganha muito dinheiro.

– Como assim, muito?

– Sei lá... digamos algo parecido com um salário americano, uns dois mil dólares por mês.

– A riqueza, meu bom Carmine, não é uma quantia definida com a qual determinar que fulano é rico porque ganha mais e sicrano é pobre porque ganha menos. A riqueza é uma condição relativa: é rico quem ganha mais do que gasta e, ao contrário, é pobre quem gasta mais do que ganha.

– Não entendi – diz o *sargentão* que, tendo acabado suas contas, sentou-se à nossa mesa.

– Estou querendo dizer que a riqueza não passa de um ponto de vista individual, um sujeito pode sentir-se rico sem ter muito dinheiro: o que importa é que gaste menos do que ganha e que não tenha desejos.

– E é aqui que a vaca vai pro brejo, dom Antônio: os desejos! – desabafa Carmine. – Eu, por exemplo, morro de vontade de ter uma tevê em cores, mas ela custa quase um milhão, está me entendendo? Como é que um pobre coitado como eu vai conseguir juntar um milhão? Na semana passada fiz onze pontos: ora, nem dá para acreditar, a Fiorentina está ganhando de três a zero quando só faltam dez minutos para o fim do jogo, e não é que ela acaba empatando?! Então digam logo: "Carmine Cascone, você não tem dinheiro, pode tirar da cabeça a tevê em cores" e não se fala mais no assunto.

– Pois é – diz Tonino – hoje ninguém pode mais viver sem um aparelho de tevê em cores.

– Não é verdade: eu até que poderia passar sem ele, mas acontece que fui azarado demais – responde Carmine. – Fique sabendo que bem na frente de onde moro, lá em Materdei, há o Grêmio Cultural Benedetto Croce que tem uma linda televisão de 23 polegadas. Agora, uma vez que a minha mulher é, digamos assim, a responsável pelo asseio das salas, todos os domingos eu ia

lá para ver Pippo Baudo e os jogos de futebol. Aí aconteceu que o clube ficou de repente sem dinheiro e, não só não pagou o aluguel mas também vendeu os joguinhos de fliperama que não eram dele. Resumindo: a firma dona dos brinquedos entrou na justiça e na semana passada os oficiais do tribunal lacraram as portas do clube. O negócio é que eu já me acostumara com a tevê em cores e já não acho graça na preto e branco: é por isto que preciso comprar uma.

– Se eu fosse você, Carmine, também entraria na justiça contra o Benedetto Croce – sugere o *sargentão*, tentando manter-se sério. – Praticamente eles se portaram como traficantes de droga: primeiro lhe deram grátis, e agora querem que você pague.

– Ó sargento, o senhor está brincando mas o nosso Carmine está certo – rebate Tonino. – Isto mesmo, pois no caso que acaba de contar, o clube, com a sua permissividade, proporcionou-lhe uma melhora de vida que aumentou as suas exigências em prejuízo da sua riqueza relativa. Vou dar um exemplo: vamos supor que daqui a uns dias o senhor vá despedir Carmine...

– E esta não é somente uma hipótese – interrompe o *sargentão* – uma vez que passa mais tempo conversando do que servindo pizzas aos clientes.

– ... e vamos supor que o coitado do Carmine venha me procurar à cata de um emprego... – continua Tonino ignorando a interrupção.

– Dom Antônio – vai logo dizendo Carmine –, fique sabendo que não entendo nada de eletricidade ou de carros.

– ... e vamos supor que, devido à antiga amizade, eu lhe dissesse o seguinte: meu bom Carmine, uma vez que preciso de um secretário pessoal, vou contratá-lo com um salário de um milhão e meio de liras por mês...

– Quem me dera! – suspira Carmine.

– ... isto no primeiro ano, a partir do segundo, por motivos pessoais, só vou poder pagar um milhão por mês.

– Que negócio é esse? – insurge Carmine. – Um milhão e meio no primeiro ano, e só um milhão no segundo? Está brincando comigo, dom Antônio? Em lugar de ir para frente estamos voltando para

trás? Estou estranhando o senhor, um bom empregado, depois de um ano, merece um aumento de salário por merecimento.

– Mas eu sou louco: pago mais no começo e menos no ano seguinte – insiste Tonino. – E aí, meu bom Carmine, você está frito: pois é, porque durante o primeiro ano você se acostumou a viver com um milhão e meio por mês, e aí passaria a considerar-se mal pago pelo resto da vida. Mas se, ao contrário, você é esperto, sabe o que deve fazer? Durante o primeiro ano pega aquele meio milhão a mais e vai doá-lo ao coitado que fica na esquina da igreja. De forma que depois de um ano nada lhe acontece de ruim, pois você continua levando a vida de costume, e quem fica na pior é o coitado do mendigo que diria: *"que fim levou aquele cavalheiro tão gentil que todo mês me dava meio milhão?"*

– Entendo – reconhece Carmine – o coitado teria se expandido. Quem sabe, poderia até ter arrumado uma amante!

– Aí está: a parábola do pobretão beneficiado faz com que a gente entenda o segredo de viver bem – conclui triunfante Tonino. – A riqueza não passa de um estado de ânimo: basta não ter desejos para sentir-se automaticamente bilionário. Você quer a felicidade? Sem problemas: lembre-se que ela coincide com a sua liberdade pessoal. Quanto a mim, já reduzi ao mínimo as minhas necessidades: o que me permite trabalhar somente meio expediente e dedicar o resto do meu tempo à amizade e ao conhecimento do mundo.

Tonino Capone jamais escreveu um livro. Os únicos fragmentos que lhe podem ser atribuídos são aqueles escritos com a esferográfica na sua agenda de trabalho. Entre um "terça-feira 18:30 trinco de segurança advogado Pittalá" e um "encomendar baterias Tudor", vez por outra dá para encontrar uma frase como esta: "Muitos se esforçam para prolongar a vida, quando no entanto seria preciso expandi-la!"

X
ELEIA

Meus caros concidadãos, se em lugar de engarrafar com os seus carros as ruas da ilha de Ischia vocês decidirem algum dia ir um pouco mais para o sul e explorar a costa italiana naquele trecho compreendido entre Punta Licosa e Capo Palinuro, irão certamente reparar numa pequena aldeia de pescadores chamada Marina de Ascea onde, à parte a água do mar que continua sendo a de antigamente, ainda podem ser vistas, cercadas por um silêncio encantado, as antigas muralhas da cidade de Eleia.

Naquele remoto 540 a.C., o lugar deve ter parecido aos olhos dos colonizadores foceus o que de melhor se podia pedir aos Deuses: um rio, o Alento, bastante largo e profundo para fornecer abrigo aos navios, duas ilhotas, Pôntia e Isácia,[177] plantadas ali como sentinelas a salvaguardar a foz; e finalmente o promontório, com os três lados cercados pelo mar, que parecia feito sob encomenda para erguer nele uma Acrópole. Os foceus perceberam logo que haviam chegado ao seu destino.

Nesta altura da minha história acho que pode ser interessante acompanhar desde o começo uma dessas odisseias, até mesmo para entender melhor o que impelia os nossos antepassados a enfrentar tantos perigos. Basta imaginar o que devia ser a travessia do Mediterrâneo num barco a remos do século VI a.C. Não foi por acaso que escolhi Eleia, uma cidade fundada pelos foceus, uma vez que este povo contribuiu mais do que qualquer outro a espalhar a sua colonização por todo o mundo então conhecido. A eles são atribuídas: a exploração do mar Adriático, a fundação de inúmeras colônias nas costas espanholas e até, seguindo as pegadas de Coleu, uma esticada pela costa atlântica além das colunas de Hércules.[178]

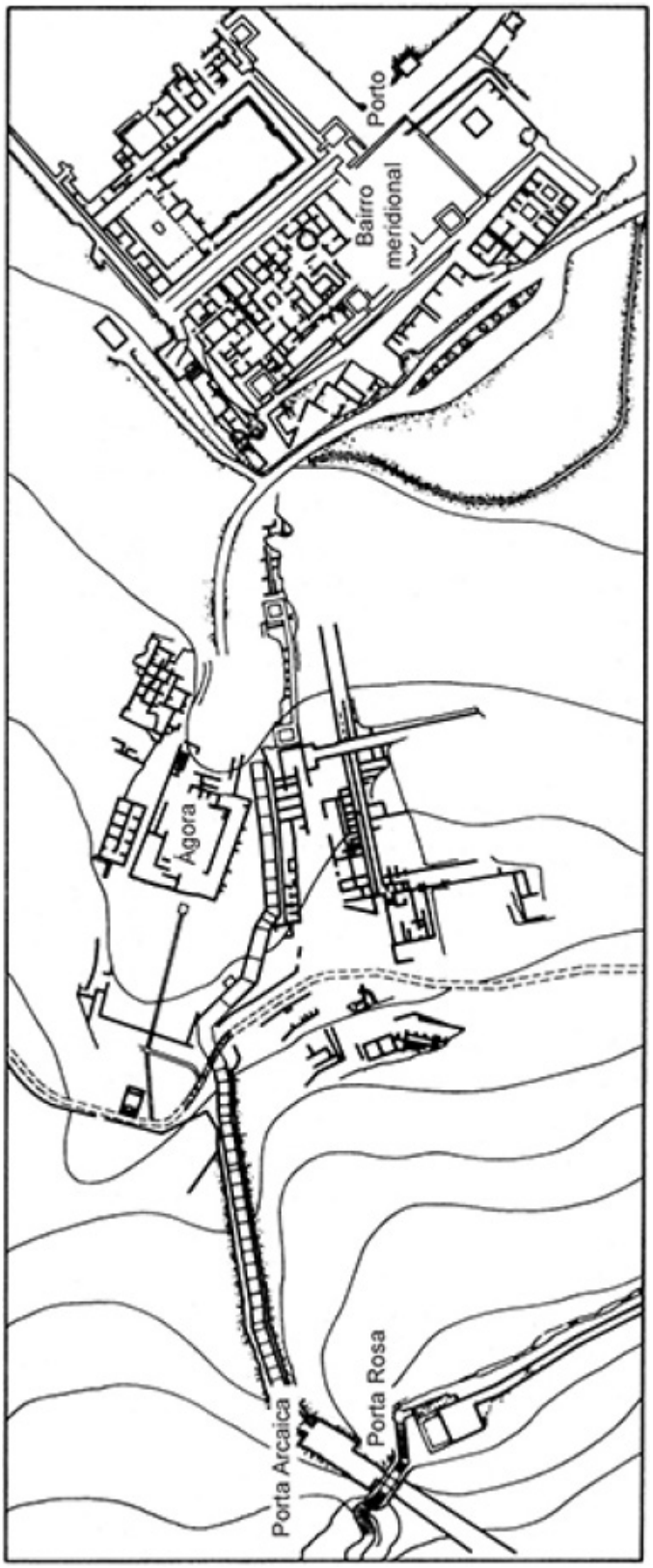


Fig. 4 – **Eleia: a cidade baixa**

Tudo começou num dia infeliz por volta do ano 545 a.C., quando um general persa, um tal de Arpago, decidiu invadir a costa jônica por conta de Ciro o Grande e cercou a cidade de Foceia (veja figura 2).

Antes do surgimento do avião, a história da humanidade foi uma infinita sequência de cercos. Quando um povo decidia instalar-se em algum lugar, a primeira coisa que procurava era uma colina que lhe permitisse olhar de cima um eventual inimigo invasor. O medo de acabar os próprios dias como escravo era tanto que os habitantes de Ecbátana (a atual Ramadã) protegeram a sua cidade com nada menos de sete fileiras concêntricas de muralhas.[179] A nossa Foceia também tinha uma saída para o mar, o que representava uma fonte de segurança nada desprezível, uma vez que os foceus eram excelentes marinheiros e os seus navios "de cinquenta remos" dificilmente podiam ser alcançados depois de ganharem o alto-mar.

Mas vamos voltar ao cerco: Heródoto conta[180] que Arpago, depois de inúmeros ataques, mandou avisar aos sitiados que para ele a conquista de Foceia era uma mera questão de prestígio e que poder-se-ia chegar a um entendimento: bastaria que uma única linha de defesa fosse derrubada, só para poder dizer que Foceia também se sujeitara ao poder de Ciro. Os foceus levaram um dia inteiro para decidir acerca de uma eventual rendição e, por sua vez, pediram que as tropas persas recuassem pelo menos um quilômetro enquanto deliberavam. Arpago concordou com o pedido e os sitiados aproveitaram para embarcar nos navios com todos os seus bens e até com as estátuas dos Deuses.

Uma viagem decidida assim, em cima da hora e com os persas a persegui-los de perto, não podia certamente levá-los muito longe, de forma que os foceus desembarcaram naquela mesma noite na vizinha Khios onde procuraram comprar à vista as ilhas Enussas. Infelizmente para eles, no entanto, os habitantes de Khios ficaram com medo de uma eventual concorrência mercantil e não se deixaram tentar pelo dinheiro e os nossos fugitivos viram-se forçados a zarpar mais uma vez. Alguns deles, vencidos pela saudade, voltaram atrás enquanto outros preferiram dar o grande salto e viraram as proas para o Ocidente, decididos a alcançar a longínqua ilha de Cirno (a atual Córsega) onde, ao que parece, alguns patrícios já haviam fundado alguns anos antes a colônia de Alalia.[181]

A chegada dos foceus não deve ter agradado nem um pouco aos cartagineses e aos etruscos que, vendo-se ameaçados por esta contínua

chegada de migrantes jônicos, decidiram livrar-se deles de uma vez por todas. Foi em combate naval de grande porte no qual não houve nem vencidos nem vencedores: uma vitória cadmeia,[182] como se costumava dizer na época. Os foceus perderam quarenta navios, muitos deles morreram lutando, outros salvaram-se a nado mas foram logo em seguida lapidados pelos corsos que, já naquele tempo, eram pessoas de poucas palavras. Heródoto conta que, em seguida, todos aqueles que passaram pelo lugar da matança "tornaram-se repentinamente estropiados, coxos e impotentes como se, em lugar de homens, tivessem sido ovelhas ou animais de carga".[183]

Os sobreviventes daquela infeliz expedição dividiram-se em dois grupos: uns fundaram Massália (Marselha)[184] e os demais dirigiram-se para o sul, rumo a Reggio, na Calábria. Ao chegarem nesta cidade foram alcançados por uma mensagem da Pitonisa que os solicitava a não perderem mais tempo e a remontarem as costas calabresas até a foz do rio Alento. Num primeiro momento a colônia recebeu o nome de Hyele,[185] devido a uma nascente do lugar, depois Eleia e finalmente Vélia pelos antigos romanos, nome aliás que ainda pode ser encontrado nos mapas do Touring.

Atualmente o promontório da Acrópole já não está cercado pelo mar: toda uma série de aluviões deslocou a foz de alguns quilômetros[186] até englobar as duas ilhotas, Pôntia e Isácia, que aliás continuam reconhecíveis por serem os únicos lugares calcários no meio de uma vasta zona aluvial. O visitante que estiver percorrendo a estrada provincial que vem de Casal Velino irá encontrar uma seta apontando para "Vélia" e, depois de umas poucas centenas de metros, as muralhas da cidade baixa. É fácil encontrar turistas alemães, franceses e japoneses, todos obviamente providos de suas câmeras e filmadoras; escasseiam no entanto os italianos. Se Eleia estivesse bem longe, nas ilhas Seychelles, por exemplo, talvez fosse mais conhecida em certos ambientes da Itália "bem"; mas no que diz respeito a vocês, meus queridos patrícios napolitanos, que não estão tão costumados assim com o pessoal do *jet-set*, não podem absolutamente deixar de dar uma olhada: venham num domingo qualquer, com as suas famílias e, depois de chegar à Porta Marina, tirem os sapatos e prossigam descalços na direção da Acrópole. Ao passar pela Porta Rosa estarão pisando nas mesmas pedras em que 2.500 anos atrás se apoiaram as solas de Xenófanes de Colofone.

Na velha Eleia agora há paz e silêncio: deitem-se na grama e comam o sanduíche de salsicha e *friarelli* preparado pelas suas prestimosas esposas; fiquem então aproveitando o sol, sentados nos degraus do templo maior e observem calmamente o lugar onde todas as manhãs Parmênides ensinava a Zenão que “o ser é” e “o não ser não é”; sabe lá se o encantamento da paisagem consiga levá-los a entender a filosofia do ser muito mais do que os livros especializados.

O traçado das muralhas defensivas deixa logo entender que Eleia nunca chegou a ser uma grande cidade, nem mesmo na época do seu maior esplendor; e mesmo assim foi justamente nesta pequena aldeia da Campânia que nasceu uma escola de pensamento que iria ter uma influência determinante na história da filosofia ocidental.

---

177 Plínio, *História natural*, III 85.
178 Heródoto, *Histórias*, IV 152.
179 Heródoto, *Histórias*, I 98.
180 Heródoto, *Histórias*, I 167.
181 A atual Aleria.
182 Expressão grega equivalente à nossa “vitória de Pirro”. Cadmo era um antepassado de Édipo, o pai de Etéocles e Polinice, dois gêmeos que se desafiaram num duelo durante a guerra dos Sete contra Tebas, e que acabaram matando-se um ao outro.
183 Heródoto, *Histórias*, I 167.
184 Estrabão, *Geografia*, IV 179.
185 Estrabão, *Geografia*, VI 252.
186 M. Napoli, *Civiltà della Magna Grecia*, Roma, 1969.

XI
XENÓFANES

Xenófanes[187] era um rapsodo que também cantava as suas próprias músicas: o seu repertório compreendia os poemas homéricos e umas sátiras, chamadas *silloi*, que ele mesmo compunha para se divertir às custas dos colegas. Toda vez que havia uma festa, um banquete, o primeiro a ser convidado era ele e, quase sempre, no fim da comilança havia alguém que lhe pedia uma canção. "*Xenô*", diziam, "cante para nós o caso de Agamêmnon passando Aquiles para trás com a sua escrava preferida." De forma que, de tanto declamar os mesmo episódios, acabou criando uma profunda antipatia por Homero e a partir daquele momento fez o que quis dele. Para os gregos, no entanto, Homero era tudo: os jovens tinham de conhecê-lo de cor e salteado, e só então podiam dizer que haviam concluído os estudos fundamentais. Alcino, só para dar uma ideia, chegou a afirmar que os Deuses só haviam decretado a destruição de Troia para dar a oportunidade a Homero de "transformar o fato em assunto para as gerações futuras".[188]

Xenófanes era um moralista mas também tinha o sentido do humor, isto é, um vício e uma virtude. Nada era do seu agrado: além de Homero, tampouco apreciava Hesíodo, Tales, Pitágoras, Epimênides e qualquer outro que fosse mais famoso do que ele. Certa vez queixou-se até dos desportistas: "Não é justo", disse, "que um bom pugilista, um atleta valente no pentatlo, na luta ou na velocidade das pernas faça jus a maiores honrarias e riquezas do que aquele que se dedica ao ensino da sabedoria, uma vez que esta, no meu entender, vale mais do que a força física dos homens e dos cavalos."[189] E pensar que naquela época os campeões ainda não tinham contratos publicitários milionários como hoje em dia!

No que diz respeito ao seu humorismo tenho lá minhas dúvidas: pode ser que seja devido aos vinte e cinco séculos que nos separam, mas francamente não acho nada de mais. A um sujeito que lhe contava ter visto

enguias vivendo na água quente, certa vez ele respondeu: “Tudo bem, quer dizer que iremos cozinhá-las na água fria.”[190] Hum... Só espero que daqui a dois mil e quinhentos anos os fragmentos do meu *Così parlò Bellavista* sejam examinados pelos estudiosos com a mesma atenção!

Xenófanes, filho de Déxio e de Ortomene, é mais um que nasce na costa jônica: em Colofone. E se não temos muita certeza quanto à paternidade, não podemos dizer que as coisas são melhores quanto à data de nascença: uns afirmam que era coetâneo de Anaximandro[191] (nascido em 610), outros de Gerone[192] (tirano de Gela em 470). Para contentar todo o mundo deveria ter vivido mais de cem anos, e vai ver que conseguiu. O que sabemos ao certo é aquilo que ele mesmo nos conta numa elegia: “Já faz sessenta e sete anos que vou empurrando esta minha errabunda inquietação pelas terras helênicas, e isto depois que já se haviam passado vinte e cinco do meu nascimento”.[193] Fica então fácil fazer umas contas: 67 + 25 = 92, é só juntar mais uns aninhos e chegamos a cem. O que mais interessa, no entanto, é reparar que começou a “empurrar a inquietação” aos vinte e cinco anos de idade. Fazendo coincidir esta data com a do exílio, e lembrando que a invasão dos medos foi em 540, podemos então calcular que nasceu por volta de 565 a.C.

Parece que quando jovem não teve mestres. A notícia de ele ter sido discípulo de Anaximandro[194] parece bastante improvável, a não ser que além de filósofo Anaximandro também bancasse a babá.

Xenófanes começou a contestar o mundo logo que chegou à idade da razão. Na primeira metade do século VI Colofone era governada por uma oligarquia, chamada dos mil cavaleiros, e fazia parte de um território controlado pelo povo dos lídios. Coisa bastante normal naquela época, mas o jovem Xenófanes torcia o nariz diante daquela branda dominação: dizia que os soldados de Creso eram todos uns playboys e que, por culpa deles, os costumes dos seus concidadãos se haviam afrouxado. Quem o fez mudar de opinião acerca dos lídios foi o general Arpago, chefe militar dos medos, militar intransigente e terror de toda a costa jônica. O filósofo entendeu logo que com as novas tropas de ocupação não era o caso de ficar declamando sátiras e achou por bem mudar-se o quanto antes dali.

Deve ter comido o pão que o diabo amassou: foi capturado e vendido como escravo pelos piratas, foi resgatado pelos pitagóricos Parmenisco e Oréstade,[195] sepultou os filhos com suas próprias mãos,[196] morou em Zancle

(Messina), Catânia,[197] Malta, Siracusa,[198] Agrigento e Lípari[199] onde ficou muito impressionado com a erupção do vulcão (que vulcão? Provavelmente confundiu Strômboli com Lípari). Depois de todas estas andanças acabou chegando a Eleia onde, finalmente, decidiu fixar-se e assentar a pedra fundamental da escola eleática.

Morreu muito velho e muito pobre, tão pobre que certo dia confessou "não conseguir manter nem dois escravos".[200]

Além dos *silloi* e das elegias, escreveu uma obra em hexâmetros intitulada *A natureza*, e mais dois poemas em versos de cunho histórico: *A fundação de Colofone* e *A colonização de Eleia.*

Algumas histórias da filosofia classificam Xenófanes como sendo, em ordem de tempo, o primeiro filósofo eleata. Agora, não há a menor dúvida quanto ao fato de ele ter vivido em Eleia, e também é incontestável que era mais velho do que Parmênides, mas parece-me um tanto arriscado que só por causa destas duas circunstâncias possamos considerá-lo o fundador da escola eleática. Talvez "o poeta humorista de Colofone"[201] nem chegasse mesmo a ser um filósofo, mas sim apenas um teólogo nascido por engano com sete séculos de antecedência. Reconhecemos entretanto que foi o primeiro a cunhar a frase "o Um é Tudo", que de alguma forma prenuncia o pensamento de Parmênides.

A ideia central de Xenófanes é que Deus não pode ser confundido com aquelas caricaturas que Homero e Hesíodo haviam popularizado em seus poemas.[202] "Eles atribuíram aos Deuses" dizia "tudo aquilo que para os homens é motivo de vergonha e censura: roubar, cometer adultério e enganar-se reciprocamente."[203] Deus, ao contrário, é uma entidade superior, é Tudo e é Único. Mas é preciso tomar cuidado, no entanto: ao dizermos Único não podemos ir logo pensando num Deus como costumam imaginá-lo as pessoas como nós, de fé cristã e com um certo pendor pelo monoteísmo: mas sim numa visão panteísta do mundo (nos moldes de Tales, só para dar um exemplo) onde qualquer coisa é Deus e onde o conjunto das coisas forma um Todo Único com caráter divino. Os homens ignorantes, entretanto, costumam imaginar os Deuses como sendo super-heróis feitos à sua própria imagem e semelhança: "Os etíopes representam-nos de pele escura e nariz achatado, os trácios de olhos azuis e cabelos ruivos"[204] e "se os bois, os cavalos e os leões tivessem mãos pintariam os

seus Deuses parecidos com bois, cavalos e leões, e representariam corpos moldados nos seus próprios corpos".[205]

Antes de mais nada, diz Xenófanes, ao falarmos de Deus não podemos dizer que Ele nasceu, uma vez que o perfeito não pode nascer do imperfeito: Deus é portanto não gerado e eterno. Finalmente os Deuses não podem ser uma multidão pois, neste caso, alguns seriam superiores e outros inferiores, e a ideia de um Deus inferior é simplesmente inconcebível. E tampouco poderiam ser iguais, uma vez que o igual, não sendo por definição melhor do que os demais, contrastaria com a primeira prerrogativa da divindade que é justamente a de ser suprema. Resumindo: Deus é Único, Onipotente e Esférico e, como tal, não é infinito nem limitado.

Aristóteles não concorda com esta afirmação de Xenófanes acerca da esfericidade de Deus. Para ele, "admitir que Deus é esférico é o mesmo que determinar-lhe limites".[206] Ora, para deixar todos satisfeitos, seria preciso esperar até Einstein e a sua teoria do espaço curvo com quatro dimensões, que é ao mesmo tempo limitado e ilimitado. Mas receio que ao tocar no assunto estaria me afastando demais da conversa despretensiosa com que prometi tratar a questão no começo do livro, razão pela qual passo adiante a bola e deixo as reflexões como estímulo à fantasia e à curiosidade dos leitores.

Se, na intuição do Um, Xenófanes antecipa as teorias de Parmênides, a sua física parece entretanto mais relacionada com os filósofos de Mileto. Na visão dele, o mundo vem da terra e voltará à terra.[207] Atualmente, porém, é feito de terra e de água e, nas soluções intermediárias, de lama. Como prova das incursões de um destes elementos na área do outro, o filósofo menciona as marcas fósseis de peixes, plantas e conchas por ele encontradas nas pedreiras de Siracusa.[208] Extraordinária, para concluir, a sua hipótese segundo a qual a terra sob os nossos pés seria infinita,[209] não boiando portanto na água como defendia Tales, nem suspensa no vazio como afirmava Anaximandro.

O que há de melhor em Xenófanes, no meu entender, continua sendo aquilo que encontramos em suas poesias. Vamos ler juntos uma das suas elegias, viajando com o pensamento para um banquete do quinto século antes de Cristo.[210]

(...) ali está a cratera, cheia de alegria, e mais vinho está à espera nos vasos, avisando que não irá faltar, doce como o mel, cheirando a flores; no meio o incenso emana o seu sagrado eflúvio; há água fresca, suave e cristalina; aqui ao lado temos pães dourados e a rica mesa oprimida pela fartura do queijo e do loiro mel; no meio o altar está cheio de flores e a casa inteira ressoa com cantos de tripúdio. Antes de mais nada, como homens de bem, vamos elevar cantigas a Deus com palavras puras e contos piedosos. Mas depois de levantarmos as nossas taças pedindo que nos seja concedido operar conforme a justiça, não haverá excesso pecaminoso em beber até que aquele que não é velho demais possa chegar em casa sem a ajuda de um escravo...

---

187 Para os testemunhos e os fragmentos a respeito de Xenófanes, veja *I Presocratici*, op. cit., vol. I, pp. 147-78.
188 *Odisseia*, VIII 578.
189 Fr. 2 Diels-Kranz.
190 Plutarco, *Noções comuns*, 46; 1084 F.
191 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 18.
192 Clemente de Alexandria, *Estrômata*, I 64.
193 Fr. 8 Diels-Kranz.
194 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 21.
195 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 20.
196 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, ibidem.
197 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 18.
198 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 14.
199 Aristóteles, *Portentos*, 38 833a 15.
200 Plutarco, *Máximas de reis e generais*, 175 C.
201 P. Tannery, op. cit., p. 131.
202 O juízo crítico é de Xenófanes. Quanto a mim, gosto dos deuses humanos de Homero assim como eles são.
203 Fr. 11 Diels-Kranz.
204 Fr. 16 Diels-Kranz.
205 Fr. 1 Diels-Kranz.
206 Pseudo-Aristóteles, *Sobre Melisso, Górgias e Xenófanes*, 3, 977a.
207 Fr. 27 Diels-Kranz.
208 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 14.
209 Fr. 28 Diels-Kranz.
210 Fr. 1 Diels-Kranz.

XII
PARMÊNIDES

Parmênides, filho de Pireto, nasceu em Eleia entre 520 e 510 a.C.[211] Diógenes Laércio conta que teve como mestres Xenófanes, Anaximandro e o pitagórico Amínia.[212] Não existem dúvidas quanto ao fato de ter sido discípulo de Xenófanes: estavam lá, numa pequena aldeia com menos de mil habitantes, quase sem diversões, e não vejo portanto como poderiam deixar de conhecer-se. A presença de Anaximandro entre os professores de Parmênides, no entanto, parece-me pelo menos improvável: duas mil milhas de mar e, principalmente, mais de cem anos de diferença entre os dois sugerem a impossibilidade de qualquer contato. No que diz respeito a Amínia, então, desconfio que o relacionamento entre o pitagórico e o eleata não tenha sido exatamente aquele que se esperaria entre mestre e discípulo: li atentamente a informação dada por Sócion de Alexandria e reparei que, enquanto no que diz respeito a Xenófanes e a Anaximandro o historiador usa a expressão “foi aluno”, no caso de Amínia prefere a mais nebulosa “tiveram contatos”[213] e, numa outra tradução, “compartilhou costumes de vida”[214] e até “teve intimidades”.[215] O próprio Platão confirma que Parmênides era homossexual quando, no diálogo homônimo, apresenta-nos oficialmente Zeno como sendo o amante do filósofo.[216] A coisa, no entanto, não deve ser para nós motivo de surpresa pois naquele tempo a homossexualidade era bastante comum e quase todos os filósofos tinham um namorado. O que é bom saber, entretanto, é que esses pensadores, ao contrário dos intelectuais dos nossos dias, também costumavam aproveitar a companhia de formosas heteras.

Parmênides nasceu rico, de boa família e generoso para com os amigos. Quando Amínia morreu, sendo ele muito pobre, mandou erguer com o seu próprio dinheiro uma luxuosa capela mortuária.[217]

Segundo Plutarco, também foi um excelente legislador, tanto assim que os seus concidadãos, ao chegarem à maioridade, tinham a obrigação de

jurar fidelidade às leis parmenidianas.[218]

Teve como discípulos Zeno e Empédocles [219] e, dito isto, creio que não seja necessário dizer mais nada acerca da sua vida, a não ser pela viagem que o levou a Atenas em 450. Parece que se tratava de uma missão diplomática promovida pelos eleutas a fim de convencer Péricles a assinar um tratado de aliança entre as duas cidades. Na prática, porém, Parmênides e Zeno acabaram passando muito mais tempo com os colegas atenienses do que com os governantes. Foi uma espécie de confrontação entre filósofos de alto nível: de um lado os eleáticos, desejosos de mostrar que a província não ficava absolutamente atrás da metrópole quanto à profundidade de pensamento, e do outro Sócrates que, apesar de estar com apenas vinte e cinco anos, já era aquele dialético inexorável que todos conhecemos. Resultou disto a mais aborrecida e complicada conversa de toda a história da filosofia. Platão dá-nos um exaustivo relato no seu *Parmênides* e, apesar da sua habilidade como escritor, não creio que alguém já tenha sido capaz de ler este diálogo do começo ao fim, nem mesmo o responsável pela coletânea filosófica das edições Laterza. É claro que quando digo que "ninguém leu" estou obviamente falando de pessoas normais.

Dito isto, só para dar uma ideia da conversa mantida pelos filósofos naquele histórico encontro, transcrevo a seguir o começo da confutação de Sócrates.[220] "Tu estás dizendo, ó Zeno, que se as coisas que existem são muitas, todas elas têm de ser semelhantes e também dessemelhantes, o que é impossível; com efeito o que é dessemelhante não pode ser semelhante, nem pode o que é semelhante ser dessemelhante, uma vez que é impossível ser dessemelhante aquilo que é semelhante, e ser semelhante aquilo que é dessemelhante, e portanto também é impossível que sejam muitas as coisas que existem..." e assim por diante por mais cinquenta páginas.

A primeira impressão é a de estarmos enfrentando um jogo de palavras, alguma coisa do tipo: "o rato roeu a roupa do rei de Roma", pois, é claro, esforça-se um pouquinho mais para ler atentamente o diálogo inteiro e começa-se a vislumbrar uma luz ao longe. Por via de regra o homem comum para na página sete, onde Parmênides diz "se tu fores dividir em partes a grandeza como tal, e cada uma das muitas coisas grandes for grande, mas grande no sentido de possuir uma parte da grandeza, uma parte que é menor do que a própria grandeza como tal, não acabará isto dando num absurdo?". "Claro", responde Sócrates, e "claro" também responde o

homem comum que, depois disso, tira de uma vez por todas Parmênides da cabeça.

Ora, eu não sou um maratonista da lógica abstrata, e deve ser por isto que desisto com uma certa facilidade; ao mesmo tempo, no entanto, não posso deixar de ficar pasmo diante da profundidade especulativa alcançada por estes filósofos da Magna Grécia. Puxa vida! Dois homens do quinto século antes de Cristo, nascidos e criados numa pequena aldeia do baixo Cilento, chegam a uma grande cidade como Atenas e aí, em lugar de irem se divertir, mergulham com o maior afinco em disquisições filosóficas sobre o semelhante e o dessemelhante, quando agora mesmo, no limiar do terceiro milênio, naqueles mesmos povoados do nosso Sul, apesar da televisão, mal se consegue vender algum jornal.

Parmênides contou-nos as suas ideias num poema que, para variar, intitula-se *A natureza*.[221] A introdução da composição poética é extremamente sugestiva: o filósofo imagina estar num coche puxado por fogosas éguas (as paixões da alma) e chegar lá "onde se está longe do caminho dos homens".

O eixo das rodas soltava um agudo assobio
todo de fogo (porque espremido por círculos em movimento
de ambos os lados) quando as meninas filhas do Sol
arremessaram-se adiante e, deixando para trás as moradas
da Noite, empurraram o carro em direção da Luz.
Ali está o portal que separa as trilhas do Dia e da Noite.

Ao lado do portal, como sentinela, Parmênides encontra a Justiça que tem "as chaves que abrem e fecham" e que não quer deixá-lo entrar. Mas as filhas do Sol (as sensações) convencem-na com "palavras insinuantes" a deixar passar o poeta e a levá-lo até a Deusa. Ela o recebe com severa benevolência e lhe dirige estas palavras:

Tu precisas conhecer ambos os caminhos:
tanto o coração firme da redonda verdade (a ciência)
quanto a opinião dos mortais (as aparências)
nas quais nada existe digno de fé.

Foi assim que Parmênides conheceu a Verdade e decidiu compartilhá-la com as gerações futuras. Cabe a nós, agora, tentar entender alguma coisa.

Mencionar o verbo “devenir” na presença de Parmênides era o mesmo que blasfemar na igreja: quem o fizesse corria o risco de ser escorraçado aos pontapés. A ideia fixa dele consistia no fato de a Verdade (ou o Um, ou Deus, ou o Logos, ou o Ser)[222] ser algo “único, inteiro, imóvel e não gerado”.[223]

Único, por ser a única realidade que existe.

Inteiro, uma vez que, na ausência do vazio, tampouco poderiam existir os interstícios necessários a dividir o Um em partes.

Imóvel, uma vez que, para mover-se, o Um precisaria ocupar um espaço anteriormente vazio.

Não gerado, porque o ser não podia provir do não ser que, como a própria palavra especifica, não existe.

Conforme as indicações da Deusa há dois caminhos para se chegar a estes resultados: o da verdade e o da opinião. O primeiro coincide com a Unidade, e é a única realidade que existe. O segundo coincide com a Multiplicidade, e não passa de aparência.

Como quase todos os seus colegas pré-socráticos, Parmênides também é um racista intelectual e trata os mortais comuns com bastante desdém: “São pessoas”, diz, “de cabeça dupla, em cujo peito a mente anda a esmo, cega, surda, idiota e incapaz de distinguir o ser do não ser, a verdade da opinião.”[224]

Pensar, no entender de Parmênides, implica ser,[225] enquanto o não ser não é pensável. Em outras palavras, pensar demonstra a existência da coisa pensada e, ao contrário, o não ser não só não existe, pobrezinho, como tampouco pode ser pensado. E aqui fico um tanto perdido: se eu penso em Ornella Muti, é claro que deve existir uma mulher chamada Ornella Muti, pois do contrário não dá para entender como é que eu poderia ter pensado nela. Apesar disto, no entanto, eu também poderia pensar em alguém que já não existe, digamos em Totò, por exemplo, e isto deveria forçosamente implicar a existência da pessoa pensada. No máximo poderíamos dizer que “existe um homem que está pensando num ator cômico chamado Totò, infelizmente falecido”. Mas aí Parmênides sorri diante das minhas objeções e por sua vez rebate que estou a confundir “ser” com “existir” e que só as

aparências dizem que Totò desapareceu, pois na verdade ele continua "sendo". Então eu, mais bravo do que nunca, fico pensando em alguma coisa que não só não "é" neste momento, como também nunca "foi" antes! Penso, por exemplo, numa raça particular de extraterrestres mais feios do que o E.T., com os pés de galinhas, o nariz que parece uma tromba e as orelhas de abano como as do senador Andreotti! Mesmo neste caso, no entanto, Parmênides não perde a pose: diz que se eu fui capaz de imaginar monstrengos como estes, então quer dizer que eles "são". E além disso, uma vez que gosto tanto do verbo "existir", não posso negar que existam galinhas, trombas e o mui honrado senador Andreotti.

É realmente estranho, esse Parmênides: cada vez que insiste naquele seu "o ser é, o não ser não é" fico com vontade de responder-lhe "nada disso", mas aí fico pensando que se trata de um dos maiores filósofos gregos e prefiro calar-me. É mais ou menos o que me acontece quando olho para uma pintura de Paul Klee: num primeiro momento o bom senso leva-me a definir como "garatujas" os traços desenhados pelo mestre, mas aí a fama que cerca o artista e a severidade do lugar acabam sugestionando-me.

Na pintura, na música, na arte em geral, nem sempre a obra tem um significado explícito. Às vezes ela é quase o resultado de si mesma, uma produção que encontra sentido por si só, algo puramente estético, cuja única finalidade é despertar emoções. Infelizmente a maior parte da humanidade é formada por "finalistas", isto é, por pessoas que precisam absolutamente saber que toda ação humana tem um escopo claro e específico, e que este escopo coincide com o significado da própria obra. Dito isto, não gostaria de cometer em relação a Parmênides o mesmo erro em que caem os "finalistas" quando julgam a arte abstrata. E então, fico pensando, não será possível que esse negócio de "o ser é, o não ser não é" não passe apenas de um expediente poético para induzir-me a fantasias ontológicas?

Por falar nisso, a ciência do ser enquanto ser é chamada ontologia e, no meu entender, representa a maior dificuldade no estudo da filosofia grega. Também encontrei esta mesma resistência à compreensão em algumas manifestações do pensamento oriental, como o taoísmo e o zen, e isso leva-me a pensar que tanto o taoísmo quanto o zen devem ter alguma coisa em comum com a filosofia do ser. É preciso reconhecer que não é nada fácil encontrar o lado prático da ontologia. Vamos supor, por exemplo, que alguém me pergunte de repente: "Meu caro professor, uma vez que a partir

da segunda-feira próxima decidi viver de forma ontológica, o senhor poderia dizer-me mais ou menos que tipo de comportamento terei de adotar? Só para ter uma ideia, vou continuar ou não a trabalhar no escritório?" Pois é, o que é que eu poderia responder? Tentaria dizer: "Porte-se como de costume, talvez participando menos intensamente dos altos e baixos da vida cotidiana. Se multarem o seu carro ou se a Juventus vencer o Nápoles, compare as emoções em questão com a verdadeira essência da vida e avalie o resultado." Sejamos francos, para dizer a verdade não saberia nem por onde começar.

Talvez o primeiro passo para nos aproximarmos de Parmênides seja não escrever "o ser é..." com os pontinhos de reticência, como se realmente estivéssemos a ponto de descobrir o que diabo vem a ser este "ser", mas sim pronunciar a frase como simples afirmação: "o ser é" e está falado. Aí, uma vez que somos curiosos e não nos conformamos com a mera aceitação do dogma de "o ser é, e chega de perguntas", arriscamo-nos a indagar se porventura haveria alguma descrição do ser, talvez até aproximativa, para pessoas comuns como nós. Poderíamos até nos contentar com uma vaga descrição do não ser, para então deduzir o conceito mais complicado por antítese.

Depois destas premissas, podemos dizer que o não ser é o conjunto das coisas que se manifestam aos nossos sentidos na forma de cor, sabor, som e assim por diante, e que, ao contrário, o ser é a essência das próprias coisas, isto é, aquilo que se encontra "por baixo" da aparência mutável.

Na sua maravilhosa história *O pequeno príncipe*, o poeta francês Antoine de Saint-Exupéry conta que quando criança morou numa casa onde, diziam, havia sido enterrado um tesouro. Pois bem, justamente por este motivo, e apesar de o tesouro nunca ter sido encontrado, a casa parecera-lhe extremamente linda. "Geralmente", diz Saint-Exupéry, "costumamos olhar somente a aparência externa das coisas e não levamos em conta que o importante é invisível."

Michelangelo, a quem se cobria de elogios por sua habilidade de escultor, sempre explicava que ele se limitava a tirar o "excesso" do bloco de mármore. Pois bem, no nosso caso este excesso são as aparências, e a estátua ideal, aprisionada no mármore, única na sua perfeição, é justamente aquele ser do qual gostaríamos de conhecer a imagem.

Como é fácil entender, estamos seguindo um caminho que nos leva direto para o mundo platônico das ideias. Cuidado: é um caminho íngreme e escorregadio que, além do mais, pode fazer com que percamos o rumo!

---

211 Para os testemunhos e os fragmentos acerca de Parmênides veja *I Presocratici*, op. cit., vol. I, pp. 247-81.
212 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 21.
213 Veja *I Presocratici*, op. cit., vol. I, p. 247.
214 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 21.
215 Veja *I Presocratici*, cit., vol. I, p. 248.
216 Platão, *Parmênides*, 127 A.
217 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 21.
218 Plutarco, *Contra Colote*, 32, 1126 A.
219 Veja *I Presocratici*, cit., p. 248.
220 Platão, *Parmênides*, 128 B.
221 Veja Sexto Empírico, *Contra os matemáticos*, VII 111.
222 Deixo a escolha da definição a critério do leitor.
223 Pseudo-Plutarco, *Estrômata*, 5.
224 Fr. 6 Diels-Kranz.
225 Fr. 5 Diels-Kranz.

XIII
ZENO

Zeno[226] era o “apoio” de Parmênides. Quando houve a famosa reunião de filósofos na casa de Pitodoro durante a viagem a Atenas, quem primeiro tomou a palavra foi ele ou, como se costuma dizer no jargão teatral, encarregou-se de “esquentar” o público fingindo suplicar o mestre, assim que a atenção dos ouvintes tocasse o *akmè*. “Não estaria pedindo-lhe isto”, disse, “se fôssemos muitos, uma vez que não é conveniente tratar destes assuntos diante do povo que é demasiado ignorante, mas por sermos tão poucos eu lhe peço, Parmênides, também em nome de Sócrates, que depois de tanto tempo eu possa voltar a ouvir a sua voz.”[227] E Parmênides, embora estivesse lá justamente para divulgar as suas ideias, respondeu, quase a contragosto: “Sinto-me como o cavalo de Ibico, velho demais para enfrentar a corrida ou então, como o próprio poeta, com demasiados anos nas costas para aguentar os esforços do amor, mas receio que mesmo assim terei de obedecer à sua insistência apesar do medo que sinto ao atravessar um tão vasto mar de palavras.” Ele mesmo dizia estar com medo, o que dizer então de nós, que não somos filósofos e nos vemos forçados a ler páginas e mais páginas de raciocínios abstratos, para finalmente descobrir que “o Um é Um e não pode ser muitos, tanto que uno seja quanto que uno não seja”.[228]

Zeno, filho de Teleutágoras, nasceu em Eleia por volta de 490 a.C.[229] Se tivesse nascido em qualquer outro lugar é provável que tivesse se tornado um bom pescador ou, no máximo, um professor primário; entretanto, uma vez que nasceu a uns poucos metros da casa de Parmênides, teve a chance de fazer com que reparassem nele desde pequeno devido à sua inteligência e vivacidade de espírito. Naquela época os filósofos-políticos (os do tipo de Pitágoras, só para dar um exemplo) estavam continuamente à cata de novos talentos para engrossar as suas fileiras, e é portanto lógico que Parmênides, ao perceber as possibilidades do rapaz, pedisse à família a permissão para adotá-lo. Os pais de Zeno, por sua vez, aceitaram com muita satisfação esta

adoção, uma vez que Parmênides era considerado uma das maiores figuras de Eleia. E se afinal a sua escolha foi influenciada mais pela beleza do garoto do que pelas suas qualidades intelectuais, bom, francamente esta é uma possibilidade que não podemos descartar; por outro lado, uma vez que não dispomos de uma revista da época, temos de nos contentar com o já mencionado comentário de Platão[230] e de uma frase de Diógenes Laércio que chama Zeno de "ouvinte e amásio[231] de Parmênides".

O jovem estudou física, matemática e astronomia, tornando-se muito em breve um homem de excepcional cultura. Também foi um ótimo polemista, tanto assim que seria mais tarde citado por Aristóteles como o inventor da dialética.[232] Teve numerosos discípulos entre os quais Melisso, Empédocles, Leucipo, Pitodoro, Céfalo, Cália e até Péricles. Pelo que nos conta Platão,[233] as suas aulas particulares eram indubitavelmente valiosas, embora certamente não muito econômicas: o curso inteiro acabava custando cem minas, quantia que na Grécia do século V permitia a compra de um pequeno terreno.

Contam que Zeno era bonito mas na verdade, quanto a isto, nem todos concordam. Antes de mais nada poderíamos perguntar se era alto ou baixo. Platão descreve-o como "homem esbelto de porte elegante, agradável de se ver",[234] enquanto um historiador árabe, um certo de Al-Mubassir, afirma que, embora de boa aparência, "era baixo e tinha nariz achatado".[235] Logo a seguir, no entanto, mais alguém nos informa que "os seus olhos eram lindos, negros e grandes, desenhados em forma de amêndoa" mas também que "a sua cabeça era um tanto grande em relação ao resto do corpo, e tinha um hemangioma na face". Os historiadores nem chegaram a um mínimo de concordância sobre o jeito de ele andar: para alguns "mexia-se com extrema lentidão, sempre cuidando de manter a cabeça erguida"; para outros, ao contrário, "uma vez que se pusesse a caminho, era difícil alguém alcançá-lo devido à rapidez das suas passadas. Costumava usar um bordão com cabo em forma de forquilha, todo enfeitado com marfim e esmeraldas".[236]

É claro que a maior ou menor formosura de Zeno nada tem a ver com as suas ideias, mesmo assim sempre fica-se surpreso com o comportamento desses grandes filósofos que, enquanto em teoria pregavam o desprezo pelas aparências, na prática cuidavam da sua imagem pública de forma extremamente meticulosa. Por falar nisto, aliás, não podemos esquecer que na Grécia a arte da oratória preocupava-se muito mais com a forma do que

com o conteúdo: estavam na moda a postura hierática, o gesto solene, o falar sentencioso. Para dar-se plenamente conta disso basta dar uma volta entre as estátuas gregas dos Museus Vaticanos: percebe-se logo até que ponto devia ser importante, naquela época, uma postura que inspirasse respeito.

No caso específico de Zeno, o comportamento a ser assumido em público devia ser motivo de contínua preocupação; como todos os políticos, com efeito, sabia muito bem que um gesto ou uma pausa podem às vezes ser mais eloquentes do que um longo discurso e que é mais fácil conquistar as pessoas com uma eficaz histrionice do que com a força dos argumentos, mandando às favas as doutrinas eleáticas que nada mais viam na aparência do que um simulacro de mentiras.

O seu hobby principal, a política, levou-o muito longe na consideração dos concidadãos, mas também foi a causa da sua desgraça. Ao que parece, mas a coisa nunca foi devidamente provada, lá pelo fim do século V a cidade de Eleia tinha ficado nas mãos de um homem chamado Nearco, líder do Partido Democrático segundo alguns,[237] ou tirano de Siracusa para outros.[238] De qualquer maneira, Zeno tramou uma conspiração contra esta pessoa e financiou uma expedição armada de aristocratas que, partindo da ilha de Lípari,[239] deveria chegar à costa italiana durante a noite. Infelizmente a empreitada foi um fracasso: alguém provavelmente avisara os homens de Nearco. Os revolucionários foram aniquilados antes mesmo de desembarcarem na praia de Eleia e o filósofo foi levado acorrentado diante do tirano.

Contam que alguns anos antes outro tirano, Dionísio, havia perguntado a Zeno qual fora a maior vantagem proporcionada pela filosofia, e que este respondeu: “O desprezo pela morte.”[240] Pois bem, no último dia da sua vida o velho teve justamente a chance de demonstrar a validade da sua afirmação. Nearco fez de tudo para arrancar dele os nomes dos demais conspiradores que ainda estavam à solta em Eleia: Zeno, com a maior desfaçatez, limitou-se a citar um por um os nomes de todos os políticos ligados ao tirano,[241] e só quando a tortura tornou-se realmente insuportável prometeu contar toda a verdade, desde que só Nearco ficasse ali para escutar a confissão. Quando este se aproximou para ouvir melhor os nomes dos cúmplices, deu-lhe uma mordida na orelha e só largou a presa quando foi trespassado pelas espadas dos algozes.[242] E não foi só isso: uma vez que

continuava vivo, foi mais uma vez submetido à tortura, diante da qual mordeu a sua própria língua até decepá-la e cuspi-la na cara do tirano.[243] Naquela altura, finalmente, Nearco deu-se por vencido: compreendeu que com um homem como aquele não chegaria a lugar nenhum e ordenou que fosse pisado num almofariz até ser reduzido a migalhas.[244]

Parece que logo antes de morrer o pobre coitado ainda teve a força de dizer: “A virtude não basta, na vida, uma vez que ela também precisa de um destino feliz.” Como máxima, na verdade, nunca me pareceu uma frase muito original, mas levando-se em conta que foi pronunciada com só meia língua e no fundo de um morteiro, até que merece ficar na história.[245]

Muitos gostavam de escarnecer Parmênides e a coisa não devia agradar nem um pouco a um discípulo fiel como Zeno que, pelo pouco que conseguimos saber, devia ser um sujeito polêmico e irritadiço. O motivo da gozação era o próprio princípio do pensamento eleático (o ser é, o não ser não é) devido a uma incongruência fundamental. Santo Deus, diziam os críticos, como é que alguém pode conceber o ser sem ter ao mesmo tempo a ideia do não ser? Como intuir o Um sem também conhecer o Multíplice, ou como então falar da Luz sem ter tido antes, pelo menos uma vez, a experiência da Escuridão? E então, uma vez que o ser precisa, como condição prévia, do conhecimento do não ser, vamos completar o pensamento de Parmênides dizendo que “o ser é, e o não ser não é, embora sendo necessário”.

Para rebater estas críticas Zeno recorre a um método que, a partir das certezas dos adversários, segue um caminho lógico para chegar a conclusões impossíveis. O que realmente importa, para ele, é que em cada fase do raciocínio seja sempre respeitado o princípio de não contradição. Se afinal de contas não podemos considerá-lo, como filósofo, uma estrela de primeira grandeza, uma vez que se limitou apenas a endossar as teorias de Parmênides, como dialético, no entanto, ocupa um lugar muito relevante na história da filosofia, tendo antecipado com o seu método os sofistas e Sócrates. Os principais alvos da confutação eleática são a pluralidade e o movimento. Vocês acharam a maior graça, diz Zeno, quando ficaram gozando a unicidade do ser, e então eu vou agora demonstrar-lhes o tipo de absurdos a que podemos chegar ao admitirmos a existência do Multíplice. E depois disso enuncia os seus paradoxos.

Primeiro paradoxo:[246] vamos supor que um sujeito decida ir de carro de Nápoles para Roma percorrendo a rodovia do Sol; pois bem, diz o filósofo, o sujeito nunca vai conseguir chegar ao seu destino uma vez que, antes de alcançar o pedágio Roma Sul, terá de passar pelo ponto intermediário do percurso que fica mais ou menos na altura de Pontecorvo, e antes de chegar a Pontecorvo terá de transitar por mais um ponto intermediário, o que fica perto da saída para Cápua e que divide em dois a primeira metade do caminho, e antes de Cápua terá de superar mais um ponto intermediário, e assim por diante até o infinito. Em outras palavras, um segmento pode ser dividido em duas partes e cada uma das duas partes, por sua vez, pode ser dividida em mais duas partes menores, e nunca vai acontecer que, de tanto repartir, um pedacinho de segmento fique tão pequeno a ponto de não poder ser dividido em mais duas partes. Resumindo, para chegar a Roma o sujeito terá de passar por todos os infinitos pontos intermediários do trajeto, e para fazer isto deverá empregar um tempo infinito e, portanto, nunca alcançará o seu destino.

Segundo paradoxo:[247] Aquiles, como todos sabem, era conhecido pela sua velocidade mas, no entender de Zeno, não era capaz nem mesmo de alcançar a mais vagarosa das tartarugas. Vamos supor com efeito que Aquiles esteja sentado no ponto A e que a tartaruga olhe para ele de longe, permanecendo parada no ponto B; de repente o herói grego levanta-se de estalo e chega ao ponto B com a rapidez de um falcão para capturar a tartaruga; esta, no entanto, tendo percebido as más intenções do guerreiro, logo que o viu correr na sua direção fugiu e, no mesmo tempo em que Aquiles percorreu o trecho A-B, conseguiu deslocar-se alguns centímetros movendo-se para o ponto C. Pego desprevenido, Aquiles fica um tanto desnorteado: “O que aconteceu?”, pergunta a si mesmo, “como não consegui pegá-la?”, e então, certo da sua superioridade, tenta de novo agarrar o bichinho no ponto C. A tartaruga, no entanto, deslocou-se mais uma vez e, apesar da lerdeza dos seus movimentos, alcançou o ponto D. A história poderia continuar ao infinito: Aquiles nunca vai conseguir pegar a tartaruga a não ser que ela morra primeiro – e as tartarugas, como todo o mundo sabe, têm vida muito longa – ou então decida esperar por ele num dos pontos do percurso.

Terceiro paradoxo:[248] um arqueiro desfrecha uma seta contra o alvo, todos veem-na voando exceto Zeno que afirma o contrário. A cada instante, diz o

filósofo, ela é imóvel, e somando todas estas imobilidades não é certamente possível obter o movimento como resultado.

Se ainda estivesse vivo, Zeno provavelmente diria: “Não acreditam em mim? Então tirem uma fotografia, e digam vocês mesmos se a flecha se move ou está parada!” Pode ser que de um ponto de vista rigorosamente lógico a gente acabe até concordando com ele, mas no plano prático aconselhamos calorosamente os leitores a não ficarem inutilmente perambulando perto dos alvos.

Quarto paradoxo:[249] três rapazes, Antônio, Manuel e Joaquim, vão ao estádio. Os dois primeiros vão para a pista e começam a correr, um num sentido e o outro no sentido oposto, enquanto o terceiro, que não está com vontade de correr, fica sentado bem no meio da arquibancada. Depois de uma volta Antônio e Manuel cruzam-se correndo bem em frente do lugar onde Joaquim está sentado. Pois bem, naquele instante Antônio, aos olhos de Manuel, parece correr duas vezes mais rápido do que aos olhos de Joaquim que está sentado. Zeno, que acredita no princípio de não contradição, conclui dizendo: “O movimento resulta diferente segundo quem o observa, e portanto não existe!”

Dos quatro paradoxos o último é o mais fácil de se explicar; atrevo-me a dizer que ele é tão simples que talvez nem chegue a ser um paradoxo. A relatividade ensina que não faz sentido dizer que um objeto se movimenta, a não ser que também se diga claramente “em relação a que” o objeto se desloca. Não há portanto motivo de excessivo espanto se a velocidade de Antônio parece ser de vinte quilômetros por hora a Joaquim (que está parado) e de quarenta quilômetros por hora a Manuel (que corre em sentido contrário): Einstein afirma que ambas as hipóteses são verdadeiras. O fenômeno podia deixar pasmo um sujeito meticuloso como Zeno que no século V jamais viajara de trem e nunca vira as árvores chegarem correndo para depois se afastarem, igualmente correndo, mas não pode certamente espantar pessoas como nós, que tudo sabem acerca da relatividade.

Os primeiros três paradoxos, no entanto, nascem de uma mesma matriz mais sutil: a da divisibilidade infinita de um espaço limitado ou de um tempo finito. Os livros escolares costumam, mais uma vez, recorrer à teoria da relatividade e tiram o corpo fora afirmando que os quebra-cabeças de Zeno não têm solução a não ser que sejam examinados dentro de um contexto espaço temporal de quatro dimensões. Só que, no que me diz

respeito, francamente não tenho coragem de tirar o leitor do emaranhado de Zeno para entregá-lo às teorias igualmente árduas de Einstein, e prefiro portanto arrumar uma explicação matemático-macarrônica que possa de alguma forma resolver os absurdos de Zeno.

O Zero e o Infinito são dois números como todos os demais, talvez não muito usados por pessoas como nós, mas facilmente encontrados nas equações e nas fórmulas dos matemáticos. Estes dois estranhos números, no entanto, ao contrário daqueles mais corriqueiros, possuem umas características realmente excepcionais: o Zero, por exemplo, multiplicado por qualquer número dá sempre zero como resultado, e o Infinito, ele também multiplicado por qualquer número, só pode resultar em outro infinito. Podemos então perguntar: o que acontece quando multiplicamos entre si o Zero e o Infinito? Absolutamente nada: tratando-se de um embate entre duas entidades limite da matemática, a luta fecha-se sem ganhadores e o resultado final permanece indefinido, isto é, qualquer um.

Vamos examinar o primeiro paradoxo: se eu for repartindo infinitas vezes um trecho de estrada, isto é, um segmento finito, no “fim” (assim mesmo, entre aspas) terei um número infinito de pedacinhos, todos eles com comprimento zero. Uma vez aceita esta consideração, não posso então dizer, como afirma Zeno, que a soma destas partículas tem de ser forçosamente infinita, pois os pedacinhos em questão, na mesma hora em que se tornaram infinitos como número, também tornaram-se zero quanto ao comprimento. Dizer portanto que “a soma de um número infinito de zeros é infinita” é uma besteira: é o mesmo que declarar o Infinito vencedor sobre o Zero no combate de que já falamos.

O mesmo acontece no segundo paradoxo: a tartaruga percorrerá trechos cada vez menores até deslocar-se numa distância praticamente igual a zero. Nesta altura Aquiles consegue pegá-la e dá-lhe um bem merecido pontapé no traseiro.

Finalmente, no que diz respeito ao paradoxo da flecha, nada mais tenho a acrescentar: além de um espaço, aqui também temos a ver com um intervalo de tempo que nosso Zeno gosta mais uma vez de dividir num número infinito de instantes iguais a zero. Mesmo raciocínio, idêntica conclusão.

Espero ter sido claro. Mas se não consegui, paciência: afinal de contas dá para passar muito bem mesmo sem os paradoxos de Zeno.

O cínico Antístenes, por exemplo, não podia nem ouvir falar dos eleatas e das suas demonstrações contra o movimento. Contam[250] que certo dia, não sabendo como refutar Zeno no paradoxo da flecha, começou a andar sem parar de um lado para o outro da sala até ele exclamar:

"Quer ficar parado!"

"Está então admitindo que estou me movendo?", escarneceu Antístenes.

---

226 Para os testemunhos e os fragmentos acerca de Zeno, veja *I Presocratici*, cit., vol. I, pp. 282-304; M. Untersteiner, *Zenone. Testimonianze e frammenti*, Florença, 1963.
227 Platão, *Parmênides*, 126 D.
228 Platão, *Parmênides*, 166 A.
229 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 25.
230 Platão, *Parmênides*, 127 B.
231 Do latim *amasius* que significa "amante", "indivíduo amancebado".
232 Aristóteles, fr. 65 Rose.
233 Platão, *Alcibíades*, I 119 A.
234 Platão, *Parmênides*, 127 B.
235 Veja F. Rosenthal, *Arabische Nachrichten über Zenon den Eleaten*, em "Orientalia" 6, 1937, pp. 21-67.
236 M. Untersteiner, op. cit., p.21.
237 Filóstratos, *Vida de Apolônio de Tiana* (trad. ital. de D. Del Corno, Milão, 1978, pp. 307-8).
238 F. Rosenthal, art. cit.
239 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 26.
240 Tertuliano, *Apologético*, 50.
241 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 27.
242 Diodoro da Sicília, X 18, 2.
243 Clemente de Alexandria, *Estrômata*, IV 57.
244 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 27.
245 M. Untersteiner, op. cit., p. 19.
246 Aristóteles, *Física*, VI 9, 239b 9.
247 Aristóteles, *Física*, VI 9, 239b 14.
248 Aristóteles, *Física*, VI 9, 239b 30.
249 Aristóteles, *Física*, VI 9, 239b 33.
250 *Proclus in Parmenidem*, I p. 694 23.

XIV
MELISSO

Melisso[251] é o único almirante na História que também foi filósofo. Em geral os militares, e ainda mais os da Marinha, são pessoas naturalmente muito mais levadas ao comando seco e resoluto do que ao discurso dialético. Mesmo assim, no entanto, o comandante Melisso conseguiu arrumar para si um lugar na história da filosofia por ter sido o quarto e último representante da escola eleática. Como ele conseguiu conciliar a imobilidade defendida por Parmênides com a ação bélica repentina exigida pela sua profissão de estrategista continua sendo, para nós, um mistério; seja como for, bem que gostamos de imaginá-lo no convés da capitânia, dobrado no feixe de luz de uma escotilha, ocupado a escrever o seu livro "sobre a natureza e o ser" num dia de calmaria perto da costa jônica.

Da vida de Melisso sabemos muito pouco, aliás, quase nada: Plutarco[252] menciona-o como chefe da frota de Samos enquanto vence uma batalha contra os atenienses, e quem sabe tenha sido justamente este o motivo da escassez de notícias sobre ele; não podemos esquecer que, na segunda metade do século V, Atenas era o ponto de referência do mundo grego, e declarar-se hostil a ela queria dizer ser marginalizado e ser pelo menos esnobado pelos homens de cultura da corte de Péricles. Para completar o trabalho de ocultação destes senhores só faltava entrar em cena Aristóteles, e aí foi um deus nos acuda: o enciclopédico filósofo de Estagira, com a sua cabeça que era um verdadeiro computador, catalogou, classificou, julgou e decidiu pelos seguintes dois mil anos quem merecia sobreviver na lembrança das gerações futuras e quem, ao contrário, devia desaparecer no esquecimento.

Com Zeno e Melisso, por exemplo, não teve o menor escrúpulo e não hesitou em chamá-los "filósofos de meia-tigela".[253] Tinha antipatia pelo primeiro devido aos paradoxos, e pelo segundo por ter este atribuído à matéria aquela característica de infinidade que ele preferia reservar para o

âmbito do imaterial. Por outro lado, afinal, qualquer avaliação dos filósofos pré-socráticos nunca pôde prescindir de Platão e Aristóteles. A perda quase total dos textos originais fez com que os historiadores do assunto, para entender alguma coisa, tivessem de considerar como verdade sagrada tudo aquilo que os dois maiorais da filosofia grega haviam escrito a respeito, e nós já sabemos em que certas coisas costumam dar: tudo bem quando se fala a respeito de fatos remotos, mas quando o assunto são os contemporâneos, queira Deus livrar-nos da opinião dos colegas!

Melisso, filho de Itégenes,[254] nasceu na ilha de Samos entre 490 e 480 a.C. Não temos notícias dos seus primeiros quarenta anos de vida; tratando-se contudo de um almirante é fácil imaginar que tenha viajado bastante por mar. Podemos portanto supor que tenha estado em Mileto, pátria de Anaximandro, e em Eleia, terra de Parmênides, isto é, nos dois lugares que viram florescer os dois filósofos que mais do que qualquer outro influenciaram o seu pensamento. Por sua vez, a hipótese de ele ter encontrado os eleatas em Atenas quando da visita deles em 450, francamente não nos convence: Parmênides, que não se demorou quase nada, não teria tido tempo a ensinar-lhe coisa alguma, e Zeno, embora permanecendo vários anos na corte de Péricles, havia frequentado os atenienses numa época em que as relações entre Samos e Atenas já estavam comprometidas.

Para Melisso merecer os comentários dos cronistas contemporâneos temos de esperar até 442 a.C., isto é, o ano de uma escaramuça entre Samos e Mileto[255] pela posse de Priena. Quem levou a pior nesta briga entre vizinhos foi Mileto que, no entanto, depois da derrota, foi chorar suas mágoas no colo de Atenas para que lhe fosse devolvido o que havia perdido. É preciso entender que naquela época Atenas exercia um papel mais ou menos de mãe sobre toda a costa do mar Egeu, e era portanto normal que se recorresse a ela em casos como este; parece contudo que Péricles foi convencido a tomar partido em favor de Mileto muito mais pela amante, Aspásia, do que pelos emissários milésios.[256] De forma que certo dia os coitados dos sámios acordaram e se viram cercados por uma frota de quarenta navios. Os marinheiros atenienses escorraçaram o governo local, entregaram o poder a uma junta democrática, e então pegaram como reféns cinquenta rapazes escolhidos entre os filhos das famílias mais influentes, sem esquecer de deixar por lá um pequeno presídio para defender os seus

interesses. No entanto, um grupo de políticos conseguira fugir, e podemos supor que entre eles também estava Melisso que, como quase todos os filósofos da época, era de origem aristocrática. Os fugitivos conseguiram asilo político junto de Pissutne, o tirano de Sardes, e com a ajuda deste aprontaram uma expedição de setecentos guerrilheiros para reconquistar a pátria perdida. A empreitada foi um sucesso: os aristocratas retomaram o controle da cidade levando a melhor sobre as tropas da guarnição. No rosto de cada ateniense foi tatuada uma coruja, símbolo que aparecia nas suas moedas, e isto para vingar-se do fato de os atenienses, durante a invasão, terem tatuado uma samena[257] na testa de alguns dos dignitários locais. Mas não havia muito de que se vangloriar: mais cedo ou mais tarde Péricles iria aparecer de novo: tentaram então lhe agradar por meio da diplomacia: Pissutne chegou a oferecer-lhe dez mil moedas de ouro, e só Deus sabe até que ponto Péricles era venal. Desta vez, no entanto, a ofensa havia sido grave demais e, ainda que a contragosto, o ateniense viu-se forçado a recusar a oferta. De qualquer maneira, enquanto parlamentavam, Melisso não perdia tempo e organizava as defesas: reforçou as muralhas e juntou dentro da cidade a maior quantidade possível de mantimentos.

Os atenienses não se fizeram de rogados: sessenta navios comandados pelo próprio Péricles, depois de vencer uma primeira confrontação, apertaram o cerco da cidade formando um cinturão intransponível em volta da ilha. E foi justamente nesta ocasião que Melisso cobriu-se de glória: certa noite, aproveitando o fato de Péricles ter-se afastado com algumas trirremes, arriscou uma investida e destruiu os demais navios atenienses. Com esta ação ele marcou um tento para as cores de Samos, apesar de não conseguir mudar os destinos da guerra. Péricles, com efeito, juntou uma frota ainda mais poderosa do que a primeira, e desta vez para os sámios não houve escapatória: o sítio durou nove meses e no fim a cidade foi expugnada graças às máquinas de guerra inventadas por um certo Artêmon Periforeto. Tratava-se de um velho arquiteto ateniense, coxo e homossexual, que nunca saía de casa com receio de alguma desgraça. Vivia constantemente sentado e, para evitar ser atingido por alguma coisa, estava sempre acompanhado por dois escravos encarregados de manter um escudo acima da sua cabeça.[258]

À parte a sua habilidade como estrategista, Melisso é conhecido como o quarto filósofo da escola eleática. A diferença fundamental entre ele e os

seus antecessores consiste no seguinte: enquanto para Parmênides o ser é alguma coisa fora do tempo, para Melisso ele se identifica com a realidade empírica. “O que é”, diz o almirante, “sempre foi e sempre será.”[259] Daí as invectivas de Aristóteles que ficava furioso com o rebaixamento de ser parmenidiano do nível intelectual para o nível sensível.[260]

Para pessoas simplórias como nós a diferença entre as duas posições pode até parecer uma bobagem, mas se formos avaliar mais atentamente os dois conceitos iremos logo perceber que se trata de uma divergência fundamental.

Melisso é um homem prático ou, pelo menos, é muito mais prático do que Parmênides, até mesmo por estar mais sujeito à influência dos fisiologistas da escola de Mileto, e particularmente de Anaximandro. Portanto, mesmo concordando com os eleáticos no que diz respeito à futilidade das aparências e à falta de confiabilidade própria dos sentidos, não está disposto a considerar o ser uma entidade abstrata e vazia: procura, ao contrário, dar-lhe uma dimensão concreta e identifica-o com o universo todo, quer dizer, com alguma coisa indeterminada e indefinida que compreende todas as coisas. Visto sob este aspecto o seu ser é mais parecido com o *ápeiron* de Anaximandro do que com o ser intocável de Parmênides, mesmo mantendo muitos pontos em comum com este último. O almirante diz:[261]

– Se algo existe, é eterno, uma vez que nada pode surgir do nada.
– Se é eterno, também é infinito, pois não tem começo nem fim.
– Se é eterno e infinito, também é um, pois se fosse dois cada um deles acabaria sendo o limite do outro.
– Se é eterno, infinito e um, também é homogêneo, pois do contrário seria diferente em suas partes, e portanto multíplice.
– Se é eterno, infinito, um e homogêneo, também é imóvel por não haver lugar algum fora dele para onde ir.
– Se é eterno, infinito, um, homogêneo e imóvel, não pode sofrer nem sentir pena, pois tem de permanecer sempre igual a si mesmo.

Deixando bem claro que o que acabamos de dizer é a teoria de Melisso e não uma cantiga infantil tipo “ciranda cirandinha vamos todos cirandar”, reparamos com satisfação que na primeira hipótese o filósofo usa o verbo existir. Esta vulgarização do ser permite com efeito que possamos encontrar nas afirmações de Melisso uma resposta prática para as nossas mais angustiadas perguntas. Uma vez que cada um de nós tem a nítida sensação

de que alguma coisa existe, é um alívio pensar que esta existência como tal também é infinita, e isto de uma forma que vai além das aparências terrenas.

Em outras palavras, o ser de Melisso é alguma coisa boa, positiva. Não chega a ser, ainda, o retrato falado de Deus, mas falta muito pouco. O pulo entre a concepção de um universo infinito, uno e eterno, e a hipótese de um Deus com as mesmas características torna-se cada vez menor, e não é por acaso que num dos seus fragmentos Melisso descreve o ser quase como se estivesse falando de um velho de barba branca: “Ele não pode morrer, nem tornar-se maior... pois se durante dez mil anos tivesse de transformar-se, até num único cabelo, durante toda a duração do tempo acabaria destruindo-se por completo.”[262]

---

251 Para os testemunhos e os fragmentos a respeito de Melisso, veja *I Presocratici*, cit., vol. I, pp. 305-12.
252 Plutarco, *Vida de Péricles*, 26 (veja também Plutarco, *Le Vite parallele*, trad. ital. de C. Carena, Verona, 1981, vol. I, p. 576).
253 G. Calogero, *Studi sull’eleatismo*, Roma, 1932, p. 141.
254 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 24.
255 Tucídides, *A guerra do Peloponeso*, I 115-16.
256 Plutarco, *Vida de Péricles*, 25-8.
257 A samena era um barco típico da ilha de Samos.
258 Plutarco, *Vida de Péricles*, 28.
259 Fr. 1 Diels-Kranz.
260 Aristóteles, *Metafísica*, I 5, 986b 25.
261 Aristóteles, *Sobre Melisso, Górgias e Xenófanes*, 1-2, 974a-977a.
262 Fr. 7 Diels-Kranz.

XV
AGRIGENTO

Breve história da cidade de Agrigento: certo dia, numa linda manhã do ano 583 a.C., um grupo de fugitivos da ilha de Rodes e mais ou menos mil retirantes vindos de Gela, comandados por Aristonóo e Pistilo, decidiram parar num declive compreendido entre dois rios: o Akragas e o Hypsas. O local tinha todos os requisitos exigidos pelo manual do colonizador: a Leste e a Oeste dois cursos de água límpida e farta, na prática dois confins naturais fáceis de se defender, para o Norte uma pedregosa colina, perfeito pedestal para uma acrópole digna deste nome, e finalmente o mar a apenas três quilômetros de distância, em outras palavras, o suficiente para não ter de acordar de madrugada com os cartagineses na cabeceira da cama.

A colônia prosperou a olhos vistos e em menos de um século chegou a contar com cerca de duzentos mil habitantes.[263] O tirano Téron, quando Empédocles ainda era uma criança, derrotou as cidades de Heracleia Minoa e de Himera arrebanhando um número tão grande de escravos que pôde construir dúzias e mais dúzias de edifícios públicos de inigualável esplendor. Hoje em dia, ao visitar o Vale dos Templos, o que mais chama a atenção do turista é o Templo da Concórdia, o único que permaneceu intato nos séculos: mas se o visitante decide demorar-se algum tempo para considerar os destroços amontoados do Templo de Zeus Olímpico, percebe imediatamente que está diante de uma obra gigantesca: 110 metros de comprimento por 55 de largura costumam ser as dimensões de um campo de futebol, mas quando isto representa o perímetro de um templo, bom, há do que fazer o Partenon morrer de inveja.

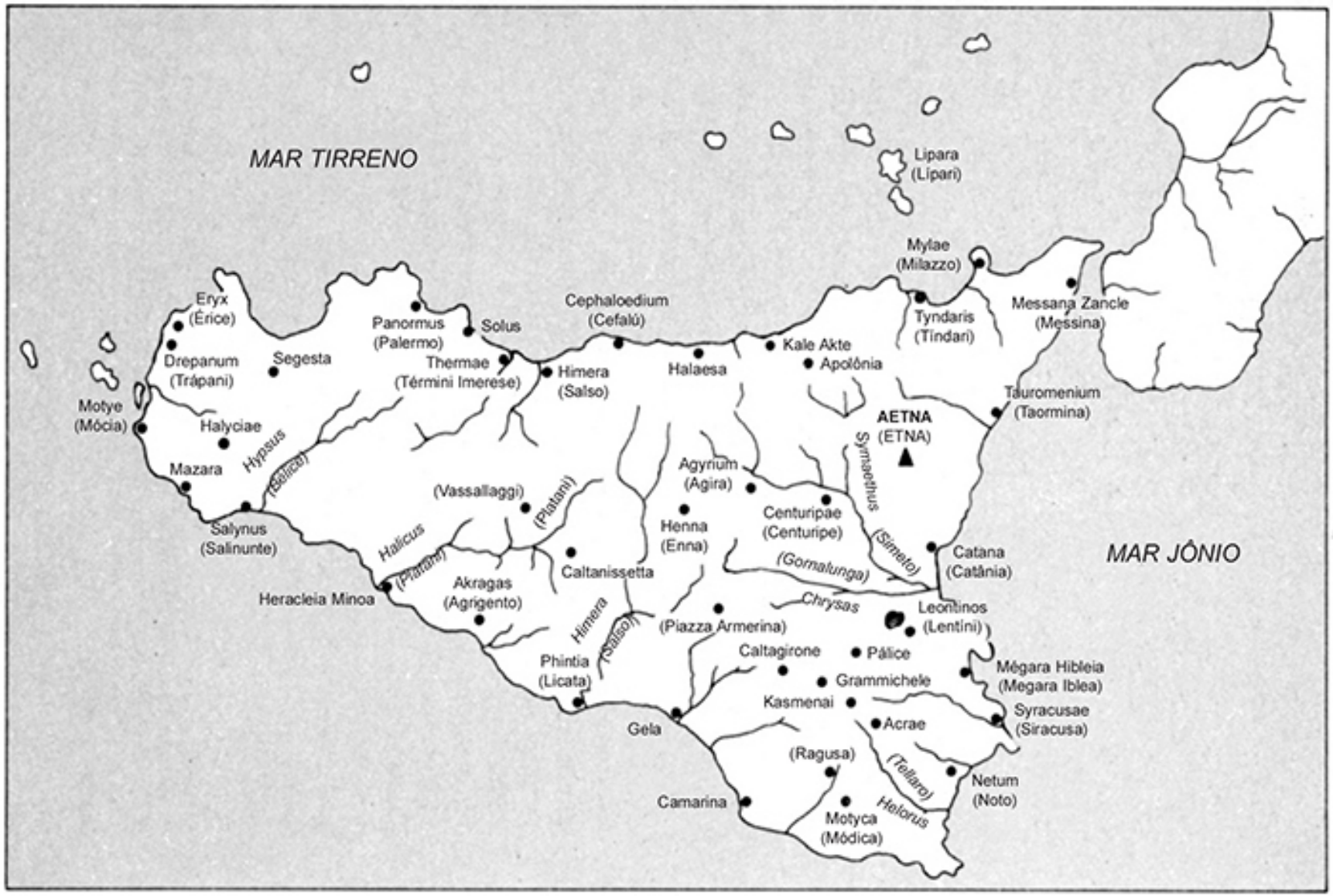

MAR TIRRENO
MAR JÔNIO
Lipara
(Lípari)
Mylae
(Milazzo)
Tyndaris
(Tíndari)
Messana Zancle
(Messina)
Cephaloedium
(Cefalú)
Kale Akte
Apolônia
Halaesa
Himera
(Salso)
Thermae
(Términi Imerese)
Panormus
(Palermo)
Solus
Eryx
(Érice)
Dreparum
(Trápani)
Segesta
Motye
(Mócia)
Halyciae
Mazara
Hypsus
(Belice)
Salynus
(Salinunte)
Heracleia Minoa
Halicus
(Platani)
(Vassallaggi)
Akragas
(Agrigento)
Caltanissetta
(Piazza Armerina)
Henna
(Enna)
Agyrium
(Agira)
Centuripae
(Centuripe)
Symaethus
(Simeto)
AETNA
(ETNA)
Tauromenium
(Taormina)
Catana
(Catânia)
(Gornalunga)
Chrysas
Leontinos
(Lentini)
Himera
(Salso)
Phintia
(Licata)
Gela
Caltagirone
Pâlice
Grammichele
Kasmenai
Mégara Hibleia
(Megara Iblea)
Syracusae
(Siracusa)
Acrae
(Ragusa)
Camarina
Motyca
(Módica)
(Tellaro)
Helorus
Netum
(Noto)

Fig. 5 – **A Sicília antiga. Entre parênteses as cidades ou as localidades modernas.**

Agrigento era tão rica e acolhedora que mereceu ser chamada por Píndaro de “a mais bela entre as cidades mortais”. Ao que parece, até os cemitérios eram um espetáculo: deixando de lado as capelas das famílias nobres, historiadas com baixos-relevos que exaltavam as façanhas dos falecidos, havia monumentos fúnebres até em homenagem aos cavalos que haviam sido vencedores nas Olimpíadas. Parece que havia ainda um mausoléu para um pequeno pássaro, único companheiro de folguedos de uma jovem aristocrata.[264]

Creio que não haja exagero algum em afirmar que naquela época, no que diz respeito ao suprimento de água, Agrigento estava em condições muito melhores do que hoje: parece com efeito que no século V a.C. dispunha de um aqueduto municipal e de uma piscina coberta onde armazenar todas as águas supérfluas. Hoje, ao contrário, como bem sabemos durante a estiagem torna-se cada vez mais frequente a necessidade de racionamento.

Os moradores também estavam na vanguarda do ponto de vista comercial: logo fora das muralhas tinham construído um gigantesco empório, na prática uma verdadeira feira internacional, onde periodicamente todos os comerciantes do Mediterrâneo se reuniam. Como sinal concreto desta liderança comercial temos as lindas moedas de ouro e de prata de Agrigento, com a escrita “Akragas” e os símbolos da cidade: o caranguejo, a águia e a quadriga. Pelo que nos conta Timeu, “os habitantes viviam voluptuosamente como se fossem morrer no dia seguinte, e construíam as suas casas como se fossem viver para sempre”.[265] Na verdade o alto padrão de vida era uma característica comum a todas as cidades da Sicília: a ilha era considerada pelos gregos uma América *ante litteram*, isto é, um novo mundo onde enriquecer depressa sem maiores problemas. Nos palácios dos tiranos sicilianos respirava-se uma atmosfera “renascentista”. Domenico Scinà, um abade do começo do século XIX, conta que “as duas cortes de Siracusa e Girgenti (Agrigento) competiam entre si quanto a luxo e elegância, premiavam os mais nobres intelectos incitando-os a toda ótima e operosa arte”.[266]

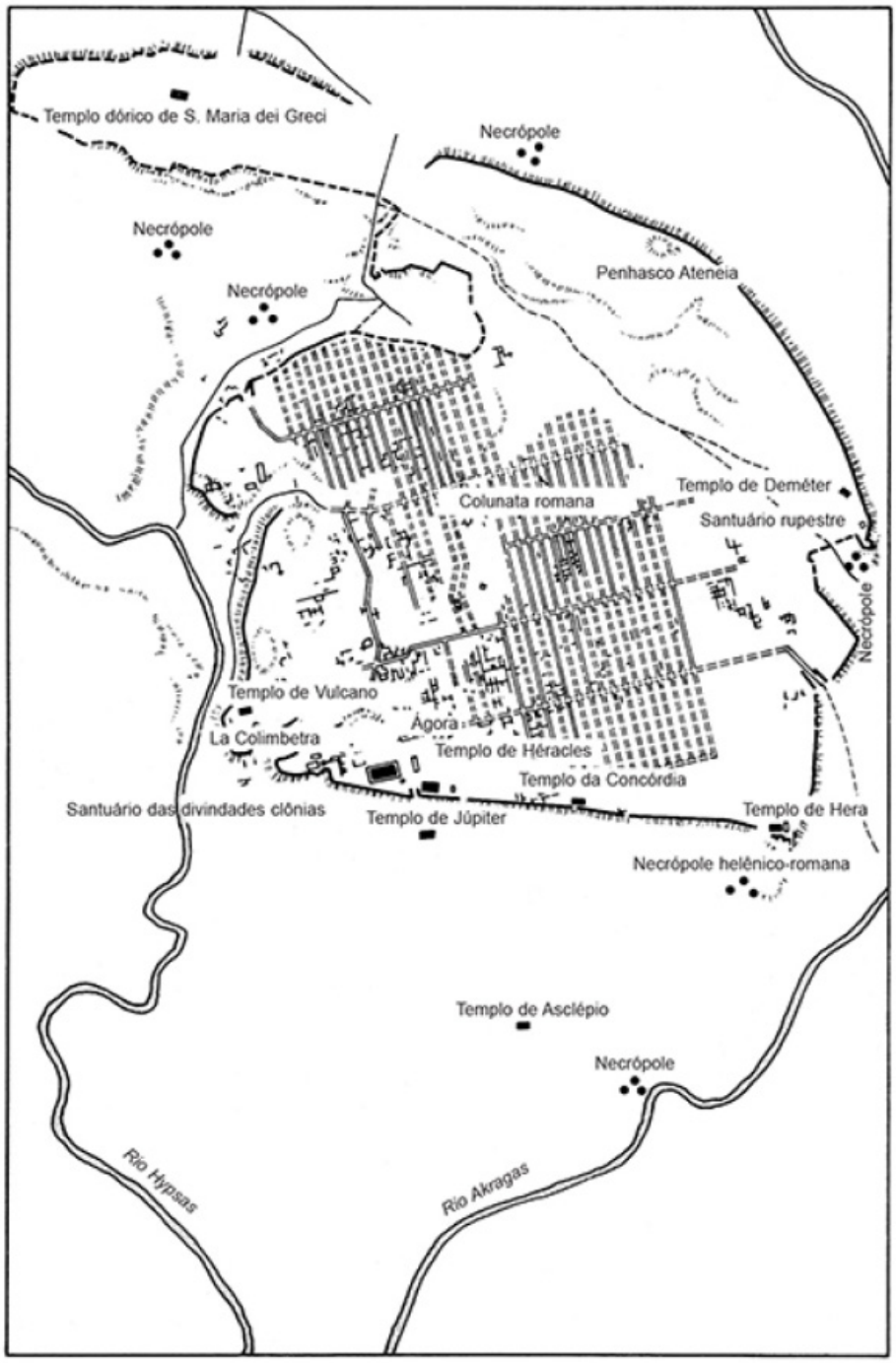


Fig. 6 – **Agrigento.**

Quando um lugar é divertido, logo aparecem uns censores falando cobras e lagartos acerca dele. Diodoro conta que “a frouxidão de costumes chegara a tal ponto que, durante o cerco dos cartagineses, proibiu-se que as sentinelas dormissem com mais de dois travesseiros”[267] e Timeu, que quanto a fofocas não perdia de ninguém, brinda-nos com a descrição de uma orgia

do século V a.C.: naquela noite, diz o historiador, a bebida havia corrido farta e, eu acrescento, podia ter havido até uma pitada de droga; seja como for, a certa altura os convidados acharam que já não estavam dentro de uma mansão mas sim num navio à mercê de uma tempestade. Aí, totalmente apavorados, começaram a jogar pelas janelas todos os móveis e as alfaias da casa na desesperada tentativa de aliviar a carga e ficar à tona o tempo possível. Quando finalmente chegaram ao local os defensores da lei, Timeu conta que eles foram confundidos com divindades marinhas e que todos prostraram-se aos seus pés implorando misericórdia. A partir daquele dia a vila em questão ficou conhecida como "A Trirreme".[268]

Agrigento teve o seu momento de máximo esplendor no começo do século V: primeiro com a ditadura de Téron e, logo depois, com a democracia.

Téron foi um dos três grandes tiranos sicilianos que dominaram aquele período: os outros dois, os irmãos Gélon e Géron, respectivamente de Siracusa e Gela, eram de alguma forma seus parentes, uma vez que o primeiro se casara com uma filha sua. Esses três cavalheiros, diante da ameaça da vizinha Cartago e das contínuas revoltas dos povos locais, acharam por bem formar uma eficiente aliança militar. Os cartagineses foram definitivamente derrotados nas águas de Himera em 480, justamente no mesmo ano em que os gregos aniquilavam a frota persa em Salamina. Segundo Píndaro não foi uma mera coincidência, mas sim de um desígnio do destino: *Zeus mit uns*, os deuses haviam decidido ficar do lado dos gregos.[269]

Aos três grandes, como quase sempre acontece, sucederam três pequenos: os herdeiros de Téron, Gélon e Géron não chegavam nem aos pés dos pais, em parte porque ficaram brigando entre si, e também porque subestimaram as oposições democráticas. Trasideu, o filho de Téron, declarou guerra aos siracusanos e só conseguiu uma solene paulada; ao voltar à pátria foi exilado para a Grécia onde foi condenado à morte. Naquela altura em Agrigento já triunfava o Partido Democrático: todos os cidadãos comprometidos com o velho regime foram desterrados ou pelo menos destituídos dos seus cargos, e a aliança com Siracusa foi recomposta.

Foi neste ambiente de renovação que Empédocles, com apenas vinte anos, fez a sua estreia na vida política de Agrigento.

263 Segundo Timeu, na época de Empédocles os habitantes de Agrigento eram oitocentos mil: veja Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 63. Mas levando-se em conta o espaço compreendido entre as muralhas, a notícia não parece ter fundamento.
264 D. Scinà, *Vita e filosofia d'Empedocle girgentino*, Palermo, 1813, p. 52.
265 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 63.
266 D. Scinà, op. cit., p. 28.
267 Diodoro da Sicília, XIII 84, 6.
268 Ateneu, *Deipnosofistas*, II 37 B.
269 Píndaro, *Pítica*, I, versos 75-81.

XVI
EMPÉDOCLES

Empédocles foi filósofo, médico, poeta, físico e democrata. Nada disto: foi um curandeiro, um charlatão, um guru, um homem que dizia ser Deus e que olhava para todo o mundo com ar de superioridade. Afinal, quem era realmente Empédocles? A definição mais certa, a meu ver, continua sendo a de Renan: "Homem de engenho multiforme, meio Newton e meio Cagliostro."[270]

Nasceu em Agrigento em 492 a.C. de família nobre e abastada. Assim como para todos os demais filósofos gregos, a data do nascimento não passa de uma notícia aproximativa. O pai chamava-se Méton enquanto o avô tinha o seu mesmo nome: Empédocles.[271] Foi justamente o avô Empédocles o primeiro a dar brilho e reputação à família: criador de cavalos de corrida, ganhou a septuagésima primeira Olimpíada e tornou-se famoso em todo o mundo grego. É preciso lembrar que naquele tempo uma vitória nas Olimpíadas era considerada um acontecimento excepcional: os vencedores sentavam à mesa dos governantes máximos e seus nomes eram escritos nos registros públicos. Quando o olímpico Diágoras viu ambos os seus filhos também laureados nas Olimpíadas foi convidado pelos presentes a matar-se na mesma hora: "Morra, ó Diágoras", disseram-lhe, "pois jamais poderá conseguir mais do que isto na vida!"[272] Empédocles sênior, por sua vez, limitou-se mais prudentemente a festejar a vitória oferecendo aos concidadãos um boi preparado com mel e farinha.[273]

Empédocles ainda não tinha completado dezesseis anos quando teve a oportunidade de ouvir Xenófanes falar entre as colunas do Templo de Héracles. No fim da aula perguntou ao mestre se havia algum meio de reconhecer os homens sábios e o velho respondeu que era uma coisa bastante fácil: bastava ser sábio.[274] Provavelmente o rapaz não conseguiu entender direito todos os conceitos expressados pelo octogenário filósofo de

Colofone, mas de qualquer maneira foi justamente nesta ocasião que tomou forma nele o desejo de dedicar-se ao estudo da natureza.

Depois de um breve mas muito intenso período de engajamento político, durante o qual empenhou-se no movimento que derrubaria o regime de Trasideu, filho de Téron, decidiu viajar para Eleia. Talvez esperasse encontrar-se de novo com Xenófanes, mas em vez disto acabou topando com Parmênides e Zeno. Foi um estrondoso fracasso: Empédocles era um rapaz formado durante a contestação que agitou a sua cidade em 472, e podemos portanto imaginá-lo como homem de ação, naturalmente inclinado à concretude e cheio de curiosidade pela natureza. Parmênides, com o seu intelectualismo abstrato, deve ter-lhe parecido um homem totalmente fora da realidade.[275]

"Achando aquelas sutilezas enfadonhas",[276] voltou à Sicília onde matriculou-se na escola pitagórica. Alguns dizem que foi aluno de Telauges, o filho de Pitágoras, outros preferem vê-lo como discípulo de Brontino e Epicarmo, mas o que sabemos com certeza é que com os pitagóricos também teve problemas: como bem sabemos, eles formavam mais uma seita político-religiosa do que uma escola e Empédocles, com o seu caráter extrovertido, era justamente tudo o que menos se esperava de um aluno diligente. Acusado de falar demais fora da escola, muito mais do que a regra pitagórica estivesse disposta a aceitar, foi rebaixado ao nível daqueles que durante as aulas não podiam falar. Coisa bastante normal, ao que parece: não muito tempo depois, com efeito, o próprio Platão teve de sujeitar-se ao mesmo tratamento.[277]

Dos assuntos tratados pela escola pitagórica, os preferidos por Empédocles eram a Magia e a Metempsicose. Mesmo assim, o aluno ficou desconfiado de que os seus mestres eram bastante avessos a revelar os segredos do ofício, razão pela qual decidiu passar por cima deles partindo para as universidades da época, isto é, as escolas orientais. Os egípcios, os caldeus e principalmente os magos ensinaram-lhe as artes místicas: a hipnose, a telecinésia e a leitura do pensamento. Em épocas posteriores Plínio e outros historiadores tacharam Empédocles de charlatão justamente por estas suas práticas esotéricas, ignorando propositalmente que naquele tempo a magia era considerada uma profissão muito respeitável: os homens sentiam necessidade de uma mediação com os Deuses e recorriam portanto aos mágicos, considerando-os uma raça de Deuses subalternos. O culto

destes subdeuses era chamado de Teurgia. Mais tarde, no entanto, chegou à Caldeia uma seita religiosa cujos adeptos, os goetos, professavam ritos satânicos: reuniam-se na escuridão das cavernas e praticavam sacrifícios humanos. A confusão que se criou entre teurgos e goetos acabou prejudicando a reputação dos magos. Não podemos esquecer, de qualquer forma, que Empédocles também era um ótimo médico, quer dizer, nos limites em que se podia praticar a medicina naquela época. Contam, por exemplo, que era um profundo conhecedor da anatomia humana. No começo do século V a.C., a medicina era praticada por quase todos os filósofos e era dominada pela teologia. Acreditava-se na possibilidade de curas rápidas "esquentando a imaginação dos doentes".[278] Só mais tarde, com Hipócrates, tornar-se-ia uma ciência a ser estudada.

Depois de voltar à pátria, Empédocles dedicou-se à reforma dos costumes. Encontrou os concidadãos em condições muito piores, quanto à moral pública e privada, e decidiu que "precisavam abster-se do mal" para se livrarem de todos os pecados cometidos. Acusou os administradores da cidade de roubar o erário público, insurgiu-se[279] contra a assembleia dos mil, isto é, o grupo aristocrático que pouco a pouco reassumira os cargos do poder, propôs um novo governo baseado na igualdade civil. O entusiasmo popular por estas medidas foi crescendo a tal ponto que lhe ofereceram o título de tirano. Obviamente o filósofo recusou-o[280] (como Heráclito já havia feito antes), mas não podemos deixar de suspeitar que, se lhe houvessem oferecido o título de Deus, talvez ele tivesse aceito.

Costumava caminhar pelas ruas de Agrigento precedido por um bando de jovens, cercado de criados e admiradores. Vestia trajes de púrpura, com um cinto de ouro e calçados de bronze. Tinha uma espessa barba e usava na cabeça uma coroa délfica em honra de Apolo.[281] Dizia de si mesmo:

> Ó amigos, que na cidade sobre o loiro Agrigento habitais, lá na Acrópole, eu vos saúdo: eu entre vós, Deus Imortal, não mais mortal, perambulo por todos honrados, como se convém, ornado de faixas e de floridas coroas. Quando chego a prósperas cidades, por homens e mulheres sou homenageado; vêm cumprimentar-me aos milhares, para aprender onde fica o caminho para eles mais proveitoso, alguns precisando de um oráculo, outros de remédios para as suas doenças, todos em busca de uma palavra alentadora.[282]

Este autorretrato afasta-o no tempo e faz com que ele, apesar de contemporâneo de Sócrates e Demócrito, acabe parecendo-se mais com alguém da época de Pitágoras.

Empédocles era ao mesmo tempo um técnico e um profeta. Certa vez Selinunte foi acometida por um surto de peste e ele compreendeu que a epidemia devia-se a um regato de águas paradas que atravessava o centro habitado. Depois de examinar cuidadosamente o terreno em volta, mandou cavar uns canais para fazer confluir no riacho dois córregos próximos, de forma a garantir um fluxo constante mesmo durante o estio: tudo às custas dele.[283] Nem é preciso dizer que, depois disto, foi louvado como um Deus pelos habitantes de Selinunte também.

Numa outra ocasião mandou fechar com centenas de peles de burro um estreito desfiladeiro nas montanhas logo acima de Agrigento e impediu que o siroco penetrasse no vale subjacente. Neste caso também a geringonça foi montada para deter o avanço de uma epidemia. Seja qual for a verdade da história, sabemos de qualquer maneira que a partir daquele dia também ficou conhecido como "retentor de ventos".[284]

Definido por Aristóteles como "inventor da retórica",[285] teve como discípulos Górgias e Pausânias. Em relação a este último, não faltaram as costumeiras fofocas de "namoro". Os responsáveis pelas insinuações foram Aristipo e Sátiro,[286] eu, no entanto, espero que a esta altura da nossa história da filosofia os leitores já estejam acostumados com as relações homossexuais dos filósofos gregos.

Empédocles podia ser tão amável com os amigos quanto inflexível sobre questões de princípio: certa vez, convidado a uma festa, estranhou o fato de o anfitrião não oferecer bebidas. Ao pedir uma taça de vinho ouviu como resposta que as libações só teriam início depois da chegada de um figurão político. E, com efeito, quando o sujeito chegou o dono da casa fez um brinde em sua homenagem e nomeou-o simposiarca, isto é, rei da festa. A coisa não agradou nem um pouco ao filósofo que, no dia seguinte, denunciou os dois amigos no senado acusando-os de aspirarem à tirania e fazendo com que fossem condenados à morte.[287] Por uma meia hora sem vinho o veredicto parece-nos francamente excessivo.

Escreveu dois poemas em hexâmetros intitulados *A natureza* e *Purificação*, obras de cinco mil versos dos quais só quatro centenas chegaram até nós. Aristóteles, no entanto, afirma que também teria escrito 43 tragédias, alguns ensaios políticos, um conto histórico sobre Xerxes e um proêmio em louvor de Apolo, mas que certo dia, achando que estes trabalhos não estavam à altura do seu engenho, mandou a irmã queimar

tudo numa grande fogueira.[288] Não há como negar, de qualquer forma, que entre os filósofos poetas Empédocles foi certamente um dos melhores. Parece, finalmente, que também era muito bom como cantor: certa vez, enquanto conversava com o juiz Anquito, um jovem tomado de fúria invadiu a sua casa e agrediu o magistrado para vingar-se da condenação à morte que o mesmo infligira ao seu pai naquele mesmo dia. Pois bem, com uma intuição genial Empédocles pegou uma cetra que estava ali perto e, como quem não quer nada, começou a cantar:

Este é o remédio para ira e dor
único esquecimento para todos os males.

Resumindo, o rapaz acalmou-se na mesma hora e Empédocles conseguiu salvar a vida do amigo. Quanto ao jovem agressor, parece que em seguida tornou-se um dos seus melhores discípulos.[289] Entre os muitos milagres atribuídos a Empédocles faço questão de lembrar pelo menos um, o da mulher em coma há trinta dias, e farei isto citando o abade Scinà: "Enfermava em Agrigento uma mulher acometida por uma doença uterina chamada *histérica* pelos mestres da medicina; todos sabem que muitos doentes, principalmente as mulheres, sabem fingir, mas no caso dela parece que a moléstia era de fato autêntica, pois resultava insensível ao tato e já parecia não respirar, sendo por todos considerada morta. Então Empédocles segurou a mão dela e devolveu-lhe a vida".[290]

Até mesmo no que diz respeito à morte do filósofo temos uma ampla escolha ao nosso dispor: há nada menos que seis versões da sua despedida, e quase todas têm um toque espetacular. Há quem fale em autoestrangulação (?) aos 60 anos de idade,[291] ou de morte natural durante um exílio no Peloponeso,[292] ou então, como Demétrio de Trezena, de suicídio por enforcamento num galho de corniso.[293] Neanto de Cizico afirma que morreu com 77 anos de idade ao cair de um carro enquanto ia a uma festa popular em Messena,[294] e Telauge, numa carta ao amigo Filolau, assegura que se afogou no mar depois de escorregar devido à debilidade senil.[295] A versão mais conhecida, e também mais condizente com o personagem, continua sendo a de Heráclide do Ponto, segundo a qual, logo depois de ressuscitar a mulher de Agrigento, percebeu ter chegado ao máximo da popularidade: achando que nada mais lhe restava a fazer, achou

por bem desaparecer como um Deus jogando-se na cratera do Etna. Como confirmação disto, após alguns momentos o vulcão expeliu uma das suas famosas sandálias de bronze.[296] Pena que para invalidar esta versão insurjam primeiro o bom senso e depois a considerável distância entre o Etna e Agrigento, sem contar a dúbia credibilidade de Heráclide do Ponto que, numa outra ocasião, afirmou ter ficado cara a cara com um homem caído da Lua.[297]

Além de mágico, como já vimos, Empédocles também foi cientista, filósofo e poeta.

Como homem de ciência devemos reconhecer-lhe o mérito de ter descoberto a existência do ar, isto é, de uma coisa de algum modo material que chamamos genericamente de "ar" e que nada tem a ver com o vácuo. Num fragmento da sua *Natureza* o filósofo de Agrigento diz que "se uma jovem, brincando com um recipiente de cobre, primeiro tampa com a mão delicada a abertura do vaso e depois mergulha-o de cabeça para baixo no leve corpo do líquido prateado, a água não entrará no interior da vasilha uma vez que a massa do ar irá repeli-la".[298] Logo a seguir também descobre a força centrífuga ao reparar que se prendermos um balde cheio com uma corda e o fizermos rodar à nossa volta, a água irá aderir ao fundo do balde sem conseguir sair, e finalmente anuncia uma tosca mas muito sugestiva teoria da evolução que antecipa de dois mil e trezentos anos o revolucionário Darwin.

Segundo esta teoria, as partículas dos elementos primordiais combinaram-se entre si sem qualquer ordem preestabelecida e os primeiros seres vivos nasceram por acaso. "Apareceram têmporas sem pescoço, braços nus desprovidos de ombros, e olhos solitários vagueavam sem testas",[299] por toda parte viam-se "pés serpeantes e inúmeras mãos"[300] e "muitos nasceram com dois rostos e dois peitos, e viram-se raças bovinas com rostos humanos e raças humanas com rostos bovinos".[301] Quer dizer, um mundo de monstros cujas partes não haviam sido montadas por uma mente programadora mas sim pela mais caótica e absoluta casualidade. Só mesmo um Bosch ou um Jacovitti seriam capazes de retratar um mundo como esse.

Com o passar do tempo, no entanto, as combinações mais infelizes começaram a morrer e só sobreviveram aqueles exemplares "cujos

membros melhor se ajustavam”.[302]

Como filósofo, Empédocles faz um apanhado geral de tudo o que fora pensado até então. Deixa transparecer a influência naturalista da escola de Mileto, compartilha algumas ideias dos pitagóricos no campo do misticismo, e harmoniza de uma vez por todas o ser de Parmênides e o devenir de Heráclito.

Partilha com os filósofos jônicos o assunto preferido: a cosmogonia. Deixou-nos, a respeito disto, uns lindos versos:[303]

> *Quatro são as raízes das coisas:*
> *Zeus resplandecente, Hera geradora de vida*
> *Aidoneu e Neste que de lágrimas*
> *Destila a nascente imortal*

Em suma, significa haver quatro elementos primordiais da natureza, e precisamente: o fogo, o ar, a terra e a água. Para mesclar entre si as substâncias fundamentais intervêm mais dois princípios, desta vez ativos, que Empédocles chama de Amor e Discórdia.

No começo dos tempos, ao que parece, o Amor reinava absoluto, razão pela qual as partículas elementares das raízes “mais aptas a mesclar-se, desejavam-se umas às outras”.[304] Nessa primeira fase, Empédocles chama o mundo de “Esfero”, talvez para homenagear o Ser Esférico de Parmênides. Dentro dele só há serenidade e felicidade, mas a Discórdia, lenta e sorrateiramente, consegue intrometer-se nesta perfeição toda e dá início à segunda fase que, se entendi direito, seria esta que nós estamos vivendo agora.

Para Empédocles, no futuro a Discórdia deverá levar a melhor e desintegrar o mundo (puxa vida: lá vem mais um a pressagiar o apocalipse atômico!), somente então na quarta fase, haveria um retorno do Amor.

Resumindo: o Amor e a Discórdia são dois cozinheiros que só têm ao seu dispor quatro vidros de ingredientes para aprontar suas iguarias. Quer dizer, tudo pode acontecer na cozinha, isto é, no *Esfero*: às vezes o Amor domina, e então tudo é absoluta felicidade, mas quando quem manda é a Discórdia tudo se precipita num silêncio de morte. Há finalmente os períodos em que ambos os cozinheiros estão presentes, e então é um verdadeiro vendaval de

tortas na cara: estes são, a meu ver, os momentos melhores ou, pelo menos, os mais divertidos.

Ao lermos atentamente os fragmentos de *A natureza* percebemos que a teoria de Empédocles não é afinal tão simples quanto pode parecer à primeira vista. Há um trecho, por exemplo, onde ele escreve: "Dupla coisa direi: às vezes o um foi acrescido por muitas coisas, e às vezes em seguida muitas coisas voltaram de um único ser. Dupla é a gênese dos mortais e dupla é a morte."[305] Quando pronuncia a palavra Um, Empédocles refere-se evidentemente a Parmênides, ao seu ser uno e imutável, quando no entanto formula o conceito do múltiplo, percebe-se a presença de Heráclito e do seu devenir. Pois bem, em Empédocles as quatro raízes primordiais têm a imobilidade do ser parmenidiano e, embora sendo quatro, substituem o Um sob todos os aspectos: a mistura e a separação delas, por sua vez, proporcionam uma explicação do devenir e do multíplice. Cada nascimento também é morte uma vez que, se por um lado inaugura um novo conjunto, por outro dissolve algo que já existia de forma diferente. Baseando-se nesta observação ele desmistifica os próprios conceitos de nascimento e de morte, substituindo-os com imagens menos dramáticas tais como "a mescla e a separação de coisas mescladas".[306]

A fragmentação dos quatro elementos em minúsculas partículas a serem misturadas entre si já anuncia de alguma forma as teorias atomísticas de Leucipo e Demócrito. Ao contrário deles, no entanto, Empédocles não aceita a existência do vazio e, para demonstrar isto, diz que "daquilo que não é, não é possível que surja alguma coisa que é".[307] Esta frase, que aliás pode ser encontrada em muitos filósofos pré-socráticos, representa o fundamento do ateísmo grego: o convencimento de que nada possa nascer do nada significa praticamente negar a própria ideia da criação e conceber o mundo como uma entidade eterna e imutável (Parmênides), como um universo em contínua expansão (Heráclito), ou então como um conjunto de ambas as teorias (Empédocles). Em nenhum dos três exemplos mencionados, no entanto, está prevista a intervenção de um Ser Superior, a faísca divina que assinala o começo dos tempos. Os gregos acreditavam nos Deuses e ofereciam sacrifícios em sua homenagem, mas estes Deuses, mais do que criadores do céu e da terra, eram uma espécie de super-heróis de história em quadrinhos, isto é, seres muito mais poderosos do que os comuns mortais mas mesmo assim sujeitos à vontade do Destino.

Há uma incongruência que muitas vezes foi motivo de críticas em relação a Empédocles. Em vários pontos da sua *Natureza* o filósofo afirma que o Amor une e que a Discórdia separa, e algumas vezes ele diz que o Amor tende a juntar o semelhante com o semelhante e que, quanto maior for a afinidade entre duas partículas de matéria, maior será o Amor recíproco entre elas. Se pegarmos uma pedra, um balde de água e alguma fumaça, diz Empédocles, e os deixarmos livres para irem onde bem quiserem, percebemos que a pedra será atraída pela terra, a água procurará chegar ao mar e a fumaça subirá diretamente para o céu. Estas reflexões, no entanto, são logo contestadas por Aristóteles que observa: "Se uma pessoa segue o caminho da razão, logo percebe que a Amizade é causa de bem, e que a Contenda é causa de mal, mas se, ao contrário, ela aceita o gaguejar de Empédocles, segundo o qual cada coisa tenderia a juntar-se ao semelhante, acabará cercada por um mundo inabitável onde cada um dos quatro elementos jaz inerte e separado."[308] Em outras palavras, para Aristóteles o Amor é uma força positiva que não pode de forma alguma ser incriminada de um cataclismo tão negativo quanto a separação dos elementos primordiais.

Quanto à religião, Empédocles segue à risca as regras pitagóricas: detesta as favas, não come a carne dos animais e acredita na metempsicose. Afirma já ter sido "menino e menina, arbusto, pássaro e mudo peixe que pula fora da água".[309] Conta que existem demônios que "por crimes cometidos no passado e por antigo decreto dos Deuses, selado por solene juramento, receberam a sina de uma longa vida. Eles terão de errar por três vezes dez mil estações, nascendo em todas as formas das criaturas mortais e percorrendo as penosas trilhas da vida. A força do vento empurrá-los-á para o mar, o mar cuspi-los-á de volta à terra, a terra arremessá-los-á para os quentes raios do sol, para eles então voltarem ao turbilhão do vento, uma vez que cada elemento recebê-los-á de algum outro e todos juntos odiá-los-ão. Eu também" conclui o filósofo, "estou entre eles: exilado pelo Amor por ter confiado demais na furiosa Discórdia".[310]

Empédocles é o mais poético de todos os filósofos poetas da sua época. Mesmo em *A natureza*, que afinal só pretende ser um tratado de ciências naturais, toda vez que precisa falar de um astro, de um fenômeno meteorológico ou de uma criatura humana, inventa imagens maravilhosas que nos dão uma ideia do seu gênio criativo.

Eis alguns exemplos: “O sol que penetrante dardeja”,[311] “a lua de olho claro”,[312] “o mar, suor da terra”,[313] “a noite solitária e cega”.[314] Até mesmo a respeito do parto, quando se vê forçado a falar do lugar de onde a criança desponta para a vida, recorre à sugestiva metáfora: “as fissuras nos gramados de Afrodite”.[315]

---

270 E. Renan, *Vingt jours en Sicilie. Mélanges d’histoire et de voyages*, p. 103.
271 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 51.
272 Os testemunhos sobre Diágoras estão reunidos e analisados em F. Jacoby, *Diagoras ho atheos*, em “Abhandlungen der deutschen Akademie der Wissenschaften,” Berlim, 1959.
273 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 53.
274 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 20.
275 E. Bignone, *Empedocle*, Turim, 1916, p. 74.
276 D. Scinà, op. cit., p. 32.
277 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 55.
278 D. Scinà, op. cit., p. 86.
279 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 66.
280 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 63.
281 E. Bignone, op. cit., p. 4.
282 Fr. 112 Diels-Kranz = fr. 100 Gallavotti (veja Empédocles, *Poema físico e lustral*, aos cuidados de C. Gallavotti, Verona, 1975).
283 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 70.
284 Plutarco, *A curiosidade*, 1, 515C.
285 Aristóteles, fr. 65 Rose.
286 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 60.
287 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 64.
288 Aristóteles, fr. 70 Rose.
289 Jâmblico, *Vida de Pitágoras*, 113.
290 D. Scinà, op. cit., p. 89.
291 D. Scinà, op.cit., p. 104.
292 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 71.
293 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 74.
294 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 73.
295 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, VIII 74.
296 Heráclide do Ponto, fr. 83 Wehrli.
297 Heráclide do Ponto, fr. 84-115 Wehrli.
298 Fr. 100 Diels-Kranz, 96, 2-26 Gallavotti.
299 Fr. 57 Diels-Kranz, 7, 1-3 Gallavotti.
300 Fr. 60 Diels-Kranz, 7, 12 Gallavotti.
301 Fr. 61 Diels-Kranz, 7, 8-11 Gallavotti.
302 Fr. 59 Diels-Kranz, 7, 5-7 Gallavotti.
303 Fr. 6 Diels-Kranz, 1, 53-5 Gallavotti.
304 Fr. 22 Diels-Kranz, 4, 37-45 Gallavotti.

305 Fr. 17 Diels-Kranz, 4 Gallavotti.
306 Fr. 8 Diels-Kranz, 2, 1-4 Gallavotti.
307 Fr.12 Diels-Kranz, 1, 47-49 Gallavotti.
308 Aristóteles, *Metafísica*, I 4, 984b 32.
309 Fr. 117 Diels-Kranz, 104 Gallavotti.
310 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, VII 29.
311 Fr. 40 Diels-Kranz, 51 Gallavotti.
312 Fr. 42 Diels-Kranz, 58 Gallavotti.
313 Fr. 55 Diels-Kranz, 42 Gallavotti.
314 Fr. 49 Diels-Kranz, 60 Gallavotti.
315 Fr. 66 Diels-Kranz, 65, 1 Gallavotti.

XVII
GENNARO BELLAVISTA

A presença do professor Bellavista,[316] ex-docente do liceu agora aposentado, na história da filosofia grega justifica-se devido ao seu pensamento intimamente ligado à cosmogonia de Empédocles e à ética de Epicuro. Dito isto, achamos por bem tratar logo do primeiro assunto, o da estrutura do universo, deixando para outra hora a descrição da *napolitanidade*, isto é, da ética do povo napolitano, no âmbito da escola epicurista.

Para Bellavista, o *archè*, o tijolo primordial com o qual foi construído o mundo, é a Energia, sobre a qual agem dois princípios ativos que o professor chama de Amor e de Liberdade. Ao contrário do Amor e da Discórdia já descritos por Empédocles, estas duas forças bellavistianas, embora inimigas entre si, resultam ambas positivas e, enquanto tais, geradoras de efeitos vitais. Sendo assim, desaparece portanto a principal crítica que Aristóteles fazia às teorias de Empédocles, isto é, o comportamento incoerente do Amor.

A Energia, afirma Bellavista, aparece na natureza sob duas formas totalmente diferentes entre si dependendo do tipo de vínculo existente entre os prótons e os nêutrons presentes no átomo: quando neste vínculo predomina o Amor temos a Matéria, quando por sua vez predomina a Liberdade temos a Explosão.

Tendo isto em mente, antes de começarmos a expor as teorias de Bellavista, talvez seja proveitoso lembrar algumas noções básicas de astronomia. No longínquo ano de 1596 foi descoberta uma estrela que se comportava de forma bastante estranha: havia períodos em que brilhava com extrema intensidade e outros em que empalidecia até desaparecer. Tratava-se de um astro da constelação da Baleia, a uma distância de 163 anos-luz do nosso

planeta. O espanto despertado por este fenômeno foi tão grande que a estrela recebeu o nome de Mira, isto é, "a Maravilhosa". Hoje em dia conhecemos 4.566 estrelas como Mira Ceti, e costumamos chamá-las de "variáveis cefeidas" ou simplesmente "cefeidas". Cada uma delas tem o seu próprio ciclo de variabilidade durante o qual muda de volume e, portanto, de luminosidade. O ciclo de Mira, por exemplo, é de 331 dias.

A variabilidade das cefeidas depende das contínuas contrações e dilatações às quais está sujeita a massa gasosa do corpo estelar: quando esta massa encolhe, a temperatura interna sobe vertiginosamente até provocar um ensaio de explosão, enquanto a progressiva dilatação tende a esfriar a estrela e a prepará-la para uma sucessiva contração. Às vezes, no entanto, este equilíbrio quebra-se e o astro em questão explode como uma gigantesca bomba atômica ou encolhe cada vez mais até tornar-se um núcleo de inimaginável intensidade. No primeiro caso temos o fenômeno da *nova* (ou da *supernova* se ela for uma estrela gigante), assim chamado devido ao aparente aparecimento de uma estrela num lugar do céu até então considerado escuro e vazio; no segundo caso, por sua vez, cria-se o chamado *buraco negro*, isto é, um lugar onde a força da gravidade alcança valores tão elevados que nada, nem mesmo a luz, consegue afastar-se.

Pois bem, na tentativa de entender quais são as forças responsáveis pela contração e a expansão da matéria, Bellavista formula a hipótese segundo a qual todo o universo estaria sujeito às solicitações centrípetas e centrífugas do Amor e da Liberdade. Em outras palavras, os prótons e os nêutrons estariam ao mesmo tempo sujeitos seja a uma grande vontade de ficar juntos, seja a um desejo igualmente grande de fugir para longe. Agora, estamos cansados de saber que qualquer objeto, digamos um cinzeiro, por exemplo, não passa de um aglomerado de bilhões de átomos comprimidos num espaço reduzido; pois bem, se por acaso fosse possível quebrar os vínculos internos do núcleo, até mesmo um mero cinzeiro de dois tostões poderia soltar tamanha quantidade de energia que a própria bomba de Hiroshima ficaria babando de inveja. Quer dizer, trocando em miúdos, que a energia fica

dormitando dentro da matéria, quase em estado letárgico, mas sempre pronta a explodir ao encontrar alguém capaz de despertá-la. Com a sua célebre fórmula $E = mc^2$, Einstein limitou-se a frisar que existe uma proporcionalidade entre a massa "m" do cinzeiro e a energia "E" nele latente.

A hipótese mais acreditada sobre a origem do universo é sem dúvida alguma a do abade Lemaître, mais conhecida como "teoria do Big Bang". Ao que parece, no início dos tempos (expressão, esta, extremamente discutível!) o cosmo inteiro era uma bola supercomprimida chamada (por quem?) Ylem, dentro da qual a temperatura e o peso específico alcançavam valores praticamente infinitos. Então, conforme nos conta Lemaître, esta bola explodiu e o universo começou a expandir-se. Mas prestem atenção: quando dizemos "explodiu" não estamos falando do estouro de alguma coisa que, a partir do centro, vai pouco a pouco espalhando-se pelo espaço afora, mas sim de um repentino afastamento de cada partícula de matéria de todas as demais, quer dizer, de uma explosão simultânea em todos os lugares do espaço.

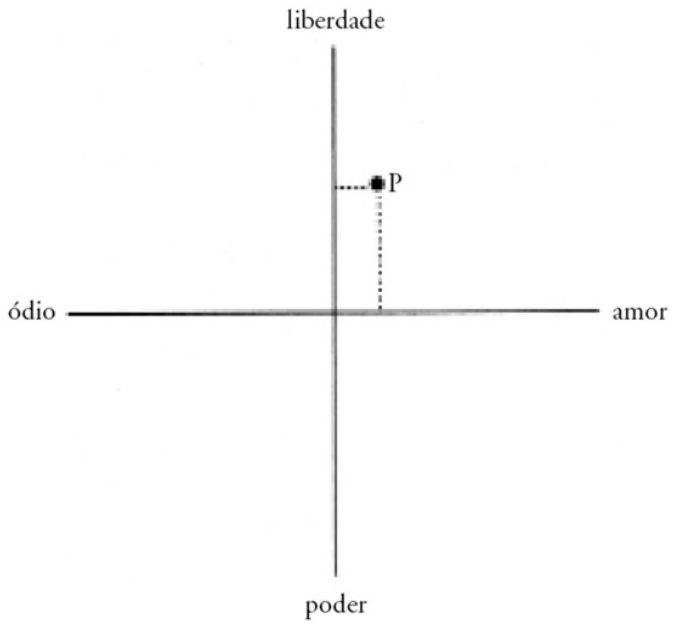
Assim como Empédocles, Bellavista acredita que no começo dos tempos o Amor era o dominador absoluto do universo e que a Liberdade ficava zanzando sem parar à volta dele na esperança de pegá-lo desprevenido para então quebrar os vínculos da matéria. Enquanto isto o Ylem, sujeito a estas duas forças formidáveis, nada mais podia fazer a não ser pulsar como qualquer estrela variável, até que certo dia explodiu em todas as suas partes: a Liberdade conseguira romper as resistências do Amor. Parece que o grande estouro aconteceu uns 25 bilhões de anos atrás e que a explosão continua até hoje. Para darmo-nos conta disso, basta observar o firmamento através de um espectroscópio: percebemos imediatamente que todas as galáxias estão se afastando de um hipotético centro. Mais acertadamente, os astrônomos dizem que o universo está em contínua expansão.

O conflito Amor-Liberdade, insito à matéria, também está presente na nossa alma. Cada um de nós, afirma Bellavista, fica à mercê de dois instintos contrastantes: um grande desejo de Amor, que nos leva a procurar a companhia dos outros seres humanos, e

uma irresistível vontade de defender a nossa privacidade. Trata-se portanto de uma situação bastante instável: às vezes padecemos devido à solidão, mas também há casos em que nos sentimos ameaçados pela ingerência dos outros. Se, por exemplo, ficamos presos num engarrafamento, surge em nós um sentimento de hostilidade por todos os demais motoristas, mas se ao contrário estamos velejando há muitas horas em mar aberto, logo que outra embarcação aparece no horizonte sentimo-nos de imediato dispostos a saudar calorosamente pessoas que nunca vimos antes.

Bellavista define "homens de Amor" e "homens de Liberdade" os indivíduos nos quais um ou outro impulso levou a melhor. Podemos fazer decorrer disso uma análoga classificação dos povos: os ingleses, inventores do termo *privacy*, são certamente um povo de Liberdade, e os napolitanos *anema e core*,[317] poderão ser considerados um povo de Amor.

A originalidade do esquema bellavistiano está no fato de o Amor e a Liberdade, vistos num plano cartesiano, não serem duas forças que se opõem uma à outra, mas sim ortogonais e ambas positivas. Em outras palavras, se desenharmos dois eixos cartesianos e chamarmos de Amor a abscissa e de Liberdade a ordenada, para cada ponto P do plano, isto é, para cada ser humano, será possível determinar dois segmentos que nos darão a medida proporcional do seu desejo de amar e de ser livre.

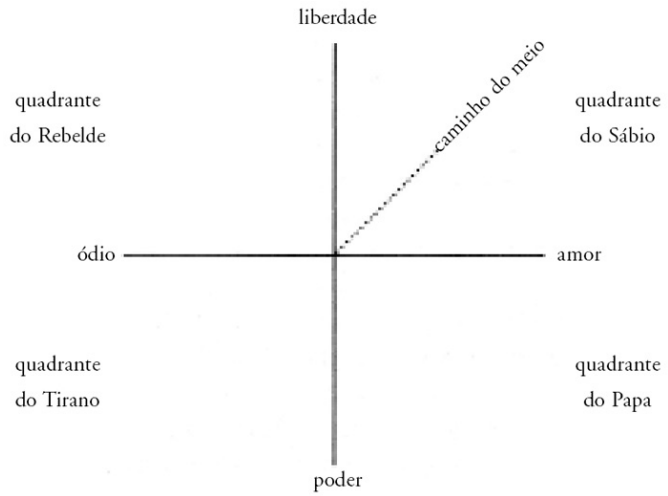


É muito importante que cada um de nós conheça a sua posição no plano cartesiano uma vez que só uma avaliação correta das próprias tendências pessoais permitirá que o indivíduo opere as escolhas de vida certas. O Homem do Amor, por exemplo, só poderá ser feliz se alguém amá-lo, pois para ele o Amor é como a água para as plantas: uma condição indispensável para a existência. O Homem da Liberdade, por sua vez, considera o espaço vital uma entidade sagrada e não consegue alcançar nem mesmo os níveis mais modestos de serenidade se porventura achar que está sendo ameaçado por alguma coisa externa a ele. Para ele, Liberdade quer dizer ar, horizontes infinitos, necessidade de mudar.

Ao observarmos mais atentamente esses eixos cartesianos podemos perceber que eles dividem o plano em quatro setores, cada um dos quais com um significado particular.

O primeiro quadrante, conhecido como o "do Sábio", é o lugar onde podem ser encontrados os melhores, isto é, aqueles que cultivam dentro de si tanto os impulsos do Amor quanto os da Liberdade. Entre eles, os mais sábios em absoluto são os que de alguma forma equilibram as exigências do coração e as da mente. Eles ficam mais ou menos ao longo do que chamamos de "caminho do meio" e são as pessoas capazes de amar sem por isto se tornar

opressivas. Quem tiver a sorte de encontrar alguém assim, é bom que procure não deixá-lo escapar.



O segundo quadrante é o "do Papa" e pressupõe a coabitação do Amor com o Poder. Encontramos nele numerosas mulheres: todas as mães e as esposas que demonstram o seu afeto de forma possessiva. Também é o setor, obviamente, dos homens ciumentos e de todos aqueles capitães da indústria "nos moldes de antigamente", isto é, os homens empreendedores que tratam os empregados "com a consciência de um pai" mas que nem querem pensar em aumentar os salários. Este quadrante é definido "do Papa" por serem próprias da Cúria Romana as prerrogativas do Amor e do Poder. Isto não quer dizer que todos os Papas da história se encontrem neste setor. É bem possível, diz Bellavista, que lá se encontre o Papa Wojtyla, mas provavelmente não João XXIII, cujo lugar fica certamente entre os sábios (mais perto do Amor, seja bem claro, do que da Liberdade). Há finalmente os Papas incômodos: os do tipo de Alexandre VI e de Bonifácio VIII. Todas pessoas sem muitos escrúpulos e amantes do poder, que Bellavista não hesita em relegar para o quadrante sucessivo, também definido como quadrante "do Tirano". É o lugar onde Ódio e Poder delimitam o setor dos piores. Para representar a categoria no seu ponto intermediário podemos escolher entre Hitler, Stalin ou Calígula: tanto faz, eles se equivalem. Mas não o Diabo, no entanto, pois como titular do Ódio, ocupa por direito a ponta extrema do semieixo que lhe cabe, e tampouco Mussolini

que, como fundador do Fascismo, poderia aspirar a uma boa colocação perto do Poder.

O último quadrante, chamado "do Rebelde", talvez seja o mais anômalo devido à mistura de dois impulsos aparentemente antitéticos como o Ódio e a Liberdade. Na verdade, se você se imaginar no papel de um afegão ou de um guerrilheiro palestino, não terá a menor dificuldade em perceber como o Ódio e a Liberdade podem conviver numa única mistura explosiva. Onde há ditadura também há desejo de Liberdade, e portanto Ódio e sede de vingança. Ao percorrermos o quarto quadrante de uma para a outra ponta encontraremos todo tipo de revolucionários: desde combatentes das brigadas vermelhas, pretas ou de qualquer outra cor política, até anarquistas cheios de ideais que sonham com um país livre e feliz. Toda vez que Bellavista topa numa passeata de extremistas procura ler nos rostos dos participantes os sinais emocionais que permitam identificá-los.

Antes de fecharmos este parêntese teórico, fazemos questão de salientar que o ponto representativo de cada indivíduo não permanece imóvel no tempo, mas sim desloca-se continuamente conforme as vicissitudes da sua vida: um repentino abandono por parte da pessoa amada, uma injustiça sofrida, um amigo que decide hospedar-se na nossa casa por mais de duas semanas podem fazer com que o ponto P dê vistosas viradas para outros quadrantes. Apesar disso, sempre existe uma área suficientemente limitada que, justamente por ser a mais visitada pelos nossos sentimentos, acaba nos identificando.

É preciso dizer, além disso, que o esquema bellavistiano não pretende ser nada além de uma tentativa geométrica para abordarmos algum tipo de análise comportamental. É claro que a mente humana não pode ser reduzida a apenas dois impulsos, embora dominantes, como o Amor e a Liberdade; apesar disso, no entanto, numa representação conceitual, e não gráfica, da alma humana, o método de Bellavista ainda continuaria válido se decidíssemos passar de um espaço bidimensional para um espaço com *n* dimensões, onde *n* são as variáveis que influenciam o nosso caráter. Neste caso a inveja, a competitividade, a sexualidade, a

gula e qualquer outra coisa que vocês quiserem botar, teriam todas elas o seu próprio eixo de referência e, todas juntas, contribuiriam a determinar a posição do ponto no espaço.

Com mais um pulo, e partindo justamente desta imagem do espaço com *n* dimensões, Bellavista tenta chegar a uma descrição geométrica de Deus. Se atribuirmos a Deus o máximo de todas as capacidades humanas (onipotência, onisciência e assim por diante), o lugar que o representa será constituído pelo conjunto dos pontos impróprios de todos os eixos do sistema, isto é, por aquilo que a geometria descritiva define como "plano impróprio". Trocando em miúdos, cada reta tem um ponto dela no infinito, chamado de ponto impróprio. O conjunto de todos estes pontos forma o plano impróprio que, num exame mais atento, parece mais uma esfera com raio infinito do que um plano. E querendo ser ainda mais precisos, a imagem que acabamos de descrever não chega a ser nem mesmo uma esfera, uma vez que estamos num espaço de *n* dimensões.

---

316 Para quem quiser aprofundar o estudo da teoria do Amor e da Liberdade, aconselhamos a leitura de *Così parlò Bellavista*, cit.

317 Todos "alma e coração", como diz a letra de uma famosa música napolitana. (N. do T.)

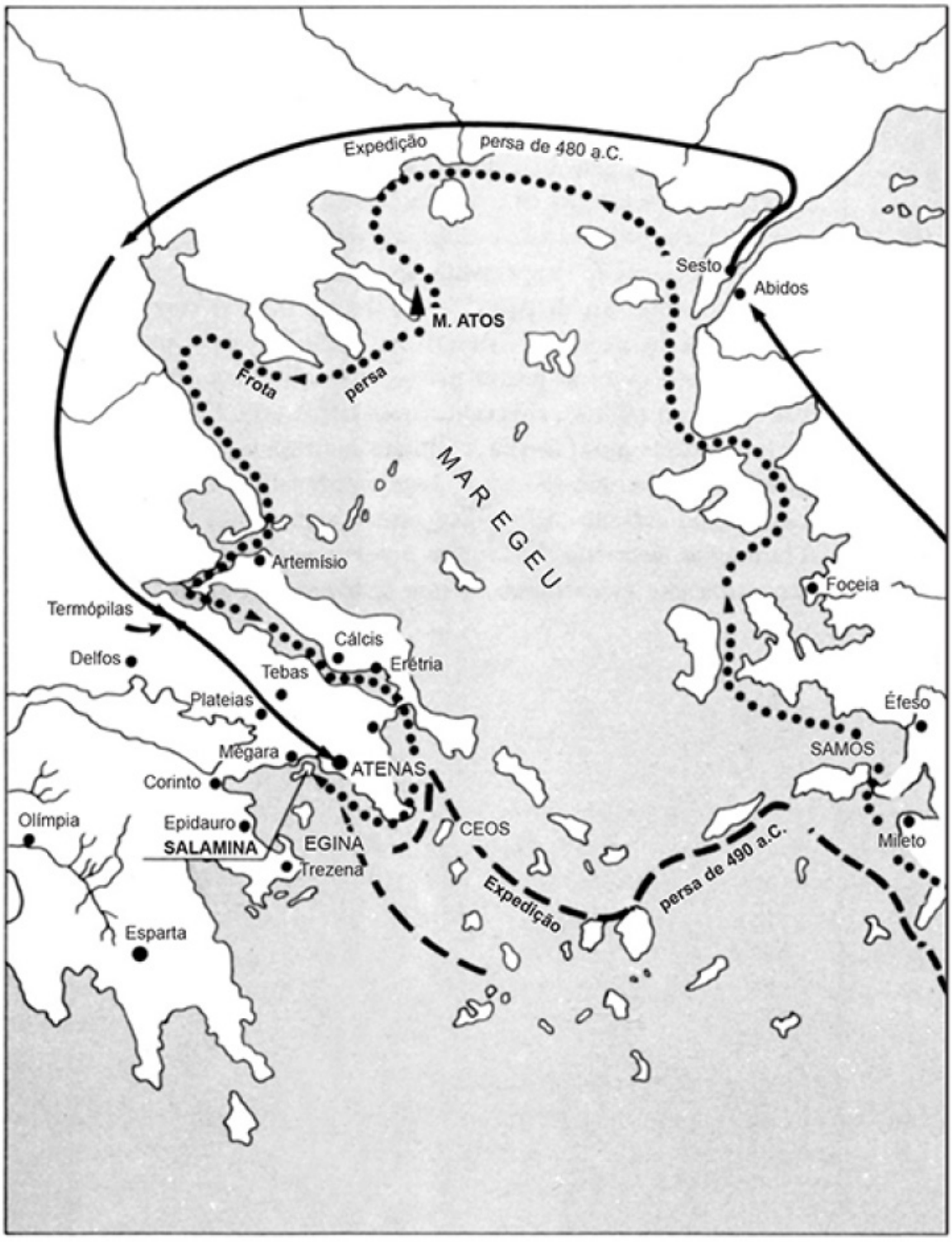


Fig. 7 – **As guerras greco-persas.**

XVIII
ATENAS NO SÉCULO V

Vamos parar um pouco com a filosofia para falarmos de história. Às vezes a humanidade é realmente surpreendente: podem se passar mais de mil anos sem acontecer coisa alguma e então, de repente, em menos de um século e pouco mais de dois quilômetros quadrados, acontece de tudo! Para quem ainda não tenha entendido, estamos falando de Atenas e do século V a.C.

Só de mencionar assim, em grandes linhas, os nomes que marcaram o período há o bastante para ficarmos de queixo caído. Entre os nascidos no lugar, os imigrantes e os estudiosos de passagem, eis aqui em primeira mão uma lista de personagens: Anaxágoras, Górgias, Protágoras, Parmênides, Zeno, Melisso, Demócrito, Arquelau, Sócrates, Platão, Hípias, Pródico, Isócrates e Antifonte entre os filósofos; Ésquilo, Sófocles e Eurípides entre os trágicos; Aristófanes entre os autores de comédias, Hipócrates entre os médicos; Míron, Fídias, Praxíteles, Zéuxis, Ictino, Hipódamo, Calícrates, Mnésicles, Alcman, Cresilas e Policleto entre os artistas; Heródoto, Tucídides e Xenofonte entre os historiadores; Ipérides, Trasímaco e Lísias entre os oradores; e, para concluir, Temístocles, Milcíades, Címon, Péricles, Aristides e Alcibíades entre os políticos. Comenta Bertrand Russell: “Naquela época era possível como em poucas outras ser ao mesmo tempo inteligente e feliz.”[318]

O século V começa com uma rebelião: a dos jônios contra os persas. Foi chefiada por um certo Aristágoras,[319] governador de Mileto. Deste evento que marca o início das guerras persas, a anedota mais curiosa é a de Istico, o idealizador do plano subversivo. Quando ele decidiu pôr em prática a operação, para avisar os cúmplices acerca do dia e da hora do motim, mandou raspar a cabeça de um surdo-mudo, tatuou no seu crânio a mensagem, esperou que o cabelo voltasse a crescer e enviou-o a Mileto, certo de que os inimigos não iriam interceptar a ordem mesmo que detivessem o mensageiro.[320]

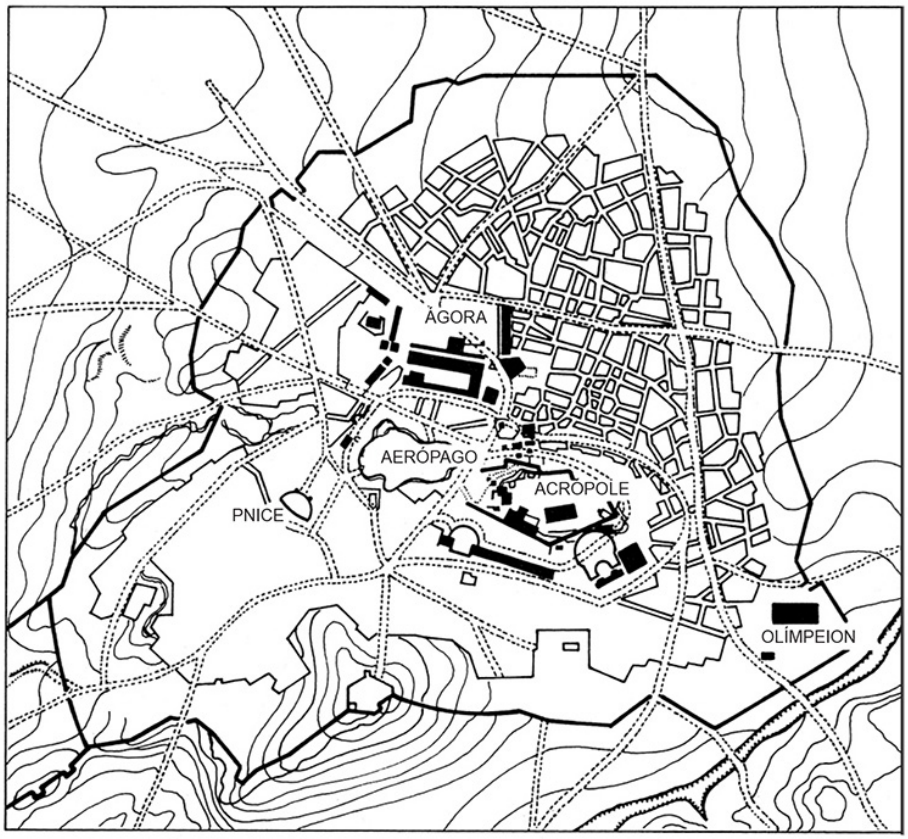


Fig. 8 – **Atenas: mapa da cidade no século V a.C.**

Na prática, sublevaram-se praticamente todos os povos da faixa costeira. As tropas de ocupação persas foram aniquiladas em toda parte. Apesar do sucesso, no entanto, os revoltosos estavam preocupados: mais cedo ou mais tarde Dario iria voltar, e desta vez com um exército ainda mais numeroso do que aquele com que já havia conquistado a Jônia. Foi por isso que Aristágoras, o governador de Mileto, desembarcou no outono de 499 na Grécia continental e procurou convencer as cidades mais importantes a formar uma grande aliança entre todos os gregos que moravam dos dois lados do mar Egeu. Esparta nem quis saber do assunto: os persas eram um povo distante demais para que eles pudessem se sentir envolvidos. Tebas odiava Atenas e, só por isso, o motivo era mais do que suficiente para não participar de uma coalizão. Quer dizer, para os gregos era mais estimulante brigar com os vizinhos do que ficar matutando acerca de um invasor externo. Aristágoras só conseguiu arrumar a ajuda de Erétria e de Atenas que mandaram, juntas, uma pequena frota de vinte navios para Mileto. Este

gesto de solidariedade, usando as próprias palavras de Heródoto, foi o *arché kakòn*, o começo do problema, tanto para os gregos quanto para os persas.[321]

Depois de tomarem a via da guerra, os jônios e os atenienses ao invés de terem ficado quietos dentro das muralhas de Mileto, à espera da chegada dos persas, acharam melhor atacar primeiro e aventuraram-se no interior da Anatólia. A primeira cidade a sofrer com isto foi Sardes. Heródoto conta[322] que durante a ocupação um soldado ateou fogo a uma casa e que só levou uma noite para a cidade inteira ser devorada pelas chamas, inclusive os templos.

Quando soube desta façanha, Dario, o rei dos persas, ficou espumando de raiva:

– Quem foi que destruiu Sardes?

– Os jônios e os atenienses.

– Os jônios e quem? – perguntou de novo Dario, que até aquele momento nunca tinha ouvido falar deles.

– Os atenienses.

O rei dos reis pegou um arco e lançou uma flecha para o céu.

– Que os deuses amaldiçoem os atenienses!

E depois disso ordenou que um escravo lhe repetisse a seguinte frase toda vez que ia sentar-se à mesa: “Senhor, lembre-se dos atenienses!”[323] E foi com este lembrete nos ouvidos, pronunciado três vezes por dia antes das refeições, que em 490 o nosso Dario decidiu invadir a Grécia.

Uma enorme frota de 600 navios, carregados de soldados e cavalos, zarpou de Samos e atravessou o Egeu. Erétria foi cercada e destruída. Seus templos foram arrasados e queimados para vingar a ofensa sofrida por Sardes. Atenas pediu a ajuda dos espartanos mas eles desculparam-se dizendo que infelizmente aqueles eram os dias do plenilúnio e que a lei os proibia lutar durante a lua cheia: depois do nono dia, tudo bem, mas antes nem pensar![324] Os únicos que se prontificaram a ajudar foram os habitantes de Plateias e por isto mesmo, a partir de então, sempre foram lembrados nas comemorações em Atenas.

O embate aconteceu na planície de Maratona (490). Milcíades, nomeado por sorteio chefe dos estrategistas, posicionou as forças mais válidas nos flancos e enfraqueceu propositalmente o centro da formação. Foi justamente neste setor que os persas avançaram, para serem logo em seguida cercados e sobrepujados. Segundo Heródoto[325] morreram 6.400

bárbaros e 192 atenienses. No que diz respeito a estes números, nós achamos que o historiador grego está contando uma mentira: deve ter-se deixado levar pelo entusiasmo partidário. Depois do plenilúnio também chegaram os espartanos. Naquela altura, porém, a batalha já havia terminado e os fortes guerreiros lacedemônios só puderam dar uma olhada nos cadáveres dos persas para ver "como eram feitos".[326]

Tomados pela euforia depois da vitória, os atenienses acharam que o problema asiático já estava resolvido. Mas não foi esta a opinião do esperto Temístocles: o arconte de Atenas achou por bem ir logo procurando fazer uma grande aliança helênica. Cada cidade grega foi obrigada a contribuir para a segurança comum com dinheiro ou com navios e, uma vez que a maioria escolheu o dinheiro, Atenas aproveitou a ocasião para tornar-se a mais forte de todas do ponto de vista militar.

Enquanto isto Dario, sorte nossa, havia morrido e o trono do império persa estava agora com o filho dele, Xerxes. Depois de muito vacilar, Xerxes também decidiu-se pela ação. Não querendo contudo correr os mesmos riscos do pai, fez tudo em grandes proporções: o exército que partiu rumo à Grécia era uma coisa que nunca se tinha visto antes. Falam de 1.700.000 soldados e de 80 mil cavaleiros.[327] Heródoto conta que quando a tropa parava para tomar água, os rios secavam.[328]

O ataque foi duplo: por terra, passando pela Trácia, a Macedônia e a Tessália, e por mar com uma frota de 1.200 navios. O primeiro problema, para as forças terrestres, foi atravessar o estreito dos Dardanelos. Uma vez que uma repentina tempestade destruiu a ponte de madeira construída pelos engenheiros egípcios, Xerxes ordenou que as águas do Helesponto fossem punidas com trezentas chicotadas,[329] e depois de exclamar "onda amarga, tu não és um estreito mas sim uma correnteza turva e salgada", mandou amarrar uma ao lado da outra trezentas barcaças e entrou na Europa com todas as suas tropas. Todos os povos do império estavam presentes, mais precisamente: medos, cissos, ircanos, assírios, caldeus, bactrianos, sácios, citas, indianos, ários, partas, corasmos, sogdianos, gandários, dadicos, cáspios, sarangos, pactos, utos, mícios, paricanos, árabes, etíopes, líbios, egípcios, paflagônios, lígures, matianos, mariandinos, sírios, capadócios, frígios, armênios, lídios, mísios, trácios, pisidos, cabalos, mílios, tibarenos, macronos, mossinécios, maros, colcos, alarodes e saspiros.[330] Copiamos propositalmente a lista fornecida por Heródoto para salientar o risco que o

Ocidente correu naquele fatídico ano 480 a.C. As batalhas, entre as mais importantes da história, foram três: Termópilas, Salamina e Plateias. Na primeira 4 mil gregos, entre os quais 300 espartanos chefiados por Leônidas, contrastaram o avanço do exército persa na porta da entrada da Grécia. Quando disseram a Dienece, um dos espartanos, que os bárbaros eram tão numerosos que suas flechas iriam obscurecer o sol, o soldado respondeu: "Melhor assim, quer dizer que lutaremos à sombra."[331] Morreram todos, menos um que se matou de vergonha por ter sobrevivido. Atenas foi invadida e deixada em ruínas. Os atenienses buscaram abrigo em seus navios.

A segunda foi uma batalha naval. Uma vez que os persas dispunham de mil navios[332] e os gregos só de 380,[333] os atenienses viram-se obrigados a atrair os bárbaros para o estreito entre a ilha de Salamina e a terra firme para tirar deles a vantagem numérica ao dificultar-lhes a possibilidade de manobra. Xerxes, que imaginava as batalhas como um espetáculo particular, postou-se com todo o seu estado-maior em cima de uma colina. "Mandara colocar ali um trono de ouro e cercara-se de um numeroso grupo de secretários que deviam tomar nota dos vários episódios da batalha.[334] Os persas acabaram sendo derrotados de forma clamorosa.

A terceira batalha foi a de Plateias (479). Já se passara um ano desde a invasão persa. Os aliados gregos, chefiados pelo espartano Pausânias, levaram a melhor sobre o folclórico, embora imenso, exército dos bárbaros, e desta vez de forma definitiva. A partir de então Atenas e Esparta passariam a ser consideradas as maiores potências militares da época: iriam disputar entre si a final uns cinquenta anos mais tarde, durante a guerra do Peloponeso.

Muitas vezes os conflitos, com sua fundamental brutalidade, determinam violentas acelerações do processo de amadurecimento dos povos e, neste caso, a coisa resultou ainda mais evidente durante as guerras persas. Nos anos que se seguiram à batalha de Plateias, a cidade de Atenas conheceu um período tão fecundo de ideias e de prosperidade que passou à história como a "mítica idade de Péricles". Quem jogou a primeira semente para este florescimento foi Temístocles com a sua ideia fixa da Liga Helênica. Mais de quatrocentas cidades gregas decidiram juntar-se sob a asa protetora de Atenas dando origem a uma espécie de ONU com sede na ilha de Delos.

Cada pólis, embora mantendo a sua independência, devia pagar uma cota para sentir-se protegida.

Alguns anos depois, Péricles decidiu que seria muito mais seguro para todos se a caixa fosse transferida para Atenas e a partir daí coube a ele decidir quando e como o dinheiro da Liga iria ser usado. Com esta operação o habilidoso homem político conseguiu o necessário, fosse para fortalecer a frota ateniense, fosse para reconstruir os edifícios públicos derrubados pelos persas. Obviamente Esparta recusou-se a aderir ao pacto: antes de mais nada porque considerava-se autossuficiente do ponto de vista militar e depois porque, como todas as nações sujeitas a regimes rigorosos (como a União Soviética de recente memória), não podia se dar ao luxo de escancarar as suas portas para as ideias democráticas e inovadoras que proliferavam na vizinha Atenas.

O mundo nunca se cansou de criticar a Grécia por não ter conseguido tornar-se, nessa época, uma única nação forte e invencível. Seja devido à rivalidade entre Esparta e Atenas, seja devido ao frouxo sentimento helênico da "traidora Tebas", os gregos nunca chegaram a formar um estado unitário como manda o figurino. Apesar disso, a fragmentação em muitas pólis, cada uma com suas próprias características, ofereceu à humanidade muito mais do que poderia ter dado uma potência imperial centralizada. Achamos aliás inteiramente merecedora da nossa atenção uma reflexão de Grytzko Mascioni: "... estou arriscadamente propenso a acreditar que os gregos, em suas pólis, talvez tenham configurado de uma vez por todas a única dimensão social realmente compatível com o homem. Nenhuma comunidade verdadeira e civilizada pode de fato ser imaginada se superarmos os limites de uma real, embora teórica, possibilidade de conhecer ou encontrar mais cedo ou mais tarde, cara a cara, todos os seus membros: e isto era algo que podia ser feito na pólis."[335]

Péricles era um aristocrata, filho de um almirante. Apesar disto, no entanto, para chegar ao poder, defendeu desde cedo os ideais do Partido Democrático. Naquela época, o fato de ter lutado em Salamina ou Plateias era mais ou menos o mesmo que ser um herói da resistência, e uma vez que o *demos*, isto é, o povo, era formado em sua maioria por veteranos das guerras persas, a opção pela democracia só podia levá-lo ao sucesso.

Embora tivesse feições agradáveis, também tinha, como costumamos dizer em Nápoles, *'a capa a cucuzziello*.[336] A pequena malformação fez

com que fosse chamado de *esquinocéfalo*, isto é, “cabeça de cebola”.[337] Os artistas viram-se forçados a sempre retratá-lo vestindo o elmo, e os biógrafos foram logo dizendo que aquela protuberância devia-se ao cérebro excessivamente desenvolvido.

Teve Anaxágoras como mestre e guia espiritual e dele aprendeu: “A ciência das coisas do céu, as especulações elevadas, a maneira de expressar-se de forma sublime e isenta de torpezas baixas e plebeias, a firmeza dos traços nunca afrouxados pelo sorriso, a solene graça do porte, um jeito de panejar as vestes que nunca se descompunha por mais que ele pudesse mover-se ao falar, um tom de voz inalterável e outras atitudes parecidas que enchiam de pasmo qualquer um que dele se aproximasse”.[338] Certa vez ficou um dia inteiro ouvindo um homem que o cobria de insultos e, ao entardecer, quando foi forçado a voltar para casa, mandou um escravo acompanhá-los com uma lanterna para que o sujeito importuno pudesse continuar com o seu falatório.

Péricles foi um grande orador: ao mesmo tempo que nos debates políticos sabia manter-se calmo e comedido, quando se tratava de falar para a multidão “trovejava, relampejava e trazia na língua a força do raio tremendo”.[339] Graças a Zeno, que foi o seu mestre de retórica, também foi um formidável dialético. Certo dia Arquidamo, o rei de Esparta, perguntou a Tucídides quem fora, entre ele e Péricles, o melhor na luta, e Tucídides respondeu: “Cada vez que consigo jogá-lo ao chão lutando, ele contesta ter caído e acaba sendo premiado com a vitória, convencendo até mesmo quem o viu cair.”[340]

Seja como for, a habilidade de Péricles em tratar da coisa pública está fora de discussão. Deu-se conta, por exemplo, de uma coisa fundamental: a necessidade de remunerar todos aqueles que trabalhavam para o bem comum. Introduziu o soldo para os soldados, e salários para os administradores e até os magistrados. Incentivou os espetáculos populares organizando banquetes ao ar livre, cortejos e festivais de música, o que nos faz perceber que também soube cuidar do “efêmero”. Reembolsava, entre as outras coisas, o custo da entrada dos mais pobres, que ficava por conta do Estado. No que diz respeito à arte, então, marcou a origem de um dos períodos mais fecundos da história da humanidade. Com o dinheiro da Liga e as subvenções dos cidadãos mais ricos construiu dúzias e mais dúzias de edifícios sagrados, juntando à sua volta o que havia de melhor entre os

artistas da época. Durante quarenta anos Atenas transformou-se num único e gigantesco canteiro de obras. Cada arquiteto, cada escultor eram um verdadeiro empreendedor que, assim como nas oficinas renascentistas, tinham atrás de si toda uma pequena multidão de aprendizes. Foram usados os materiais mais variados: mármore, bronze, marfim, ouro, ébano e cipreste. Quando alguns figurões atenienses se queixaram daquela contínua sangria de dinheiro, Péricles respondeu: “Tudo bem, quer dizer que a partir de agora as obras continuarão por minha conta. Fique bem claro, no entanto, que todos os edifícios levarão na fachada o meu nome.”[341] Teve imediatamente o dinheiro de volta e o consentimento geral.

Devemos também reconhecer que Péricles foi o responsável por uma verdadeira mudança de opinião em relação aos artistas. Pode parecer estranho mas os antigos gregos não tinham muita consideração por quem dedicava a própria vida à pintura ou à escultura: na prática, qualquer um que tivesse de usar as mãos para viver acabava sendo desprezado. Os *banausi*, isto é, os trabalhadores braçais, eram quase sempre escravos ou metecos, uma vez que o ideal helênico de vida era contrário a qualquer atividade lucrativa e identificava-se com a “plenitude do ócio”.[342] Perfeitamente à vontade dentro desta maneira de pensar, eu tinha um tio que costumava dizer: “Sem falsa modéstia, posso garantir que nunca trabalhei na vida!”, e fique bem claro que ao dizer isto não tinha a menor intenção de fazer um gracejo. Segundo Aristóteles, a *banausia* era o contrário da *paideia*, isto é, da educação, e era própria dos pobres assim como a instrução e a nobreza de alma eram qualidades exclusivas dos ricos.[343] Plutarco conta que na Grécia nenhum jovem de bem, por mais que admirasse as estátuas de Zeus e de Hera, teria em hipótese alguma desejado ser Fídias ou Policleto, uma vez que “os gregos apreciavam os perfumes e as cores, mas consideravam os perfumistas e os pintores uns operários desprezíveis”.[344] Conta-se finalmente que Filipe da Macedônia, ao ouvir o filho Alexandre tocar alaúde com grande habilidade, exclamou indignado: “Você deveria envergonhar-se por tocar tão bem!” Em outras palavras, segundo Filipe a habilidade artística deixava supor longas horas de estudo e de dedicação ao instrumento.

Contrastando com este modo de considerar os artistas, Péricles gostava de estar cercado por grandes mestres e, particularmente, nomeou Fídias seu assessor de artes plásticas. Os maldosos contam que esta assistência não se

limitava às estátuas, chegando a abranger as jovens que serviam de modelo. O escultor, com efeito, foi acusado de marcar encontros íntimos, no seu ateliê, entre o político e algumas mulheres da boa sociedade. Bom, não podemos deixar de admitir que Péricles, afinal de contas, era um tanto mulherengo: parece que já na época em que servia o exército botou um belo par de chifres no seu comandante, o vigoroso Menipo, e que mais tarde foi repreendido por Estesímbroto de Tasos por ter tido um caso com a própria nora.[345]

A sua verdadeira amante foi de qualquer maneira a famosa Aspásia, a bonita mulher jônia devido à qual o nosso Péricles acabou arrumando uma acusação de concubinato. Aspásia nasceu em Mileto onde, segundo as fofocas da época, começou a exercer a profissão de prostituta. Ao mudar-se para Atenas, conheceu Péricles, graças também à ajuda de uma colega, uma certa Targélia, cuja moral resumia-se no lema: “Se tiver mesmo que vender o corpo, então escolha pelo menos os poderosos.”[346]

Uma vez em Atenas, Aspásia montou um negócio que, dependendo do ponto de vista, podia ser chamado de radical-chique ou bordel. As mentes mais iluminadas e as mulheres mais lindas tiveram desta forma a oportunidade de encontrar-se e de trocar ideias. Contam que certa vez, depois de um acidente mortal acontecido durante uma competição de lançamento de dardo, Péricles e Protágoras passaram uma tarde inteira discutindo para estabelecer se a culpa devia ser atribuída ao lançador, aos juízes, ao falecido ou ao dardo. Sócrates e seus discípulos também marcavam presença na casa: ignora-se se a frequência das suas visitas devia-se à amável conversa ou às moças.

Aspásia era uma anfitriã exemplar: gentil, culta e requintada. Não são poucos os que acham ter sido ela, afinal de contas, a inspiradora de várias decisões de Péricles. Só para mencionar uma: a intervenção em favor de Mileto durante o conflito com Samos. E o fato de ela exercer uma profissão não propriamente decorosa não nos deve surpreender em demasia: naquele tempo as mulheres de bem, as que defendiam o decoro familiar, eram quase sempre ignorantes, enquanto as meretrizes costumavam receber uma educação requintada. E não podemos esquecer, finalmente, que o termo “prostituta”, em grego *pornai* ou *pallacai*, foi usado em relação a ela pelos inimigos de Péricles, enquanto os historiadores sempre chamaram-na

apenas de hetera. Seria o mesmo que a gente, indo para o Japão, chamasse as gueixas de prostitutas.

Péricles também teve um filho com Aspásia, mas o rapaz jamais conseguiu a cidadania ateniense pois não tinha ambos os pais nascidos em Atenas.

A democracia tinha suas leis e os adversários políticos se aproveitavam delas para tornar difícil a vida do estadista. Mais cedo ou mais tarde, todos os amigos dele tiveram de pagar o preço desta amizade: Anaxágoras foi arrastado diante dos juízes e só conseguiu salvar-se fugindo; Fídias foi acusado de surripiar o ouro das estátuas e, apesar de conseguir demonstrar o contrário tirando o ouro das esculturas e mandando pesá-lo, acabou na cadeia onde, ao que parece, morreu envenenado; Aspásia foi acusada pelo comediógrafo Hermipo de descrença e cumplicidade na prostituição, e só conseguiu evitar a prisão graças à intervenção de Péricles que, por ela, chegou a chorar diante do júri.[347]

Enquanto isso, as piores dores de cabeça vinham de fora: Esparta, sempre disposta a uma boa briga, não podia tolerar que logo ali, bem pertinho dela, o pessoal se divertisse como se a vida não passasse de uma aprazível aventura. Durante algum tempo Péricles conseguiu evitar a guerra (dizem até que ele passava um dinheiro aos chefes espartanos por baixo da mesa), mas a certa altura a situação tornou-se insustentável e o conflito estourou com a maior violência. O prudente Péricles, que nas *Vidas paralelas* Plutarco compara justamente com Fábio Máximo, recusou o choque direto e preferiu esperar o ataque ao abrigo das muralhas de Atenas. Infelizmente para ele, no entanto, a chegada de milhares de camponeses fugitivos, que também procuravam refúgio na cidade, provocou um terrível surto de peste pelo qual ele foi considerado o principal responsável. Destituíram-no condenando-o a pagar uma multa de quinze talentos.[348]

No outono de 429 o próprio Péricles foi contagiado pela epidemia. No dia da sua morte todos os seus amigos estavam reunidos a sua volta e, achando que já estava moribundo, começaram a relembrar as iniciativas que por quarenta anos ele tomara em prol da pátria. Péricles recobrou então os sentidos e fez questão de precisar: “Muitos desses sucessos deveram-se à mera sorte. Vocês esqueceram, no entanto, a minha maior glória, isto é, o fato de nenhum ateniense ter sido forçado a usar trajes negros por minha culpa.”[349]

318 B. Russell, op. cit., vol. I, p. 77.
319 Heródoto, *Histórias*, V 30.
320 Heródoto, *Histórias*, V 35.
321 Heródoto, *Histórias*, V 97.
322 Heródoto, *Histórias*, V 101.
323 Heródoto, *Histórias*, V 105.
324 Heródoto, *Histórias*, VI 111.
325 Heródoto, *Histórias*, VI 117.
326 Heródoto, *Histórias*, VI 120.
327 Heródoto, *Histórias*, VII 60-87.
328 Heródoto, *Histórias*, VII 21.
329 Heródoto, *Histórias*, VII 35.
330 Heródoto, no livro VII das *Histórias* (61-79), dá uma lista de todos os povos que participaram da expedição de Xerxes, descrevendo detalhadamente a maneira de vestir e as armas de cada um.
331 Heródoto, *Histórias*, VII 226.
332 O número é confirmado por Ésquilo que, nos *Persas* (vv. 341-43), diz:

> *Xerxes, eu sei disto, chefiava uma frota*
> *de mil navios, e duzentos e sete eram*
> *bem rápidos. Esta é a conta exata.*

333 Segundo Plutarco eram apenas 180 (*Temístocles*, 14).
334 Plutarco, *Temístocles*, 13.
335 Grytzko Mascioni, *Lo specchio greco*, Turim, 1980, p. 245.
336 Cabeça como cocuruto. (N. do T.)
337 Plutarco, *Vida de Péricles*, 3.
338 Plutarco, *Vida de Péricles*, 5.
339 Plutarco, *Vida de Péricles*, 8.
340 Plutarco, *Vida de Péricles*, 8.
341 Plutarco, *Vida de Péricles*, 14.
342 J. Burckhardt, op. cit., vol. II, p. 329.
343 Aristóteles, *Política*, VI 1, 1317b, 37-41.
344 Plutarco, *Vida de Péricles*, 1.
345 Plutarco, *Vida de Péricles*, 13.
346 Plutarco, *Vida de Péricles*, 24.
347 Plutarco, *Vida de Péricles*, 32.
348 Plutarco, *Vida de Péricles*, 35.
349 Plutarco, *Vida de Péricles*, 38.

XIX
ANAXÁGORAS

Frank Sinatra ficou conhecido como *the Voice*, a Voz. Anaxágoras, por sua vez, foi chamado de *Noús*, a Mente. Em ambos os casos, a identificação do personagem com a sua característica mais marcante parece-nos extremamente acertada: ninguém melhor do que Anaxágoras, com efeito, podia ser escolhido para representar as agitações racionalistas que caracterizaram a sociedade ateniense do século V. O amor pela dialética, o interesse pelos fenômenos naturais, a nova maneira de Hipócrates praticar a medicina, a pureza das linhas arquitetônicas e até a simplicidade geométrica do planejamento urbano do Pireu, desenhado por Hipódamo de Mileto, demonstram claramente que nos filósofos e nos homens de engenho daquela época havia um imenso desejo de interpretar o mundo recorrendo exclusivamente ao uso da razão. Os Deuses, nos ambientes intelectuais daquele tempo, já não estavam na moda e, justamente por isto, não demoraram quase nada para tornar-se instrumentos nas mãos da reação. “O Intelecto”, dizia Aristóteles, “é como um homem sóbrio forçado a enfrentar outros que só dizem coisas vãs.”

Anaxágoras, filho de Egesíbulo,[350] nasceu em Clazômenas, uma pequena cidade jônia não muito longe de Esmirna, entre 500 e 497 a.C. Foi discípulo de Diógenes de Apolônia, o sucessor de Anaxímenes, e como todos os filósofos que sofreram a influência da escola de Mileto, passava muito mais tempo em estática contemplação do céu do que cuidando dos seus próprios interesses. Os seus parentes estavam desesperados: “Meu filho” não se cansavam de dizer, “não achas que está na hora de começares a cuidar das tuas propriedades?”[351] e ele rebatia: “Por que vós mesmos não cuidais?” Foi assim que, só para evitar maiores aborrecimentos, decidiu dar-lhes tudo de presente. Na verdade, o jovem Anaxágoras só ficava feliz e em paz consigo mesmo quando conseguia isolar-se, à noite, no topo do monte Mimante,[352] para observar as estrelas. Passava por lá longas horas, ao relento, embuçado

num cobertor de lã e no mais absoluto silêncio. Certa vez, criticado por um concidadão que o acusava de não amar bastante a pátria, retrucou: “Não é verdade: amo perdidamente a minha pátria!”, e apontou o dedo para o céu.

Os seus conhecimentos astronômicos tornaram-no muito em breve famoso: contavam que havia aprendido os segredos do universo diretamente dos “livros arcanos” dos sacerdotes egípcios. Seja como for, atribuíram-lhe previsões de todo tipo: um eclipse solar, um terremoto (graças ao movimento da lama depositada num poço),[353] o desmoronamento de uma casa e até a queda de um meteorito no rio Egospótamo.[354] O mundo grego era muito sensível aos adivinhos: qualquer um que, por mera sorte ou por cálculo, conseguisse prever um evento natural gozava de crédito ilimitado. Anaxágoras, por exemplo, era normalmente apresentado como “aquele que pressagiou a queda de uma pedra do céu”. Só para não mudarmos de assunto, certo dia o filósofo foi visto nas Olimpíadas com a cabeça coberta por uma capa de pele, como se estivesse a proteger-se da chuva; logo a seguir, apesar de até então o céu estar limpo, caiu realmente um repentino aguaceiro.[355]

Ao completar vinte anos mudou-se para Atenas onde fundou uma escola de filosofia. Teve como discípulos Eurípides e Arquelau, este último famoso por ter sido o mestre (e talvez também o amante) de Sócrates e por ter percebido que o som espalhava-se no ar através de sucessivas percussões.[356]

Segundo alguns Anaxágoras foi chamado a Atenas por Xantipo, pai de Péricles, para que fosse o mestre do filho. Para outros, no entanto, era um ex-soldado persa que chegara à Grécia com as tropas de Xerxes; esta hipótese pareceria justificar a acusação de “medismo” que seria levantada contra ele trinta anos mais tarde pelos inimigos de Péricles.[357] Anaxágoras, com efeito, foi acusado por um certo Tucídides[358] de simpatia pelos persas e de “impiedade”, isto é, de vilipêndio da religião. Os historiadores relatam que foi condenado à morte com uma diferença mínima de votos.[359] O nosso bom Péricles, embora continuasse sendo a autoridade máxima em Atenas, nada mais pôde fazer a não ser corromper os carcereiros para permitir a fuga do filósofo antes mesmo da leitura da sentença. Na verdade, o coitado do Anaxágoras só era culpado de ter sido o mestre e de continuar sendo amigo de Péricles. Os gregos, quando se tratava de prejudicar um

adversário político, não faziam por menos: até a mais tênue suspeita de ter falado mal de Zeus tornava-se o mais grave dos crimes.

O exílio foi muito duro, principalmente por mantê-lo afastado do lugar onde "se fazia a cultura". O orgulho, no entanto, e mais ainda a sábia prudência, nunca permitiram que ele se demonstrasse saudoso. Quando soube que havia sido condenado à morte, comentou a notícia dizendo: "Já faz muito tempo que a natureza condenou à morte a mim e aos meus inimigos."[360] Quando lhe contaram que os seus filhos haviam morrido, limitou-se a dizer: "Eu já sabia que os gerara mortais." A quem lhe lembrava que havia perdido o convívio com os atenienses, retrucava com altivez: "Eu não, foram eles que perderam a possibilidade de conviver comigo."[361] E finalmente, aos que lastimavam por ele ter de morrer longe da pátria, respondia que "seja qual for o declive pelo qual se desce, o caminho que leva ao reino de Hades é sempre o mesmo".

Enquanto isto a sua obra *A natureza* circulava secretamente entre os intelectuais. Nas palavras de Plutarco, "era lida às escondidas e compreendida por poucos, que por sua vez só a mostravam aos amigos mais íntimos".[362] O que podemos afirmar com certeza é que foi o primeiro bestseller da história, ou pelo menos o primeiro do qual conhecemos o preço de venda: uma dracma.[363]

As notícias acerca do processo contra Anaxágoras são extremamente contraditórias: uns dizem que aconteceu em 450, outros afirmam que foi em 432; uns dizem que foi arrastado diante dos juízes por Tucídides, outros por Cléon,[364] e há quem fale de condenação à morte, ou de ostracismo, ou até mesmo de uma multa de cinco talentos. O que parece mais provável é que tenha havido dois processos e duas condenações diferentes, com um intervalo de 18 anos entre elas.[365]

O ostracismo[366] era uma espécie de eleição negativa que acontecia uma vez por ano, no começo do inverno. Para livrar-se de um cidadão qualquer bastava conseguir o consentimento de pelo menos 6 mil atenienses e o pobre coitado acabava sendo exilado por cinco ou dez anos sem nem mesmo saber por quê. Levando-se em conta que o voto era secreto e que um sujeito podia ser condenado mesmo sem ter cometido coisa alguma, podemos entender facilmente a facilidade com que alguém podia ser desterrado. Na verdade, nenhum dos grandes atenienses do século V, à parte Péricles, conseguiu evitar este *impeachment*: até mesmo Aristides, que era o

melhor deles todos, foi degredado. O ostracismo deveria afirmar a supremacia do *demos* sobre o indivíduo emergente, devia ser uma espécie de freio contra o culto da personalidade; olhando melhor, no entanto, percebemos que se tornou apenas uma arma muito poderosa nas mãos de uns poucos invejosos.

O segundo processo, admitindo que tenha realmente havido um segundo processo, começou com a fustigação de um escravo que confessou ter ouvido Anaxágoras falar do Sol como sendo uma pedra abrasadora que rodava solta no céu.[367] Tratava-se de um crime extremamente grave: alguns anos antes um sujeito chamado Diopite conseguira fazer aprovar uma lei pela qual qualquer um que ensinasse doutrinas acerca das "coisas do céu"[368] deveria ser condenado. Péricles acudiu logo para defender o amigo e fez o possível para salvar a sua vida: arrastou-o diante do conselho quando ainda estava febril depois de uma doença e, mostrando o rosto debilitado do velho mestre, perguntou aos presentes: "Atenienses, estão convencidos de que eu sempre agi pelo bem da pátria? Têm algum motivo para censurar-me? Pois bem, fiquem sabendo que fui discípulo dele!"[369]

Anaxágoras foi solto mais por compaixão do que pela acalorada defesa de Péricles. Acontece, porém, que o orgulhoso filósofo não conseguiu aguentar aquela humilhação e deixou-se morrer de inédia em Lâmpsaco, uma pequena aldeia perdida no norte da Jônia.[370] Deitou-se na cama e cobriu o rosto com um véu. Com Péricles, que viera assisti-lo, queixou-se de não ter sido recompensado pelos seus ensinamentos dizendo estas palavras: "Aqueles que precisam de luz enchem de óleo as lanternas."[371] Aos arcontes de Lâmpsaco que lhe perguntaram: "Como queres que a tua morte seja lembrada?" respondeu: "Concedei um dia de folga às crianças."[372]

Com todo o respeito pelo senhor *Noús*, no entanto, não é que eu tenha por ele muita simpatia: o que mais me deixa desconfiado é a notícia segundo a qual parece que ninguém jamais o viu sorrir.[373] Se fosse apenas uma questão de caráter, tudo bem, mas o fato é que no caso de Anaxágoras a constante aparência sisuda e ponderada era uma precisa e proposital escolha de comportamento. Não é por acaso que os seus discípulos preferidos, Eurípides[374] e Péricles,[375] de tanto medo que tinham de ser flagrados com o sorriso nos lábios, recusavam-se a tomar uns tragos com companhia e a participar de banquetes. Pensando bem, a aversão pela risada é um sintoma bastante comum até nos nossos dias. Reparem só no comportamento dos

intelectuais italianos durante uma entrevista na televisão: fica logo patente que o olhar deles está sempre imbuído de consciente austeridade. Só Deus sabe quais obscuros mecanismos calvinistas, feitos de complexos de culpa e de desejos expiatórios, tornam-nos tão alérgicos ao espírito burlesco. Vai ver que o antigo adágio latino "*risus abundat in ore stultorum*" foi inventado por algum antepassado de Moravia, de Sciascia ou de Giorgio Bocca. Ainda bem que de vez em quando aparece um Einstein ou um Bertrand Russell para que o céu da cultura volte a tingir-se de azul.

As perguntas são as clássicas e costumeiras da filosofia pré-socrática:

1. Quais são os elementos primordiais?
2. Quem ou o que os anima?

Para Anaxágoras as substâncias originais são infinitas, seja quanto ao número, seja quanto à qualidade, e são chamadas de *homeomerias*. Não estamos diante, portanto, de um único *archè*, como na escola de Mileto, ou de quatro elementos diferentes, como em Empédocles, mas sim de infinitas partículas que se agrupam segundo um critério lógico, estabelecido pelo intelecto.

No começo dos tempos, diz Anaxágoras, as *homeomerias* estavam amontoadas desordenadamente, como que num gigantesco liquidificador onde não era possível distinguir a cor nem qualquer outra característica.[376] Então, de repente, intervém o Intelecto e o "liquidificador" começa a funcionar centrifugando aquilo que contém: "o denso, o úmido, o escuro, o frio, em resumo, todas as coisas pesadas juntam-se no meio e, uma vez endurecidas, tomam a consistência de terra, enquanto os seus opostos, o quente, o brilhante, o leve e o seco, deslocam-se para a periferia do éter".[377]

Enquanto as *homeomerias* são infinitésimos pedacinhos de matéria, homogêneos em qualidade e invisíveis devido à exiguidade da massa,[378] os objetos que observamos na natureza, mesmo os mais diminutos, contêm dentro de si todas as *homeomerias* possíveis. Mais precisamente, "em cada coisa escondem-se todas as substâncias e delas só aparecem as mais numerosas ou então as mais visíveis por estarem plantadas na primeira fila".[379] Quer dizer que uma mesa de madeira tem dentro de si um pouco de tudo, como o fogo, a fumaça, a cinza e assim por diante; e se a nós parece feita somente de madeira, é porque as *homeomerias* da madeira são de longe as mais numerosas.

Para demonstrar estas afirmações, Anaxágoras aponta para o fato de a comida ingerida pelos animais transformar-se em carne, ossos, cabelos, veias, nervos, unhas, asas e até chifres, e uma vez que um cabelo não pode nascer de um não cabelo, fica patente que na comida já devem existir as *homeomerias* dos cabelos.[380]

Levando adiante o seu raciocínio do "tudo em tudo", o filósofo chega a dizer que cada coisa possui não somente as suas características principais, como também as opostas: a neve, por exemplo, parece-nos[381] branca mas dentro dela também deve haver alguma coisa preta, e isso me faz lembrar minha mãe que, quando achava a sopa insossa, costumava dizer: "*È doce 'e sale*", está doce de sal.

Quanto aos contrários Anaxágoras vira do avesso as teorias de Empédocles: o semelhante não está à procura do semelhante, mas sim do contrário.[382] Os opostos devem a sua própria existência ao inimigo. Cada um de nós percebe o frio na medida de quanto mais quente é o seu corpo. Um barulho, talvez considerado tênue quando ouvido na algazarra da ágora, pode tornar-se insuportável na calada da noite.

Para entendermos plenamente o pensamento de Anaxágoras, precisamos antes de mais nada entender com clareza o que ele queria dizer com Intelecto. Já salientamos, no começo do parágrafo, que o *Noús* nada tem a ver com Deus, não sendo uma Entidade Criadora mas sim apenas uma substância "material", mesmo com características particularmente apuradas, tais como a pureza, a rarefação e assim por diante. O Intelecto só está presente nas coisas animadas e é responsável pela arrumação do universo assim como ele se apresenta aos nossos olhos. Nada tem a ver, no entanto, com a criação das substâncias primordiais. É chamado "Intelecto" porque, ao contrário do Acaso, sabe o que está fazendo.

As limitadas virtudes do *Noús* de Anaxágoras deixaram um tanto decepcionados os filósofos atenienses, tanto assim que, no *Fedro*,[383] Platão diz textualmente:

> Tendo ouvido um sujeito, que dizia ter lido um livro de Anaxágoras, afirmar ser o Intelecto o Ordenador e a Causa de todas as coisas, regozijei-me com esta explicação e pensei que, sendo assim, o Intelecto iria arrumar tudo dispondo cada coisa da melhor forma possível... Raciocinando deste jeito, na maior felicidade e conforme o meu entendimento, acreditava ter encontrado em Anaxágoras a verdade acerca da causa dos seres, achando que antes de mais nada ele iria revelar-me se a terra é chata ou redonda, para logo a seguir explicar a finalidade e

a necessidade disso... acontece porém que ao seguir em frente com a leitura, percebi que o meu herói não se baseava nem um pouco no Intelecto, ao qual não atribuía de forma alguma a causa no ordenamento das coisas, mas sim recorria, como de costume, ao ar, ao éter, à água e a outras coisas estranhas.

Além de ser chamado de *Noús*, Anaxágoras também foi conhecido como *ho physikótatos*, "o muito físico", devido à sua paixão pelas ciências naturais. Eis aqui a seguir um pequeno mostruário de noções fundamentais da sua física e da sua astronomia:

– Os astros são pedras chamejantes que giram vertiginosamente no céu até que uma repentina desaceleração (do tipo dos satélites que caem da órbita, só para dar um exemplo) faz com que se precipitem na terra (veja o episódio do meteorito do rio Egospótamo).[384]
– "O Sol envia a sua luz para a Lua"[385] que é uma pedra fria.
– A órbita da Lua, que é mais baixa do que a do Sol, determina de vez em quando os eclipses.[386]
– Certo dia um animal chamado Leão de Nemeia caiu da Lua.[387]
– A Lua é habitada e tem montanhas, colinas, precipícios e casas exatamente como aqui na Terra.[388]
– Os ventos são o resultado da rarefação do ar aquecido pelo Sol.[389]
– Os trovões são provocados pelo choque entre as nuvens.
– Os terremotos são estimulados pelo movimento de massas de ar que estão presas nas entranhas da terra.
– Os cometas são planetas em chamas que deixam atrás de si um rastro de faíscas.[390]
– O Sol é maior do que o Peloponeso.[391]

Como podemos ver, em alguns casos o nosso bom Anaxágoras até que acertava em cheio, porém em outros estava redondamente enganado; mas afinal de contas não podemos esquecer em que condições "pesquisavam" estes pobres cientistas do passado: tateavam no escuro, procuravam todos eles adivinhar, confiando em parte naquilo que conseguiam ver a olho nu e deixando o resto por conta da imaginação.

Também Anaxágoras tem uma teoria da evolução. Os primeiros homens nasceram do úmido, para só mais tarde nascerem uns dos outros; os machos do lado direito do útero e as fêmeas do esquerdo.[392] Os seres humanos não demoraram a tornar-se os mais sábios do universo, uma vez que eram os únicos a possuir mãos. Uma intuição realmente genial, que os estudiosos de hoje (principalmente etólogos e paleontólogos) tendem a convalidar, mas que na época provocou muitas críticas. Aristóteles, por exemplo, discordava por completo e comentava: "Segundo Anaxágoras o homem é o mais sábio

entre todos os seres vivos porque tem mãos. No meu entender seria mais conveniente dizer que tem mãos porque é o mais inteligente."[393]

---

350 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 6.
351 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 7.
352 Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, II 5.
353 Amiano Marcelino, *Histórias*, XXII 16, 22.
354 Plínio, *História natural*, II 149-50.
355 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 558, n. 3.
356 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 17.
357 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 12.
358 Tucídides, filho de Melesia, líder do partido aristocrático, a não ser confundido com o Tucídides historiador.
359 Flávio Josefo, *Contra Ápio*, II 265.
360 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 13.
361 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 10.
362 Plutarco, *Vida de Nícia*, 23.
363 Platão, *Apologia de Sócrates*, 26.
364 Plutarco, *Vida de Péricles*, 32.
365 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 563, n. 19.
366 J. Burckhardt, op. cit., vol I, pp. 262-394.
367 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 563, n. 20.
368 Plutarco, *Vida de Péricles*, 32.
369 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 13.
370 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 558, n. 3.
371 Plutarco, *Vida de Péricles*, 16.
372 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 14.
373 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, pp. 564-5, n. 21.
374 Aulo Gélio, *Noites áticas*, XV, 20.
375 Plutarco, *Vida de Péricles*, 7.
376 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 604.
377 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 607.
378 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 569.
379 Lucrécio, *A natureza*, I 810 e seguintes.
380 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 574.
381 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 597.
382 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 593.
383 Platão, *Fedro*, 97 B.
384 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 8, 6.
385 Plutarco, *O rosto no disco da lua*, 16; 929 B.
386 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 8, 9.
387 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 585.
388 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 587.
389 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 8, 11 e seguintes.

390 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, II 9.
391 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 585.
392 Hipólito, *Confutação de todas as heresias*, I 8, 12.
393 Aristóteles, *As partes dos animais*, IV 10 687a 7.

XX
LEUCIPO

Só umas poucas palavras acerca de Leucipo, ainda mais porque dificilmente conseguiríamos dizer mais do que isto. Muito pouco sabemos acerca da data do seu nascimento: prudentemente os historiadores colocam-na entre 490 e 470 a.C. Há alguma discordância também quanto ao lugar onde nasceu:[394] uns afirmam que foi em Mileto, outros em Eleia, ou então em Abdera; há até quem diga que não nasceu em lugar nenhum. Defensor desta tese é nada menos que Epicuro que, embora dizendo ser admirador das teorias atomísticas, afirma que nunca existiu um filósofo chamado Leucipo.[395] Para dizer a verdade, a *boutade* de Epicuro parece-nos um tanto exagerada: Aristóteles, na sua obra *A geração e a corrupção*, menciona-o onze vezes e é bastante improvável que um sujeito meticuloso como ele tenha achado conveniente dissertar acerca de um filósofo imaginário. Em resumo, só para dar uma ideia de quantas opiniões existem sobre o assunto, também há a hipótese de Tannery, segundo a qual Leucipo não passaria de um pseudônimo de Demócrito.

Seja como for, tendo de esboçar um perfil biográfico de Leucipo, decidimos que o filósofo nasceu por volta de 480 e que não deixou a terra natal até a revolta dos aristocratas de 450. Já com mais de trinta anos, como todos os pré-socráticos dignos deste nome, começou a viajar por todos os cantos do mundo.

A sua presença é assinalada em Eleia onde permaneceu apenas o tempo suficiente para destroçar por completo a doutrina de Zeno, e em Abdera, cidade costeira da Trácia, bem no meio do caminho entre a Jônia e a Grécia, onde fundou uma escola filosófica.

O incerto Leucipo teve o azar de ter como discípulo um personagem de peso como Demócrito: a proximidade de um aluno como este apagou a tal ponto a figura do mestre que surgiram dúvidas até sobre a sua própria existência. Basta dizer que Demócrito nunca se dignou a mencioná-lo na

sua obra bastante farta, e que os historiadores, a não ser por umas raras exceções,[396] sempre citam o seu nome junto com o do discípulo, tornando difícil distinguir o pensamento de cada um deles. Um seu ensaio, enfim, o *Grande ordenamento*, foi inserido no *Corpus Democriteum* e acabou tornando-se ele mesmo um escrito de Demócrito.

Dito isto, a nossa intenção neste modesto desfile de filósofos consiste em tentar uma revalorização de Leucipo reconhecendo pelo menos o seu mérito de ter inventado dois conceitos fundamentais na história do pensamento: o vazio e o átomo.

Até aquele momento todos haviam feito de tudo para negar a existência do vazio: Empédocles, com a experiência da mocinha que mergulha na água a vasilha virada para baixo, havia demonstrado que aquela coisa que o populacho chama de "ar" tinha consistência e não correspondia de forma alguma ao vazio.[397] Anaxágoras, por sua vez, ao mostrar um odre cheio de ar, também ilustrava um método prático para tocar com mão na "espessura" do vazio.[398] E, finalmente, Parmênides não só aceitava a inexistência do vazio como ponto pacífico, como também recorria a ela para demonstrar a impossibilidade do movimento: "O Um", dizia, "é imóvel; se pudesse movimentar-se deveria ocupar um espaço vazio, o que é impossível, e portanto o movimento não existe."[399]

No que diz respeito ao átomo, temos de reconhecer que Anaxágoras, com as suas *homeomerias*, chegara muito perto. De qualquer forma, além do fato de os dois filósofos, por serem contemporâneos e morarem em cidades diferentes, dificilmente poderem exercer algum tipo de influência recíproca, a diferença fundamental entre as *homeomerias* de Anaxágoras e os átomos de Leucipo está no fato de elas serem divisíveis ao infinito, enquanto eles, embora extremamente pequenos, eram imaginados como partículas sólidas impossíveis de serem cortados, na prática os últimos corpúsculos em que podia ser dividida a matéria. "Atomo", com efeito, em grego significa justamente "indivisível".

---

394 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 30 e seguintes.
395 Epicuro, *Carta a Euriloco*, em Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, X 13.
396 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 30 e 46 (onde também é mencionada uma observação de Teofrasto).

397 Fr. 100 Diels, 96 Gallavotti.
398 Aristóteles, *O céu*, IV 2 309a 19.
399 Platão, *Teeteto*, 181 e.

XXI
DEMÓCRITO

Demócrito, filho de Egesístrato ou de Atenócrito ou de Damasipo, nasceu em Abdera ou Mileto,[400] numa data incerta entre 472 e 457 a.C. Como sempre, os dados acerca dos filósofos pré-socráticos são um tanto aleatórios: consistem numa vaga lista de datas e nomes não muito confiáveis. Mas afinal, vamos tentar ficar no lugar destes pobres gregos: não dispunham de um verdadeiro calendário e, quando tinham de declarar a data de nascimento davam um jeito mencionando como referência os arcontes no cargo ou os vencedores das Olimpíadas. É mais ou menos como se eu, hoje em dia, dissesse que nasci no ano em que Owens ganhou nos cem metros rasos e casei quando Tambroni era primeiro-ministro: vocês acham que alguém iria se lembrar?

Demócrito era o mais jovem de quatro filhos: tinha dois irmãos, Heródoto e Damaste, e uma irmã da qual desconhecemos o nome.[401] Criado no conforto e na riqueza, quando o pai morreu abriu mão da sua parte dos terrenos e só pediu uma certa quantia em dinheiro vivo. Tratava-se de qualquer forma de uma importância considerável: Diógenes Laércio[402] fala de cem talentos, quer dizer, mais ou menos quinhentos mil euros dos nossos dias. Demócrito aceitou o dinheiro, contrariando qualquer concepção ética, só para realizar um projeto que havia muito tempo acalentado: viajar pelo mundo todo e encontrar o maior número de mestres possível. Eis como Horácio, o grande poeta latino, comenta o gesto do filósofo: “Que maravilha, se o gado porventura entrar nos campos de Demócrito e arruinar a colheita, enquanto ele, esquecido do corpo, vagueia rápido por aí.”[403]

Demócrito foi um viajante incansável: estudou astronomia com os caldeus, teologia com os magos e geometria com os egípcios; visitou a Etiópia, o Mar Vermelho e até a Índia, onde teve a ocasião de conhecer os gimnossofistas.[404] Num fragmento citado por Clemente de Alexandria,[405] ele mesmo diz: “Entre todos os meus contemporâneos eu sou aquele que

visitou a maior parte da Terra, pesquisando as coisas mais estranhas; e vi céus e terras além da conta; e ouvi a maior parte dos homens sábios; e na composição das figuras geométricas, com relativa demonstração, ninguém me superou, nem mesmo os chamados hiperdotados." Nessas suas viagens sempre foi ajudado pelos reis da Pérsia: contam, com efeito, que ao atravessar a Trácia na época da segunda guerra greco-pérsica, o rei Xerxes hospedou-se na casa do pai dele e que, a partir daí, nasceu uma certa forma de protecionismo em relação à sua família.[406]

Obviamente, com todas essas andanças, acabou aparecendo também em Atenas onde, por incrível que pareça, "ninguém o reconheceu".[407] Alguns quiseram ver[408] no rapaz que conversa com Sócrates nos *Rivais* de Platão o jovem Demócrito.[409] Sócrates, de fato, neste diálogo afirma que o filósofo é como um pentatleta, isto é, um homem capaz de triunfar no fim apesar de não ter vencido competição alguma. E Demócrito, justamente, gabava-se de ser um perito em Física, Ética, Ciências Enciclopédicas, Arte e Matemática.

Quando, depois de tanto viajar, voltou à cidade natal, não tinha mais um único tostão no bolso: não teve outra escolha a não ser ir morar com os irmãos na qualidade de parente pobre. Acontece, porém, que devido a uma antiga lei trácia, o governo comunicou-lhe que não seria enterrado na pátria por ter ele dissipado todas as riquezas paternas. Diante disso, para não ser jogado ao mar depois de morto, Demócrito leu em público um dos seus livros, o *Grande ordenamento*, e os habitantes de Abdera, ofuscados por tamanha ciência, não só garantiram-lhe um enterro digno, como também devolveram-lhe os cem talentos.[410]

Personagem estranho, esse Demócrito: alguns consideravam-no um boa-praça, sempre pronto a rir e a brincar, outros no entanto julgavam-no um estudioso esquivo que gostava de ficar sozinho. Provavelmente era ambas as coisas: não deve ter sido por acaso que o apelidaram ao mesmo tempo "O gozador" e "A Sabedoria".[411] A sua risada espalhafatosa era tão conhecida na Grécia que várias vezes foi motivo de críticas nos ambientes intelectuais de Atenas. Diziam dele: "É de Abdera, onde normalmente nascem os idiotas."[412] Quem mais teve de aguentar o espírito sarcástico de Demócrito foi Anaxágoras. O filósofo de Abdera nunca se cansou de escarnecê-lo devido à sua teoria do Intelecto e acusou-o de ter-se apropriado de algumas das antigas doutrinas sobre o Sol e a Lua.[413] Parece contudo que toda esta antipatia de Demócrito devia-se ao fato de ter sido

pessoalmente barrado por Anaxágoras no dia em que pediu para ser admitido na escola de Atenas.[414]

A tendência, digamos assim, para a introversão manifestou-se em Demócrito desde os primeiros anos da adolescência: ainda era quase uma criança quando construiu para si mesmo um barraco de madeira nos fundos do quintal, uma espécie de refúgio onde gostava de esconder-se dos olhares dos demais. Também conta-se que em idade mais madura, sempre para poder dar mais espaço à imaginação, costumava passar longos períodos de tempo na solidão do deserto ou entre os túmulos dos cemitérios.[415]

As experiências adquiridas no Oriente proporcionaram-lhe particulares faculdades divinatórias: sem contarmos as previsões de fenômenos naturais, às quais todos os filósofos já se dedicavam, Demócrito conseguiu amiúde deixar os amigos espantados com algumas intuições bastante estranhas: contam, por exemplo, que certo dia, ao tomar um copo de leite, disse: “Este leite foi ordenhado de uma ovelha preta, nascida de um primeiro parto”[416] e que a coisa foi logo a seguir comprovada. Em outra ocasião parece que cumprimentou uma amiga de Hipócrates dizendo-lhe “bom-dia, mocinha”, para então saudá-la com um “bom-dia, mulher” no dia seguinte: a jovem, com efeito, tinha tido a sua primeira relação sexual justamente naquela noite.[417] Os historiadores nada dizem a respeito do nome do parceiro: se porventura fosse Hipócrates, permaneceria no ar uma certa suspeita acerca da intuição de Demócrito, pois seria justificado atribuí-la mais a uma confidência do amigo do que a um fenômeno de tipo parapsicológico.

Certo dia, não sabendo como consolar o grande Dario que lastimava a morte da mulher, Demócrito disse-lhe: “Consiga-me todas as coisas que escrevi neste papel e eu lhe garanto que irei ressuscitá-la.” O rei não perdeu tempo e começou logo a juntar o que o filósofo tinha pedido, mas não conseguiu satisfazer o seu último pedido, isto é, gravar na laje tumular da rainha o nome de três homens que nunca haviam sofrido na vida. Demócrito então disse: “Ó homem desajuizado, estás a chorar como se fosses o único no mundo a sentir dor por essa perda!”[418]

A lenda conta que Demócrito, quando já estava velho, decidiu espontaneamente ficar cego expondo os olhos aos raios do sol refletidos num escudo prateado: não queria que “a vista do corpo atrapalhasse a vista da sua alma”.[419] Segundo Tertuliano, no entanto, o velho gozador cegou-se para não ver mais as mulheres bonitas, uma vez que já não tinha condição

de amá-las.[420] Seja como for, como testemunho do fato chegou até nós uma poesia de Labério Décimo:[421]

> *Demócrito de Abdera, filósofo físico,*
> *virou um escudo para o lado onde nasce o sol*
> *para cegar sua vista com o fulgor do céu,*
> *e apagar com os raios brilhantes a luz dos seus olhos.*

Certa vez escrevera num livro: “Muitas vezes viver longamente não é um longo viver mas sim um longo morrer.”[422] E de fato, já com mais de cem anos decidiu matar-se comendo progressivamente porções de comida cada vez menores até não comer mais coisa alguma. Estava ficando completamente sem forças quando a irmã, ela também centenária, queixou-se dizendo que, se ele morresse, o luto forçá-la-ia a não participar dos festejos Tesmofórios. O filósofo então, com paciente resignação, pediu que lhe trouxessem uns pães quentes e encostou-os no rosto. Sobreviveu mais três dias e aí perguntou à irmã: “Os festejos já acabaram?” Ela respondeu que sim, e ele finalmente fechou os olhos para sempre.[423]

Diógenes Laércio dedica-lhe estes versos:[424]

> *por três dias manteve a morte ao seu lado*
> *oferecendo-lhe apenas o cheiro quente dos pães.*

A sua fama espalhou-se por todo o mundo civilizado. Até Tímon de Flionte falou bem dele.[425] Platão, por sua vez, nunca deixou de ser o seu único formidável detrator: recusou-se constantemente a mencioná-lo e fez de tudo para que os seus livros fossem queimados. Só não conseguiu realizar os seus planos por um motivo: os escritos de Demócrito estavam espalhados por toda parte e por toda parte eram apreciados.[426]

A doutrina de Demócrito é muito simples; mais complicadas, talvez, sejam as perguntas às quais o filósofo evita dar uma resposta, mas vamos examinar uma coisa de cada vez.

A realidade é constituída pelos átomos e pelo vazio:[427] os átomos são corpúsculos infinitos quanto ao número, absolutamente compactos, e portanto indivisíveis, iguais na qualidade mas diferentes no que diz respeito à forma geométrica e ao tamanho; o vazio, por sua vez, é simplesmente o vazio, isto é, o “não algo” (*oudén*) que existe do mesmo jeito que existe o

“algo” (*dén*).[428] Querendo usar termos ainda mais elementares, o mundo seria formado por pedacinhos de matéria, extremamente duros, com o formato de bolinhas, pequenos cubos, dodecaedros e assim por diante, que se movimentam dentro de um espaço físico feito de nada. Estes pedacinhos, chamados átomos, às vezes grudam uns nos outros e às vezes se separam.[429]

Uma vez aceita esta descrição do mundo que nos cerca, uma pergunta surge espontânea na nossa mente: quem fez os átomos e o vazio, quem faz com que os átomos se movimentem, quem lhes deu o primeiro empurrão, quem os gruda e separa? E é aí que Demócrito já fica menos convincente: os átomos são infinitos e existem desde sempre,[430] assim como desde sempre eles se movimentam no vazio; giram em turbilhões (*dínos*) e vez por outra se chocam. Os ricochetes (*apopàllesthai*), as sacudidas (*palmós*), as roçaduras (*epíspasis*) e os contragolpes (*sunkroúesthai*) originam formações de agrupamentos que acabam sendo os objetos que nos cercam. A doutrina de Empédocles, pela qual os responsáveis pelas uniões e separações seriam o Amor e a Discórdia, não deixa Demócrito nem um pouco satisfeito: ele é um materialista sério, acha que conceitos como Amor e Discórdia cheiram demais a mitologia, e aí tanto faz voltar logo para Zeus e Saturno que, além do mais, são mais divertidos.

A teoria física e cosmológica de Demócrito, afinal de contas, resume-se nisso. Devemos reconhecer logo que ela parece facilmente criticável. Admitindo-se que os átomos estão em movimento “desde sempre” segundo percursos circulares, há duas hipóteses: ou suas trajetórias são paralelas, e então não dá para entender como se deu o primeiro choque (não sendo possível aceitar a hipótese de invasão de pista, deveria tratar-se então de uma batida por trás!), ou as trajetórias não são paralelas e os choques aconteceram desde o primeiro instante. Mas de que instante estamos falando, se acabamos de dizer que os átomos se movimentam “desde sempre”?

Epicuro, apreciador de Demócrito e atomista convicto, tentaria mais tarde remendar a história recorrendo à hipótese[431] de que os átomos, por serem diferentes no tamanho, também deviam sê-lo quanto ao peso, e que esta diferença seria responsável por uma inclinação[432] nos seus percursos. Sentimos muito, querido Epicuro, mas as nossas dúvidas continuam sendo as mesmas.

Na filosofia atomista não há lugar para qualquer outra coisa que não seja o cheio e o vazio: até mesmo a alma, o pensamento e as sensações são feitos de matéria. Os átomos da alma são mais redondos, mais lisos e móveis do que os do corpo. O homem vive até o momento em que consegue, com a respiração, equilibrar os átomos do ar com os da alma. As sensações acontecem da seguinte forma: todo objeto emana um eflúvio material, embora invisível, chamado *éidolon*, que se choca com o ar à sua volta e que, depois de uma série de choques em cadeia, impressiona os átomos dos sentidos que, por sua vez, repassam o choque aos átomos do pensamento.[433] Como podemos ver, tudo acontece através de contatos físicos. O conhecimento é um fato subjetivo na medida em que depende do meio que envolve o sujeito e da capacidade do mesmo como receptor. Se Demócrito tivesse tido a chance de usar uma Polaroid, poderia ter mostrado a todo o mundo como é feito um *éidelon*.

A diferença fundamental entre os átomos de Demócrito e as *homeomerias* de Anaxágoras está na divisibilidade da matéria: trata-se em ambos os casos de partículas muito pequenas, mas enquanto o átomo é um pedaço de matéria extremamente duro, inquebrável e inatingível do exterior, a *homeomeria*, pelo menos teoricamente, pode ser subdividida ao infinito. Levando adiante a lógica de Anaxágoras, numa molécula do nosso corpo poderia haver bilhões e mais bilhões de outros mundos, quem sabe até mesmo habitados, e ninguém poderá jamais demonstrar o contrário uma vez que estamos igualmente longe tanto das galáxias do espaço quanto do infinitamente pequeno que está dentro de nós. Pode até parecer estranho, mas o mistério do vazio ainda não foi resolvido: nada existe, na natureza, que possa ser considerado completamente vazio; na melhor das hipóteses deparamo-nos com espaços atravessados por ondas luminosas. Demócrito afirmava que, se conseguimos cortar uma maçã, é porque a lâmina penetra entre os vazios existentes na matéria. Pois bem, hoje em dia já não podemos recorrer a este raciocínio uma vez que, a partir de Einstein, perdemos a noção de espaço e matéria. Sabemos muito bem que se trata de um conceito bastante díficil, e pedimos humildemente que o leitor nos perdoe, mas depois da teoria da relatividade é como se o espaço se tivesse casado com o tempo formando um casal indissolúvel. Já não podemos, portanto, falar de objetos materiais separados e autônomos, mas sim de eventos, e não faz sentido falar de “um espaço entre dois pontos”, pois é mais correto falar de

um “intervalo entre dois eventos”. “O que constitui o *material* do mundo são os eventos, e cada um deles tem duração muito breve. Deste ponto de vista, a física moderna está do lado de Heráclito e contra Parmênides.”[434]

De certa forma Demócrito tentou combinar as duas linhas filosóficas que haviam marcado o seu século. De um lado havia os partidários do ser, e do outro os do devenir: para os primeiros o Um era algo imóvel, eterno e indivisível; para os segundos nada existia no mundo que pudesse ficar parado e até comparado consigo mesmo no momento seguinte. O que fazer? Para conciliar as duas posições Demócrito inventou a teoria atomística. Concedeu a Parmênides o átomo, isto é, o ser imutável, eterno, indivisível e desprovido de vazio dentro de si, para que o pensador de Eleia pudesse encontrar nele todas as prerrogativas do Um exceto a imobilidade; e ofereceu ao mesmo tempo a Heráclito o vazio, isto é, um espaço físico no qual os átomos pudessem mexer-se à vontade e onde a matéria pudesse agregar-se e desfazer-se num contínuo devenir.

Quem não gostou nem um pouco da ideia foram os filósofos que se seguiram: Sócrates, Platão e Aristóteles eram pessoas incansavelmente à cata de alguém que pudesse dar uma luz sobre a primeira causa e o escopo final. Para eles era como se Demócrito tivesse narrado o enredo de uma peça pulando a primeira e a última cenas. E finalmente de nada adiantaria ajudar o filósofo de Abdera sugerindo que os átomos teriam sido impulsionados por um Criador: Demócrito, como materialista convicto, iria logo perguntar: “E quem criou o Criador?” A verdade é que a filosofia, neste seu tortuoso caminho entre Ciência e Religião, chegou com os atomistas a um extremo do seu percurso: um ponto todo feito de Ciência e totalmente desprovido de Religião.

---

400 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 34.
401 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 668.
402 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 36.
403 Horácio, *Epístola*, I 12, 12.
404 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 35.
405 Clemente de Alexandria, *Estrômata*, I 15, 69.
406 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 34.
407 Cícero, *Tusculanae disputationes*, V 36, 104.
408 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 37.

409 Platão, *Os rivais*, 136a.
410 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 39-40.
411 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 668.
412 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 697.
413 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 34.
414 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 35.
415 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 38.
416 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 42.
417 D. Lypourlis, *Hippocrate dans une tradition populaire de Cos*, "Hellenika" 23, 1970, pp. 109-14.
418 Juliano, *Epístola*, 201.
419 Cícero, *Tusculanae disputationes*, V 39, 114.
420 Tertuliano, *Apologeticum*, 46.
421 Aulo Gélio, *Noites áticas*, X 17.
422 Porfírio, *A abstinência*, IV 21.
423 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 43.
424 Diógenes Laércio, loc. cit.
425 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 40.
426 J. Bollack, *Un silence de Platon*, "Revue de Philologie" 41, 1967, pp. 242-6.
427 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 681.
428 Em grego, *dén* é o ser, e *oudén* quer dizer "não ser", isto é, o "nada".
429 Cícero, *De finibus*, I 6, 17.
430 Plutarco, *Estrômata*, 7.
431 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, pp. 692-3.
432 *Parénklisis* segundo a terminologia de Epicuro, *clinamen* segundo a de Lucrécio.
433 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, pp. 715-27.
434 B. Russell, op. cit., vol. I, p. 87.

XXII
OS SOFISTAS

A advocacia, como profissão, foi inventada pelos gregos lá pelo fim do século V a.C. Ao contrário do fogo e da penicilina, a descoberta aconteceu por etapas sucessivas. Vejamos então como este processo desenvolveu-se.

Atenas, durante os períodos de paz, era uma cidade extremamente aborrecida: o trabalho cabia aos escravos e aqueles que tinham tido a sorte de nascer cidadãos atenienses não sabiam como aproveitar as horas de lazer. Devia ser um problema chegar até o fim do dia. Num contexto como esse é fácil imaginar o sucesso que deviam ter as brigas e demais contendas judiciárias: seria mais ou menos como se hoje em dia só houvesse Perry Mason na televisão.

Até Péricles assumir o poder, nos tribunais gregos ninguém podia ser defendido por um advogado: cada um devia ir lá e defender com suas próprias palavras o seu caso, não importando qual fosse o seu papel no processo. Quer dizer, acusando ou se defendendo, pior para ele se não tivesse o dom da palavra fluente.

O júri, chamado *Eliea*,[435] era formado por pessoas do povo: homens acima de qualquer suspeita que, no entanto, não sendo magistrados profissionais, eram infelizmente conquistados mais pela habilidade das partes do que pela validade dos argumentos, o que fazia com que os espertos acabassem quase sempre levando a melhor sobre os desprevenidos.

O primeiro a aproveitar-se das dificuldades em que se enredavam os camponeses envolvidos em problemas judiciais foi um certo Antifonte Ateniense. Tratava-se de um exilado político que, para sobreviver, tinha aberto uma “loja de consolos”, isto é, um consultório onde se gabava de poder aliviar qualquer sofrimento psíquico com o mero poder da palavra. Depois de exercer durante alguns anos a profissão de aliviador, Antifonte achou por bem escrever uma série de alocuções e libelos para qualquer um que tivesse de enfrentar a justiça. Os textos por ele elaborados eram tão

eficazes que dentro em breve tornou-se famoso por toda a Ática merecendo o apelido de “cozinheiro dos discursos”.[436] Na conta que apresentava aos clientes estava incluída uma aula de retórica durante a qual pretendia que a oração fosse aprendida de cor, ainda mais porque, sendo a sua clientela formada quase exclusivamente por analfabetos, esta era a única maneira de entregar a mercadoria.

Antifonte e os outros da mesma espécie foram chamados de *logógrafos*: eles preparavam por encomenda discursos políticos, elogios fúnebres e orações contra ou a favor de qualquer coisa. Em alguns processos, fingindo ser parentes ou amigos dos indiciados, conseguiam até testemunhar a favor dos seus clientes. Só levou uns poucos anos para a função social deles se tornar tão imprescindível que foram legalmente reconhecidos pelos tribunais. Quem praticava este ofício de *retórico*, isto é, orador pago, eram os sofistas: uns sujeitos particularmente acostumados a falar em público.

No começo a palavra “sofista” nada tinha de depreciativo; a raiz “sof”, aliás (de “sofia”, sabedoria), servia a indicar o perito e “ser sofista” significava “possuir um conhecimento profundo num campo particular do saber” (aquilo que hoje, em termos técnicos, seria definido como “ter o *know how*”).

Mais tarde, no entanto, os filósofos e os intelectuais em geral ressentiram-se com o fato de alguém vender de forma tão mercenária os frutos da mente e reagiram abertamente contra aquilo que eles achavam uma verdadeira vergonha. Xenofonte, nos *Memoráveis*, diz textualmente:[437] “São chamados sofistas alguns homens que se prostituem e vendem a qualquer um a própria sabedoria em troca de dinheiro: falam para enganar e escrevem visando ao lucro, sem benefício algum para ninguém.” Platão, para não ficar atrás, faz humilhar nos diálogos por um Sócrates ainda mais sofista do que os próprios.

Para piorar as coisas entre os sofistas e os filósofos também havia a maneira diferente com que encaravam a profissão: os filósofos, digamos assim, tradicionais, costumavam frequentar uma escola com suas regras e doutrinas enquanto os sofistas operavam na praça como profissionais liberais alheios a qualquer linha definida de pensamento. Trata-se de uma diferença fundamental pois as escolas gregas de filosofia eram como confrarias dentro das quais os alunos não só estudavam como também professavam uma fé; para eles, portanto, os sofistas nada mais eram do que

indivíduos sem escrúpulos e sem ideais. E jamais passou pela cabeça de ninguém que os sofistas talvez acreditassem numa única verdade, na não existência da verdade.

Apesar do boicote da *intelligentsia*, os sofistas tornaram-se cada vez mais populares, alcançando em alguns casos a fama dos campeões olímpicos: cada um deles tinha o seu próprio estilo oratório ou pelo menos alguma coisa que o distinguia dos demais. Hípias de Elide, por exemplo, costumava vestir roupas e adornos feitos por ele mesmo:[438] até mesmo as sandálias e a pedra gravada do anel eram obra dele; além disso, mesmo já estando com mais de oitenta anos, tinha uma memória espantosa: contam que era capaz de repetir uma sequência de cinquenta nomes após ouvi-los uma única vez.[439] Isócrates tinha mais de cem discípulos e cada um deles pagava mil dracmas, desde que não fosse ateniense, pois neste caso o curso era de graça.[440] Górgias de Leontinos podia improvisar em cima da hora uma oração sobre qualquer assunto que lhe fosse proposto.[441] Antifonte escreveu nada menos do que quatro discursos para o mesmo processo: um a favor e um contra a acusação, um a favor e um contra a defesa.[442] Pródicos de Ceos, quando percebia que os seus ouvintes estavam ficando com sono, costumava berrar: “Ouvi, ouvi: estou a ponto de contar-vos uma coisa que vai vos custar cinquenta dracmas!”.[443] Protágoras de Abdera respondeu assim a um poeta que o insultava na rua: “Prefiro ouvir as tuas injúrias antes que os teus poemas.”[444] Lísias, talvez o melhor deles todos, era conhecido pela extrema simplicidade da linguagem. Vejam como ele termina a sua oração *Contra Eratóstenes*: “Cheguei ao fim da acusação. Vós vistes, ouvistes, e a vós cabe a decisão. Dai agora o vosso veredicto.”[445] Ipérides, mais ardiloso, confiava na comoção do júri. Na alocução *Em defesa de Euxenipo* termina dizendo: “Fiz o que estava ao meu alcance para ajudá-lo. Agora só nos resta suplicar aos juízes, chamar os amigos e mandar vir as crianças.”[446] O político Cléon ficava andando de um lado para o outro do tribunal, jogava teatralmente o manto no chão e dava ruidosos tapas em suas coxas.[447]

O gênero em que os sofistas puderam realmente se esbaldar, no entanto, foi o discurso epidíctico: uma arte que não tinha outra finalidade a não ser ostentar aparatosamente a eloquência dos oradores. Em Atenas havia verdadeiras competições de epidíctica: desafios entre sofistas, concursos para futuros retores e até mesmo um festival de elogios funerários (só para

satisfazer a curiosidade dos apreciadores mais mórbidos vamos lembrar que o falecido escolhido para a ocasião foi um tal de Mausolo).[448] Entre as perorações que passaram para a história não podemos esquecer *O elogio da mosca* de Luciano e principalmente *O elogio de Helena* de Górgias de Leontinos, em que o sofista demonstra que a pobre mulher não tinha a menor culpa por aquilo que acontecera entre gregos e troianos. Havia três hipóteses, afirmava Górgias, ou o destino de Troia já havia sido traçado pelo Fado e pelos Deuses, e então era culpa deles, ou foi raptada contra a sua vontade, e então ela era apenas uma vítima de Páris, ou foi convencida pelas palavras, e "neste caso, sabei, ó atenienses, que nada há no mundo mais terrível do que a palavra: ela é um poderoso soberano pois com um ataque furtivo e completamente invisível consegue levar a cabo obras profundamente divinas".[449]

Também pertenceram ao gênero epidíctico as *antilogias* ou "discursos das razões duplas". Num primeiro momento o sofista defendia uma tese, para então demonstrar, logo a seguir e com argumentos igualmente irrefutáveis, exatamente o contrário. Contam que certo dia um mestre desta arte foi exibir-se em Roma. No fim da sua primeira intervenção foi calorosamente aplaudido pelo público, mas quando começou a defender a tese oposta mal conseguiu safar-se de uma solene pancadaria. Os romanos ainda eram um povo simplório e de pouca conversa: não estavam absolutamente preparados para estes requintes gregos.

---

435 J. Burckhardt, op. cit., vol. II, p. 42.
436 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 982.
437 Xenofonte, *Memoráveis*, I 1, 11.
438 Platão, *Hípias menor*, 368b.
439 Filóstrato, *Vidas dos sofistas*, I 11, 1.
440 Veja *Vitarum scriptores Graeci minores*, aos cuidados de A. Westermann, Brunswick, 1845, pp. 254-5.
441 Filóstrato, *Vidas dos sofistas*, I 1, 8.
442 Veja R. Cantarella, *La letteratura greca classica*, Florença, 1967, p. 444.
443 Aristóteles, *Retórica*, III 14 1415b 12.
444 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 888.
445 Lísias XIV 40.
446 Plínio, *Epistulae*, II 11.
447 Plutarco, *Vida de Nícia*, 8.
448 J. Burckhardt, op. cit., vol. II, p. 49.

449 Górgias, *Elogio de Helena*, 11, 8.

XXIII
PROTÁGORAS

Protágoras, conhecido como “o Raciocínio”,[450] filho de Artêmon ou de Meândrio, nasceu em Abdera por volta de 480 a.C.[451]

Criado numa família pobre, para conseguir o pão de cada dia teve de carregar mercadorias para os comerciantes do lugar. Certo dia Demócrito, ao vê-lo trabalhar, ficou admirado com a engenhosidade com que o rapaz arrumara uma grande carga de madeira nas costas de uma mula. “Quem consegue sair-se tão bem diante de um problema desses” pensou o atomista, “deve ter um pendor natural para o raciocínio filosófico” e, sem mais demora, ofereceu ao jovem uma vaga na sua escola.[452]

O rapaz tornou-se muito em breve um habilidoso falador. Depois de um período passado na cidade natal, durante o qual teve o cargo de leitor público, vamos encontrá-lo de novo em Atenas, já como mestre de eloquência. Filóstrato diz que foi o primeiro a exigir cem minas por um curso de oratória e “a introduzir entre os gregos este costume, coisa aliás nem um pouco lastimável, pois nós todos levamos muito mais a sério o que custa caro do que aquilo que é de graça”.[453]

Seja como for, Protágoras devia de fato cobrar muito dinheiro: um seu discípulo, um certo Evatlo, escandalizado com os mil denários que lhe foram pedidos no fim do curso, tentou não pagar com a desculpa de que a quantia combinada dependia do primeiro sucesso por ele obtido no tribunal. Protágoras nem vacilou e respondeu: “Meu caro Evatlo, tu já não tens escapatória, pois entrarei imediatamente em juízo contra ti: se os magistrados acharem que estás errado terás de pagar por ter perdido, e se eles acharem que estás certo terás de pagar por ter ganho.”[454]

Um tipo tão manhoso não podia certamente cair nas graças dos filósofos atenienses: todo o mundo falava mal dele. Na origem desta rejeição, no entanto, também devia haver alguma inveja pela vultosa fortuna por ele acumulada em pouco tempo. Éupolis, o comediógrafo, chama-o de “ímpio

atravessador das coisas do céu”[455] e Platão, num diálogo, [456] faz Sócrates dizer: “Conheço um homem, Protágoras, que ganhou sozinho com a sua ciência mais dinheiro do que Fídias e mais dez outros escultores juntos com suas lindas estátuas.”

Exerceu a profissão por uns quarenta anos e escreveu uma dúzia de livros entre os quais duas coletâneas de antologias e um ensaio sobre o sentimento religioso intitulado *Dos Deuses*, que ele mesmo quis ler certo dia na casa de Eurípides.[457]

Ao chegar à velhice, já com 70 anos, a sua sorte mudou: os atenienses levaram-no aos tribunais por ele ter escrito esta frase: “Não tenho possibilidade alguma de conhecer algo acerca dos Deuses, nem de saber se existem ou não existem. Muitos são os empecilhos que impedem este conhecimento, seja a dificuldade do assunto, seja a curta duração da vida humana.”[458] O seu acusador chamava-se Pitodoro e era um dos Quatrocentos que haviam derrubado o regime democrático em Atenas.[459] Para não tomar a cicuta e ter o mesmo fim de Sócrates, Protágoras fugiu da Grécia e morreu enquanto estava sendo perseguido pelas trirremes atenienses, naufragando com o seu barco perto das costas da Sicília.[460] Os seus livros foram queimados na praça do mercado depois de as casas de Atenas terem sido vasculhadas com o maior cuidado para se descobrirem todos os exemplares existentes na cidade.[461] O poeta Tímon Fliásio dedicou-lhe estes versos:[462]

Ao príncipe de todos os sofistas, de antes e depois,
de voz sonora, de versátil e aguçado engenho, ó Protágoras.
Transformar quiseram os teus escritos em cinza, porque
admitiste não conhecer nem compreender
os Deuses, quem são, como e quais são,
mantendo com cuidado o mais imparcial julgamento.
Não foi bastante e a fuga tentaste para não tomar também
a fria bebida de Sócrates e descer ao reino de Hades

Toda a filosofia de Protágoras está resumida nesta frase:[463]

O homem é a medida de todas as coisas:
daquelas que são, pelo que elas são,
e das que não são, pelo que elas não são.

A interpretação destas palavras continua sendo debatida pelos historiadores da filosofia.

Fica no ar a pergunta: quem é o homem ao qual Protágoras alude? É um homem qualquer, um fulano, um sicrano, um beltrano da vida? Ou o Homem em geral, aquele com o H maiúsculo que resume em si mesmo a opinião média da categoria dos homens? O esclarecimento deste conceito é fundamental pois condiciona o nosso julgamento sobre o filósofo.

Faço questão de deixar logo bem claro que sou a favor da primeira hipótese. Aquele homem do qual Protágoras fala sou eu, Luciano De Crescenzo, filho dos finados Eugenio e Giulia Panetta, com todos os defeitos e qualidades que me caracterizam. Aquilo que conheço não é uma realidade objetiva igual para todos, mas sim algo que só assume um significado preciso quando eu o percebo, e obviamente este significado muda com o mudar das minhas opiniões.

O relativismo expressado pela frase de Protágoras abrange tanto o campo do conhecimento quanto o da ética.

Uma vez que a mesma laranjada pode parecer doce para um homem saudável e amarga para um doente, o sofista pergunta a si mesmo: “É doce ou amarga, afinal, esta laranjada?” É ambas as coisas, justamente por serem duas as pessoas que a experimentaram. Nenhuma das duas opiniões é “mais verdadeira” do que a outra, no máximo poderíamos achar a definição “doce” preferível à “amarga” simplesmente porque a condição de “homem saudável” é mais frequente do que a de “homem doente”. Resumindo: o valor das coisas varia de pessoa para pessoa e, para o mesmo indivíduo, de um momento para outro.

Até aqui todo o mundo concorda; as dores de cabeça sérias começam quando nos embrenhamos no emaranhado da ética comum: será que, objetivamente, existe um Bem e um Mal, ou será que estes Bem e Mal dependem da avaliação de cada um de nós? Aí que está o problema.

Até a época dos sofistas as opiniões dos antigos eram bastante claras: todas as ações eram consideradas brancas ou pretas sem qualquer hesitação. No Oriente próximo dominava uma religião, a de Zaratustra, para a qual o Bem e o Mal dividiam entre si o mundo sem meios-termos. O maior mérito dos sofistas talvez tenha sido justamente inventar o Cinzento como zona intermediária entre os dois extremos, e suscitar a dúvida como estímulo para nunca parar de procurar conhecer o outro lado da moeda, qualquer que

seja o assunto. Protágoras pode ser considerado o pai do ceticismo e o avô de Popper.

Alguém poderia objetar que é muito cômodo “bancar o sofista”: eu decido, por exemplo, que é Bom roubar, matar e prevaricar, e depois disto faço tudo aquilo que me der na veneta com a certeza de não entrar em conflito com o meu código pessoal. “Tudo bem”, responderia Protágoras, “sem problemas, desde que você realmente consiga.” O negócio é que não é nada fácil convencer a própria consciência de que roubar e matar se identificam com o Bem. E a partir daí temos de definir como a moral comum pode condicionar o relativismo de Protágoras. Concordamos que somos os juízes de nós mesmos, mas também não podemos esquecer que o nosso julgamento sofre a influência da moral dos demais.

Para os defensores do Homem, aquele com H maiúsculo, Protágoras diria que o Bem se identifica com o Bem do homem em geral e portanto com o Bem da coletividade. Pode ser que Protágoras tenha de fato dito uma frase como esta, mas na certa, se realmente disse, não acreditava nela: não combinava com a sua maneira de pensar. Quem sabe, talvez no tribunal tenha afirmado alguma coisa no gênero por medo de Crítias (um ex-sofista que, ao tornar-se um dos trinta tiranos, acabou assumindo o papel de acérrimo perseguidor dos seus antigos colegas), mas na hora de ir embora, como Galileu, deve ter murmurado com seus botões “esta coisa de homem em geral não existe!”

Quanto a nós, amparados pelas suas palavras, podemos interpretá-lo como melhor nos agradar. Estamos convencidos de sermos a medida de todas as coisas, daquelas que são e daquelas que não são. Para termos disto uma ideia bastante clara, é só pedir um relato do jogo Torino-Juventus[464] para um torcedor de cada um dos times: na mais absoluta boa-fé, cada um deles contará o “seu” jogo, ignorando as faltas, as várias infelicidades e os vistosos erros do juiz mencionados pelo outro, e isto simplesmente porque não “quis ver” os eventos para ele desfavoráveis. Qual será então a verdade? Todas e nenhuma, como dizia Pirandello. A realidade é aquela que inventamos para nós mesmos o tempo todo. Se a nossa labuta diária parece-nos enfadonha, lemos então o horóscopo e ficamos esperando por um futuro melhor. Se a nossa mulher nos abandona, tentamos convencer a nós mesmos de que ela teve de viajar ao exterior a negócios. Se a Itália tem uma dívida de cem bilhões de euros, fazemos de conta que a notícia nada tem a

ver conosco e seguimos tocando o barco como antes, convencidos de que a crise econômica sempre existiu e nunca nos atropelou.

---

450 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 877.
451 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 50.
452 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 53.
453 Filóstrato, *Vidas dos sofistas*, I 3, 4.
454 Quintiliano, *Institutio oratoria*, III 1, 12.
455 Eustácio, *Comentários da Odisseia*, 1546, 53.
456 Platão, *Mênon*, 91d.
457 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 54.
458 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 894.
459 Aristóteles, fr. 67 Rose.
460 Filóstrato, *Vidas dos sofistas*, I 10, 3.
461 Diógenes Laércio, *Vidas dos filósofos*, IX 52.
462 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 881.
463 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, p. 891.
464 Algo como o Fla-Flu no Rio, ou Palmeiras-Corinthians em São Paulo. (N. do T.)

XXIV
GÓRGIAS DE LEONTINOS

Górgias nasceu entre 480 e 475 a.C. em Leontinos (atualmente Lentini, nos arredores de Siracusa). Dos seus primeiros cinquenta anos de vida só sabemos que o pai se chamava Carmantida e que o irmão Heródico era médico.[465] Quanto ao resto, presume-se que tenha conhecido Empédocles e que tenha sido seu discípulo. Quem fornece as primeiras informações seguras é Diodoro[466] que nos conta de uma embaixada enviada pelos leontineses a Atenas (em 427) a fim de conseguir uma ajuda militar contra o exorbitante poder de Siracusa. Chefe da missão: Górgias.

O sofista apresentou-se na ágora de Atenas vestindo um traje purpúreo:[467] estava acompanhado de outro orador, Tísias, ele também de Leontinos. Os dois embaixadores alternaram-se no pódio despertando a admiração da multidão: nunca, até então, os atenienses tinham ouvido oradores tão fascinantes![468] Nas palavras de Filóstrato,[469] Górgias possuía "veemência oratória, audácia inovadora, gesto inspirado, tom sublime, pausas de efeito, retomadas improvisadas, expressões poéticas e gosto pelo rebuscado". Pena que na época não houvesse gravadores: poderíamos saber que diabos queria dizer Suidas ao mencionar Górgias definindo-o como "inventor da retórica, do uso dos tropos, das hipálages, dos hipérbatos, das catacreses, anadiploses e epanalepses".[470]

Górgias tornou-se rapidamente um astro: exibia-se nos teatros e gritava para o público: "Escolhei um assunto."[471] Isócrates afirma que foi o sofista que ganhou mais dinheiro;[472] ficou tão rico que certo dia, para agradecer a Apolo, presenteou o oráculo de Delfos com uma estátua de ouro, de tamanho natural, que representava a si mesmo.[473] Foi convidado a ir para a Tessália pelo tirano Jasão e a partir de então a arte da retórica ficou conhecida pelos tessálios como "a arte de Górgias".[474]

Parece que se casou quando já estava na maturidade, e que teve bastantes problemas com a mulher devido a um caso extraconjugal com uma

criada.[475] Um certo Menâncio, com efeito, escarnece-o dizendo: “Logo ele que dá conselhos sobre a concórdia, nem conseguiu harmonizar a si mesmo com mulher e a criada, que são apenas três.”

A sua obra principal intitula-se *Sobre aquilo que não é, isto é, sobre a natureza*. Igualmente famosas são as orações entre as quais o já mencionado *Elogio de Helena*, a *Apologia de Palamedes*, a *Oração pítica*, a *olímpica* e a *fúnebre*.

Viveu até os 108 anos. A quem lhe perguntava como havia conseguido chegar a esta idade respondia: “Desistindo do prazer.” Talvez pudesse viver ainda mais, se for verdade que matou-se renunciando à comida.[476] Quando a hora fatal chegou não resistiu à tentação e disparou uma frase de efeito: “Eis o sono que começa a entregar-me à sua irmã.”[477]

Certo dia uma andorinha soltou um excremento que foi cair bem na cabeça de Górgias. O sofista levantou os olhos com ar severo e repreendeu o pássaro exclamando: “Tu deverias envergonhar-te, Filomela!”[478] Quem nos conta a anedota é Aristóteles[479] que recorre a ela para criticar o uso impróprio da metáfora no discurso. Górgias de Leontinos, diz o monstro sagrado, “neste caso erra duas vezes: a primeira quando esbraveja contra uma mulher falecida, pois nunca devemos deixar-nos arrastar para o trágico ou o cômico, e a segunda quando finge ignorar que quem se aliviou ao ar livre não foi a mulher de Tereu mas sim apenas uma pobre andorinha”. Nem é preciso dizer que Aristóteles não tinha o menor senso de humor, e que tampouco tinha uma particular simpatia pelos sofistas; podemos constatar, com efeito, que não se limita a criticar Górgias no episódio da andorinha: chega aliás a duvidar da própria existência do filósofo. Já disse e nunca me cansarei de repetir: naquela época ter como inimigos Platão e Aristóteles (na prática, os dois poderosos da filosofia grega) era o mesmo que ter o próprio nome riscado do conselho dos filósofos. O julgamento deles, com efeito, mantendo-se incisivo e inapelável no decorrer dos séculos, acabou condicionando quase todos. Mesmo atualmente podemos ainda encontrar textos em que se lê que “o niilismo filosófico de Górgias merece desaparecer da história da filosofia” e que “a sua dissertação irônica sobre a natureza só pode justificar-se dentro da história da retórica”.[480]

Nós, no entanto, neste nosso mundo pequeno, alheios aos monstros sagrados da sabedoria, reivindicamos o conteúdo filosófico do pensamento de Górgias mesmo não compartilhando os seus aspectos morais. Talvez

tenha sido justamente a sua extraordinária capacidade de retórico a fazer com que os historiadores perdessem o rumo: muitos tendem com efeito a considerar Górgias de Leontinos um orador excepcional, e os seus discursos meros virtuosismos. Longe disto, é justamente graças às apologias de Helena e de Palamedes que descobrimos a chave para entendermos a sua filosofia: nestas orações, com efeito, o sofista privilegia a forma em detrimento do conteúdo, não dá a menor importância aos atos da mulher infiel e do traidor Ulisses, e joga toda a responsabilidade na palavra como meio de persuasão.

"Nada existe; e mesmo que alguma coisa houvesse, não poderia entendê-la; e mesmo admitindo que conseguisse entendê-la, não haveria meios de eu comunicá-la aos demais"[481] assim começa o seu livro *Sobre aquilo que não é, isto é, sobre a natureza*.

Com esta premissa Górgias consegue negar a realidade muito mais que Parmênides, Zeno ou Melisso: para eles só existia o Um, para Górgias nem mesmo isto. Sem dúvida alguma trata-se de uma premissa que incomoda bastante qualquer um que professe uma fé: é como se Górgias tivesse dito: "Meus caros amigos, sinto muito por vocês mas aqui a Verdade não existe ou, se preferirem, não está ao nosso alcance, que do ponto de vista prático quer dizer exatamente o mesmo. A única coisa em que podem procurar abrigo é *a relatividade do logos*, isto é, a possibilidade de exercer o poder através da palavra e do pensamento.

Mais duas considerações sobre o personagem:

1) Não conseguimos imaginar uma vida mais aborrecida do que a de Górgias: cento e oito anos sem nunca acreditar em coisa alguma e renunciando ao prazer.

2) Mesmo aceitando como fato pacífico a impossibilidade de conhecer a Verdade, ainda fica a pergunta: é mais importante que ela exista ou que se consiga conhecê-la?

A meu ver *a Verdade existe, pois se não existisse existiria pelo menos o fato de ela não existir*. Mais ou menos como dizer: se a Verdade existe, ela existe e não se fala mais no assunto; se ela não existe, então a não existência dela é uma verdade.

Assim sendo, o único caminho para se chegar, pela lógica, à existência da verdade (ou de Deus, tanto faz) é o método da negatividade positiva:

– Você pode afirmar com certeza que Deus existe?
– Não.
– Pode afirmar com certeza que não existe?
– Também não.
– Está então admitindo que há alguma coisa que você não conhece?
– Estou.
– Nada impede, portanto, que chame de “Deus” esta coisa que você admite desconhecer.
– E se eu quiser chamá-la simplesmente “coisa que desconheço”?
– Tanto faz, o valor dela não muda.

Estas considerações trazem à nossa memória um famoso conto de Borges, a *Biblioteca de Babel*.[482] O escritor imagina estar numa imensa colmeia feita de salas hexagonais com todas as paredes repletas de livros. No meio de cada aposento há um poço, uma espécie de bomba das escadas, que deixa vislumbrar tanto para cima quanto para baixo uma infinidade de mais salas hexagonais, todas apinhadas de livros; e mesmo saindo de um destes aposentos sempre se acaba numa outra galeria vertical. Em resumo: um verdadeiro pesadelo!

Os livros da Biblioteca de Babel têm todos a mesma espessura, 410 páginas, e são incompreensíveis: hrydghbdrskh... é o que se pode ler pegando um qualquer. Depois de muitas reflexões, o velho descobre que os livros são apenas todas as possíveis combinações das vinte e cinco letras do alfabeto, e que portanto a Biblioteca deve conter um número enorme deles.

Tendo em vista a completa casualidade das combinações, vez por outra em algum livro aparece uma frase que faz sentido, do tipo: *ó tempo as tuas pirâmides*. Quando porém fica se sabendo que a Biblioteca-Universo contém todos os livros possíveis, alguém logo levanta a hipótese de também haver, entre eles, o Livro dos Livros, aquele que guarda o segredo da Vida. A partir daí a procura torna-se espasmódica: os homens avançam em grupo, como que alucinados, agarrando os livros, segurando-os ao acaso, para logo a seguir jogá-los para longe ao perceberem que são incompreensíveis. Somente Borges permanece imóvel: já lhe basta a notícia da existência do Livro, e conclui dizendo: *“Que exista o Céu, ainda que o meu lugar esteja no Inferno. Que eu seja ultrajado e aniquilado, mas que por um instante, em algum ser, a Tua imensa Biblioteca se justifique.”*

465 Pausânias, VI 17, 7.
466 Diodoro da Sicília, XII 53, 1.
467 Eliano, *História vária*, XII 32.
468 Diodoro da Sicília, XII 53, 3.
469 Filóstrato, *Vidas dos sofistas*, I 9, 2.
470 Veja *I Presocratici*, cit., vol. II, pp. 905-6.
471 Cícero, *De inventione*, V 2.
472 Isócrates, XV 155 e seguintes.
473 Plínio, *História natural*, XXXIII 83.
474 Filóstrato, *Epístola*, 73.
475 Plutarco, *Preceitos conjugais*, 43; 144 B-C.
476 Luciano, *Os longevos*, 23.
477 Eliano, *História vária*, II 35.
478 Filomela, quando estava a ponto de ser morta pelo marido da sua irmã Procne, Tereu, que a seduzira, foi transformada em rouxinol: veja R. Graves, *I miti greci*, Milão, 1981², pp. 148-9.
479 Aristóteles, *Retórica*, III 3, 1406b 14.
480 H. Gomperz, *Sophistik und Rhetorik*, Leipzig, 1912, p. 35.
481 Sexto Empírico, *Contra os matemáticos*, VII 65.
482 J. L. Borges, *Finzioni*, Turim, 1982³, p. 69.

XXV
O ADVOGADO TANUCCI

Armà datte curaggie, tenimme 'a causa 'mmano.
'A parte ha miso a Porzio, mammà mette a Marciano.

É assim que uma mãe napolitana grita numa poesia de Galdieri,[483] enquanto corre atrás do camburão. "Armando, não desanime, a causa já está no papo. Se os nossos adversários têm o advogado Porzio, nós temos o advogado Marciano." Giovanni Porzio e Gennaro Marciano foram os mais notáveis representantes das crônicas judiciárias napolitanas da primeira metade do século passado. Naquela época os processos penais despertavam um enorme interesse: o povo frequentava as aulas dos tribunais com a mesma assiduidade com que hoje assiste aos episódios de *Dallas* e de *Dinasty*. Era só alguém avisar: "*Porzio vai falar agora!*" e todos ficavam ouvindo sem dar um pio.

Quando houve o processo da Linda Veneziana, Nápoles inteira ficou torcendo pela acusada. Tratava-se do clássico crime passional em defesa da honra: Antonietta Catullo, mãe solteira, matara na Villa Comunale o homem que a seduzira. Defensor, o advogado Alfredo Catapano. A alocução foi concluída com estas palavras: "Soltem-na, libertem-na em nome de todas as mulheres que se sujeitaram à violência, ao engano, à fraude; de todas as mulheres que por necessidade de amor acreditaram na bondade e na sinceridade das falsas promessas, de todas as mulheres que, expostas ao vício, à miséria e à fome, ainda encontram a virtude de ressurgir, de viver e de resgatar-se no amor e na proteção de um filho." A Linda Veneziana foi absolvida e Nápoles enlouqueceu de felicidade. Centenas de mulheres levaram em triunfo o advogado Catapano cantando em coro:

Defendeste a causa
Alfredo Catapano
e agora a gente as palmas
bate para ti.

Os tribunais de Nápoles ficam num velho palácio, o sinistro Castelo Capuano, construído por volta do ano mil por Guilherme II. Nascido como fortaleza, tornou-se mais tarde palácio real, depois residência particular e finalmente prisão e foro de justiça na época do vice-rei Dom Pedro de Toledo.

A não ser pelos carros, não creio que o ambiente que atualmente cerca o antigo castelo seja muito diferente daquele dos vice-reis espanhóis. O sombrio edifício continua marcando todo o bairro com sua ameaçadora presença. As ruelas e os bares da vizinhança estão sempre cheios de advogados de meia-tigela, de ambulantes, de rufiões, de pessoas mais ou menos encrencadas com a justiça, de famílias à espera de um camburão com algum parente, de despachantes à cata *do indivíduo* ao qual entregar *o papelório*. No meio do caminho, entre o beco da Duchesca, cuja mercadoria é barata demais para ser de fato um bom negócio, e a vizinha Porta Capuana mergulhada num mar de buzinas, o tribunal regurgita e vomita continuamente uma multicolorida multidão de personagens já conformados a considerar a lei como mais um evento meteorológico desfavorável.

Nem todos os advogados que se amontoam no grande pátio interno do Castelo Capuano são príncipes do foro; podemos aliás classificá-los em cinco grandes categorias: os advogados de grande renome, os normais, os *paglietta,* os *strascinafacenne* e os moços de escritório.

Os advogados de renome são aqueles que deixam a sua marca na história das crônicas judiciárias: Nicola Amore, Enrico Pessina, Leopoldo Tarantini no século XIX, Gennaro Marciano, Giovanni Porzio, Enrico De Nicola e Alfredo De Marsico no século XX, são os primeiros de que nos lembramos. Cada um com seu estilo oratório que o diferencia dos demais: passional o de Marciano, lírico o de De Marsico, frio e lúcido o de De Nicola.

Certo dia um grande penalista napolitano, o advogado Gaetano Manfredi, concluiu a sua alocução de forma talvez enfática demais: "Estão dizendo, nos corredores, que a minha causa está perdida. Então cairei, mas cairei como uma águia ferida, de asas abertas e de olhos fixos no sol." O seu adversário, Carlo Fiorante, dito "o cáustico", respondeu imediatamente: "O que importa é que caia; quanto ao resto, pode escolher a posição que achar melhor."

Os *strascinafacenne*, às vezes formados em direito mas nem sempre, são uns sujeitos que não param um minuto, sempre prontos a cuidar de qualquer assunto: papelório legal, passaportes, renovação de carteiras, multas etc. São assim chamados porque toda vez que conseguem pôr as mãos num bom cliente *trascinano la faccenda*, isto é, arrastam o caso, por quanto mais tempo possível com o fim de obter pequenos mas contínuos pagamentos.

Quase todos os moços de escritório são... uns velhos colaboradores de advogados, com algumas décadas de experiência legal nas costas, que, apesar de não serem formados, muitas vezes conhecem os códigos melhor do que os titulares.

A personagem do *paglietta* faz parte da história de Nápoles. O *paglietta* apareceu no cenário judicial napolitano no século XVII. Camillo Gurgo descreve-os assim:[484] "Barrigudinho, engraçado, entre o padre e o fidalgo, com suas bragas de seda, as pesadas botas de grandes fivelas lustrosas, a roupa leve que o povo chama de *saraca*, o colarinho azulado chamado justamente de *paglietta*, o amplo chapéu de palha forrado de seda preta e a espada na cintura."

No século XVIII o *paglietta*, isto é, o sofista napolitano em sentido depreciativo, muda de aspecto e torna-se magro, doentio e vestido de forma indefinida. Cerlone, um dramaturgo da época, põe-no na berlinda inventando o personagem de Dom Fastidio de Fastidiis, um leguleio fanfarrão e trapalhão. Benedetto Croce, em nome de todos os advogados napolitanos, e talvez dos sofistas gregos também, protesta, salientando que o tal Fastidio é mais a caricatura de um bobalhão do que do *paglietta*, do qual tudo podemos criticar do ponto de vista da ética profissional, menos a

falta de esperteza. Dom Fastidio de Fastidiis, por sua vez, não passa de um posudo bestarel que só sabe fazer trapalhadas: numa comédia, vira-se para uma nobre dama cujos méritos quer enaltecer, dizendo-lhe: "Oh, minha gentil meretriz!"

Agora, como no passado, o *paglietta* continua presente nas aulas dos tribunais; trata-se provavelmente de um personagem que sobrevive no tempo, como o Fantasma. Plauto retrata-o rapidamente ao escrever "*Os habet linguam, perfidiam, malitiam, atque audaciam, confidentiam, confirmitatem, fraudolentiam*" ("A boca tem língua, perfídia, maldade, e atrevimento, bazófia, teimosia, astúcia").

Dois mil anos mais tarde Maddalari afirma que: "O *paglietta* é o único napolitano a não sofrer da doença do Ideal; ganha até dos porteiros que, a bem da verdade, são pessoas bastante práticas e positivas."

Eu tive a sorte de conhecer um deles: chama-se Annibale Tanucci, e o seu lema é: "A justiça é como um sapato apertado: só dá para entrar usando a calçadeira."

Para que vocês também o conheçam, eis um dos seus discursos.

Senhores juízes, estamos aqui para defender a honra do senhor Esposito Alessandro, dito *a Rinascente*,[485] da acusação de fraude e falsificação de marca de fábrica.

A nossa intenção é demonstrar que não houve fraude, no que diz respeito à primeira imputação, e que o fato não consiste em crime quanto à falsificação da marca de fábrica. Dito isto, vamos examinar os fatos:

No dia 27 de março, Domingo de Ramos, numa bela manhã ensolarada, quando tudo deixava supor que os ânimos das pessoas estariam propensos a desejos de paz, o guarda municipal Abbondanza Michele decidiu multar o meu cliente Esposito Alessandro por venda sem licença de bolsas e sacolas de vários formatos, na calçada diante da igreja de Santa Caterina a Chiaia. No dia seguinte, durante uma visita judiciária dos fiscais de Renda num subsolo localizado no número 25 de Vico Sergente Maggiore, onde justamente o meu cliente mora, foi descoberta uma modesta

linha de montagem das mencionadas bolsas, entregue aos cuidados exclusivos dos membros da família Esposito, e de 28 relógios em perfeitas condições de funcionamento, imitações das seguintes marcas: Rolex, Cartier, Porsche e Piaget.

Para chegarmos ao âmago da acusação, é mister salientar que o material plástico, adquirido e não produzido pelo Esposito a fim de confeccionar as bolsas, levava em sequência tanto vertical quanto horizontal uma série de letras "L" e "V" entrelaçada em forma de logotipo e entremeada por florzinhas. Essas letras seriam as iniciais de um cidadão francês, um tal de Louis Vuitton, ausente desta sala e que não temos o prazer de conhecer.

No caso dos senhores não estarem a par dos preços praticados pela firma Louis Vuitton de Paris, gostaríamos de informar que uma bolsa de tamanho médio, feita de excelente plástico francês, é vendida pelo preço de mais ou menos duzentos euros, enquanto a imitação italiana, confeccionada pelo meu cliente, custa apenas treze euros e, em casos especiais, quando a receita do dia é um tanto minguada, até mesmo apenas dez. Detalhe fundamental: sobre toda a mercadoria estava exposto um cartaz com a escrita:

AUTÊNTICAS BOLSAS LOUIS VUITTON
PERFEITAMENTE IMITADAS

Nesta altura cabe então a pergunta: será que Alessandro Esposito cometeu realmente uma fraude? E o que vem a ser uma "fraude"? Vamos consultar o código. Pois bem... artigo 640... "aquele que com artifício ou má-fé induz alguém ao erro, conseguindo para si injusto proveito, é punido, quando processado pela parte lesa, com a pena de três meses até três anos de prisão e com a multa de vinte a duzentos euros". Percebe-se então que, para haver fraude, é preciso antes de mais nada que haja uma pessoa lesada que foi induzida ao erro: e quem poderia ser tal pessoa? Um cliente de passagem? Não, nada disto, meus senhores, pois neste caso só há duas possibilidades: ou o cliente de passagem leu o cartaz até o fim, e então sabia que se tratava de meras imitações, ou, por desleixo, leu apenas "AUTÊNTICAS BOLSAS LOUIS VUITTON", e então o verdadeiro fraudador é ele, que com só treze

euros queria ficar com um objeto que não se encontra na praça por menos de quatrocentos! E, afinal de contas, o que viria a ser o tal injusto proveito? Os quatro ou cinco euros que o Esposito levava para casa para dividir com a família? Não, meus senhores: a defesa afirma com ênfase que, não havendo defraudados, tampouco há fraude.

Passamos agora à segunda imputação: a falsificação da marca de fábrica. Os grandes mestres da pintura como Giotto, Cimabue e Masaccio não costumavam assinar as suas obras, e isto justamente porque achavam que elas deviam ser apreciadas pelo seu valor intrínseco e não porque levavam a assinatura de fulano ou sicrano. Esta mania da assinatura, com efeito, pode ser considerada uma degenerescência consumista deste século. Hoje em dia a imbecilidade humana, peço vênia pela aspereza do termo, chega a comprar qualquer coisa desde que devidamente assinada.

Nos anos 1950 o pintor Piero Manzoni levou a cabo uma experiência propositalmente provocativa: conseguiu vender os seus excrementos depois de fechá-los hermeticamente (assim espero) numa caixinha com a escrita "merda de artista". Pois bem, exatamente na mesma linha de pensamento, certo dia o senhor Louis Vuitton, de Paris, matutou: "Agora vou confeccionar milhares de bolsas de plástico, escrevo em cima as minhas iniciais, e aí vou vendê-las a dez vezes mais do que valem: e vamos ver quantos bobocas vão cair nessa!" Eu estou falando de Vuitton, mas o mesmo vale para qualquer outra firma com *griffe*: Gucci, Fendi, Armani, Rolex e assim por diante. Não há mais limites: até sentados na privada podemos aproveitar o prazer de estarmos cercados por ladrilhos assinados por Valentino!

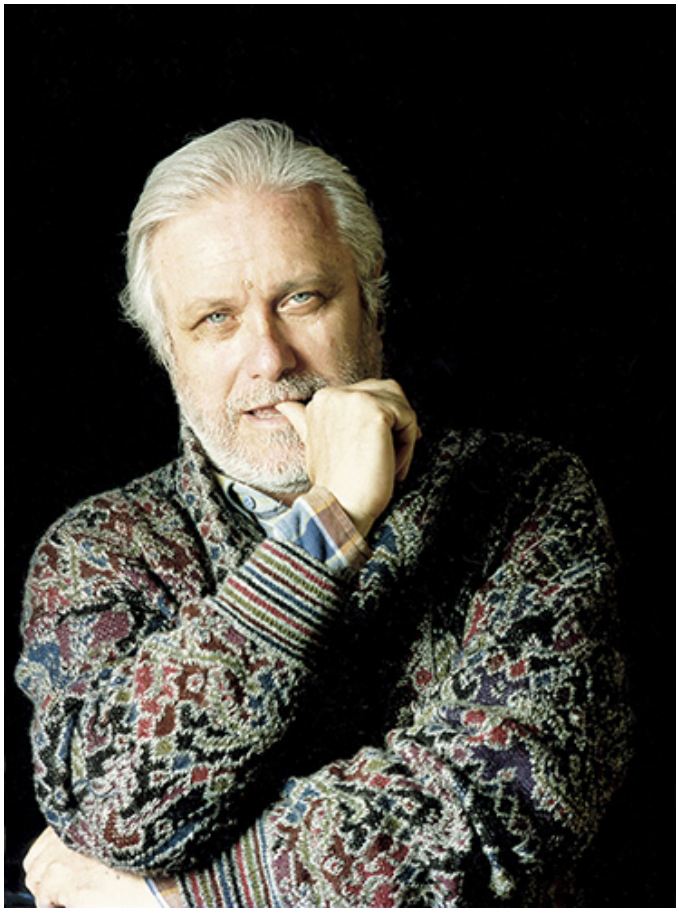
Alguém poderia objetar: "Louis Vuitton não força ninguém a comprar as suas bolsas. Não seria melhor que o seu cliente, em lugar de ficar roubando a marca dos outros, lançasse no mercado um produto dele?" Até parece que estou vendo: dá para imaginar a dama que diz para a amiga: "Ontem comprei um Esposito, você precisa ver como me cai bem!"

Então eu pergunto: existe uma lei que limita de algum modo os lucros do cidadão? Claro que sim, mas é a própria lei do mercado:

se uma firma aumenta demais os seus preços de venda, não vai vender os seus produtos e acaba cedendo espaço à concorrência. E que tal se uma firma dobra a vontade dos seus clientes convencendo-os de que o seu produto é excepcional até mesmo quando é feito de material sintético? Aqui é que são elas, meu caro Vuitton! Artigo 603: "Qualquer um que subjugue uma pessoa à sua vontade de forma a torná-la completamente submissa poderá ser punido com uma pena de 3 a 15 anos de prisão." Agora, se um indivíduo conseguiu convencer milhares de pessoas de que uma bolsa de plástico, embora cheia de logotipos, é melhor do que uma bolsa de couro, então eu digo que esta mesma pessoa reduziu a um estado de completa submissão os seus clientes e, portanto, baseado nesta dedução, acuso o senhor Louis Vuitton, de Paris, de escravidão. Acuso ao mesmo tempo os vendedores de fumaça, os mercadores de assinaturas italianos e estrangeiros, de sujeitar ao seu poder as nossas mulheres e os nossos filhos. Acuso as revistas *FMR* e *Capital* de promover os falsos ídolos de um novo fetichismo. Acuso a mídia, os publicitários, os comerciantes e todos os seus cúmplices de lucro ilegal e indevido. Entrego em suas mãos, senhores juízes, a tarefa de fazer justiça: num prato da balança está Louis Vuitton, Grande Espertalhão Internacional, e no outro Esposito Alessandro, pequeno espertalhão napolitano, pego em flagrante enquanto tentava tirar umas migalhas da mesa do grande rega-bofe!

---

483 Rocco Galdieri, *Mamme napulitane*, da coletânea de poesias editadas por Bideri, Nápoles, 1953.
484 Camillo Gurgo, *Castel Capuano e i paglietta*, Nápoles, 1929.
485 Nome de uma grande loja de departamentos. (N. do T.)



LUCIANO DE CRESCENZO é engenheiro, escritor e diretor de cinema. Autor, entre outros livros, de *Ordem e desordem* e *A dúvida*, ambos publicados pela editora Rocco.